

PESQUISA E EXTENSÃO EM COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

ORGANIZADORES:

Gilson Pôrto Jr.

Sinomar Soares de Carvalho Silva

José Lauro Martins

Leonardo Pinheiro da Silva

Adriano Alves Silva



FELAFACS

Federación Latinoamericana de
Facultades de Comunicación Social



Observatório
Edições

Audiodescrição:

A capa apresenta fundo em tom marrom-terra com o título centralizado, em letras maiúsculas brancas: "PESQUISA E EXTENSÃO EM COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA". Abaixo, em uma caixa cinza-clara, aparecem os nomes dos organizadores em preto: Gilson Pôrto Jr., Sinomar Soares de Carvalho Silva, José Lauro Martins, Leonardo Pinheiro da Silva e Adriano Alves Silva. Na parte inferior esquerda, há uma ilustração de cartas de baralho empilhadas em forma de torre, que se ergue sobre a superfície do planeta Terra, vista parcialmente. A composição visual sugere fragilidade e interconexão, remetendo à complexidade das redes comunicacionais. No canto inferior direito, aparecem dois logotipos: o da FELAFACS (Federação Latino-americana de Faculdades de Comunicação Social), em azul e laranja; e o da Observatório Edições, com formas geométricas em amarelo e verde. A estética geral é sóbria e simbólica, evocando diálogo entre ciência, comunicação e integração latino-americana. Fim da audiodescrição.

Gilson Pôrto Jr.
Sinomar Soares de Carvalho Silva
José Lauro Martins
Leonardo Pinheiro da Silva
Adriano Alves Silva
(Orgs.)

PESQUISA E EXTENSÃO EM COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Observatório Edições
2025

Diagramação/Projeto Gráfico: Gilson Porto Jr. / Leonardo Pinheiro
Arte de capa: Adriano Alves.
Publicado em: Outubro/2025.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Considerando as legislações nacionais e internacionais de ética em pesquisa, de propriedade intelectual e de uso de imagens, os autores de cada trabalho são plenamente responsáveis por todo seu conteúdo (inclusive pelos textos, figuras e fotos nele publicadas), isentando os organizadores de qualquer responsabilidade em todas as possíveis situações.



Todos os livros publicados pelo Selo Observatório/OPAJE estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P473

Pesquisa e Extensão em Comunicação na América Latina. [recurso eletrônico]. / Organização: Gilson Pôrto Jr., Sinomar Soares de Carvalho Filho, José Lauro Martins, Leonardo Pinheiro da Silva, Adriano Alves Silva. – Palmas, TO: Observatório Edições; Felafacs, 2025.
232 p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-988582-9-2

1. Comunicação – Pesquisa – América Latina. 2. Extensão Universitária. 3. Comunicação Comunitária. 4. Estudos latino-americanos. 5. Projetos de Extensão. I. Pôrto Jr., Gilson. II. Silva, Sinomar Soares de Carvalho. III. Martins, José Lauro. IV. Silva, Leonardo Pinheiro da. V. Silva, Adriano Alves.

CDD 378.1030981
CDU 378.1:316.77(8)(0.034)
LCC LC220.5.L29

Marcelo Diniz – Bibliotecário – CRB 2/1533. Resolução CFB 184/2017.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Observatório Edições e/ou do OPAJE/UFT. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Todos os artigos passaram por avaliação dos pares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

REITOR
Prof. Dr. Luís Eduardo Bovolato

Pró-Reitor de Graduação
Prof. Dr. Eduardo Cezari

VICE-REITOR
Prof. Dr. Marcelo Leinerker
Costa

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Profa. Dra. Karleila de Andrade Klinger

Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Profa. Dra. Maria Santana Ferreira dos Santos

Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT)

Dra. Erika da Silva Maciel
Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior
Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma
Dr. José Lauro Martins
Dr. Nelson Russo de Moraes
Dr. Rodrigo Barbosa e Silva
Dra. Marli Terezinha Vieira
Dra. Eliane Marques dos Santos

SELO EDITORIAL Observatório/OPAJE CONSELHO EDITORIAL

PRESIDENTE
Prof. Dr. José Lauro Martins

Membros:

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva
Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul; Universidade Federal do
Amazonas, Brasil

Profa. Dra. Thais de Mendonça Jorge
Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Prof. Dr. Fagno da Silva Soares
Clío & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História
Oral e Memória – Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Brasil

Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro
Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

Prof. Dr. José Manuel Pelóez
Universidade do Minho, Portugal

Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes
Universidade Estadual do Tocantins, Brasil

Como Referenciar

Documento no todo

PÔRTO JR., Gilson; SOARES, SILVA, Sinomar Soares de Carvalho; MARTINS, José Lauro; SILVA, Leonardo Pinheiro da; SILVA, Adriano Alves (Orgs.). PESQUISA E EXTENSÃO EM COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA. Palmas, TO: Observatório Edições; Felafacs, 2025. 232 p. ISBN 978-65-988582-9-2.

Nos Capítulos

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Título do capítulo. //: PÔRTO JR., Gilson; SOARES, SILVA, Sinomar Soares de Carvalho; MARTINS, José Lauro; SILVA, Leonardo Pinheiro da; SILVA, Adriano Alves (Orgs.). PESQUISA E EXTENSÃO EM COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA. Palmas, TO: Observatório Edições; Felafacs, 2025, p. xx-xx.

SUMÁRIO

PREFÁCIO / 9

CAPÍTULO 1 – MUSÓFONO: imersão sensorial. Aproximação ao conflito armado em Rovira – Tolima (2002) / 13

Angie Lorena Machado Rueda

CAPÍTULO 2 – A COMUNICAÇÃO INTERNA NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DOMINICANA: entre o Salário Emocional, a Cultura Organizacional e a Transformação Digital / 27

Massiel Reyes Leconte

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE CITAÇÕES DOS ARTIGOS APRESENTADOS NO GT ESTUDOS DE JORNALISMO DA COMPÓS 2024 / 55

Caroline Carvalho Silva e Ingrid Pereira de Assis

CAPÍTULO 4 – A COMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE FORTALECIMENTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: estudo de caso da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN / 83

Ana Kamila Silva Azevedo e Alberto Efendy Maldonado Gomez de la Torre

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DO GRAU DE UTILIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: estudo de caso contábil na Empresa Gtech Gestão e Tecnologia LTDA / 109

Julia Rodrigues Vidal, Gabriel Machado Santos e Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior

**CAPÍTULO 6 - EXPERIÊNCIAS DA DOR NO ESTUDO DOS CORPOS NO
BOXE / 127**

José Castro Oscar

**CAPÍTULO 7 - RELATIVIDADE RESTRITA E METAFÍSICA: uma janela
para o ser / 143**

Maxwell Diógenes Bandeira de Melo

**CAPÍTULO 8 - MARKETING VERDE E VALORES CULTURAIS: Uma
Análise do Impacto na Formação de Comportamentos de Compra
Pró-ambientais entre os Hispânicos nos Estados Unidos / 161**

Sindy Chapa e Santiago Reyes

**CAPÍTULO 9 – PRODUÇÃO DE VISIBILIDADE DIGITAL: considerações
sobre possíveis abordagens / 165**

Luiz Felipe Vidigal Araujo

**CAPÍTULO 10 – COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL NA GESTÃO
CULTURAL: percepção de gestores culturais voluntários no México /
187**

Verónica Torres Sandoval

**CAPÍTULO 11 – EMPATIA E COMUNICAÇÃO EFICAZ NA RELAÇÃO
ENFERMEIRO–PACIENTE: experiências no Hospital Municipal Dr.
Antônio Carlos de França Neto e Unidade Básica de Saúde Dona
Enite / 205**

ÍNDICE REMISSIVO / 221

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES / 225

Essa obra é composta por 11 textos que retratam o universo da pesquisa acadêmica na América Latina e dá uma amostra como podemos levar a boa informação, principalmente na área da Comunicação Social, sem que a balburdia das informações irrelevantes nos sufoque e dificulte a formação acadêmica.

No primeiro capítulo a autora apresenta uma proposta de reconstrução da memória coletiva em Rovira, município colombiano marcado pela violência da incursão das FARC em 2002. A autora desenvolve o projeto “musófono”, uma cabine telefônica restaurada com gravações de vítimas e ex-combatentes, como dispositivo sensorial de escuta. A pesquisa se fundamenta em teorias da técnica, oralidade e novos materialismos, valorizando a escuta como prática ética. A metodologia é criativa e participativa, com forte vínculo à extensão universitária.

No segundo capítulo apresenta a análise da comunicação interna no setor público dominicano entre 2020 e 2024. A autora destaca que, apesar dos avanços em inovação e digitalização, essa dimensão permanece invisibilizada nas instituições públicas. A pesquisa, de caráter qualitativo, revela que a comunicação interna eficaz é essencial para fortalecer o salário emocional, melhorar o clima organizacional e promover a inovação. Conclui que a comunicação interna deve ser vista como prática democrática, capaz de gerar pertencimento, bem-estar e legitimidade institucional.

O terceiro capítulo apresenta um estudo bibliométrico sobre as referências utilizadas em dez artigos aprovados no Grupo de Trabalho de Jornalismo da Compós. A análise revela padrões de citação, destacando a predominância de autores brasileiros, o uso

crescente de literatura recente e a valorização de periódicos acadêmicos. Observa-se também a força das produções em coautoria e a presença de autocitações e endogenia institucional. Conclui que a bibliometria é uma ferramenta útil para compreender tendências, redes de colaboração e o impacto da produção científica na área do jornalismo.

O quarto capítulo apresenta um estudo de caso sobre a comunicação institucional da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN. As autoras relatam a criação de um plano de comunicação para redes sociais e site, com foco em aproximação com o público e valorização das ações extensionistas. Concluiu que o projeto gerou resultados expressivos em engajamento e visibilidade, consolidando a comunicação como prática estratégica na extensão universitária.

O quinto capítulo apresenta a pesquisa de como a IA é aplicada na rotina contábil. A pesquisa revela que a IA é usada diariamente para automatizar processos, melhorar a comunicação com clientes e reduzir erros em parametrizações tributárias. O estudo destaca que a tecnologia contribui para maior eficiência e confiabilidade das informações contábeis, além de transformar o papel do contador.

O sexto capítulo apresenta uma investigação etnográfica sobre os treinos e vivências de dor em academias de boxe na cidade de San Salvador de Jujuy, Argentina. A pesquisa revela como a dor é incorporada como parte do processo de formação corporal e simbólica dos pugilistas, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e experiências masculinas. O estudo mostra que os corpos dos boxeadores são moldados por práticas que reforçam padrões patriarcais e que a dor, além de física, carrega dimensões sociais, históricas e culturais.

No sétimo capítulo o autor propõe uma reflexão filosófica sobre os impactos da Teoria da Relatividade Restrita na metafísica. Ao romper com os conceitos de tempo e espaço absolutos e abolir o éter, Einstein inaugura uma nova ontologia baseada na relação, na

variabilidade e na interdependência dos entes. Para o autor a relatividade não é apenas uma revolução científica, mas também filosófica, pois desafia categorias clássicas como substância, estrutura e realidade. O texto defende que o progresso científico é também um progresso ontológico, e que a física moderna pode dialogar com uma metafísica crítica, plural e aberta à complexidade do ser.

O capítulo oitavo apresenta a pesquisa que buscou verificar como as campanhas de marketing relacionadas a causas ambientais (CRM) influenciam o comportamento de compra pró-ambiental entre consumidores hispânicos nos EUA. A pesquisa considera fatores como valores culturais coletivistas, identidade de gênero e diferenças geracionais, mostrando que elementos como lealdade ao grupo e responsabilidade social amplificam a receptividade às mensagens ecológicas. A análise, baseada em dados de 2.500 participantes, destaca a importância de estratégias culturalmente sensíveis para promover o consumo consciente.

No nono capítulo o autor propõe uma reflexão metodológica sobre como investigar a produção de visibilidade digital no campo da comunicação, articulando pesquisa acadêmica e extensão universitária. A visibilidade é tratada como fenômeno comunicacional, cuja análise exige compreender imagens como textos e considerar os condicionantes históricos e culturais. O texto defende que a metodologia deve ser flexível, crítica e situada, capaz de conectar teoria e prática em projetos que dialoguem com o tecido social.

No décimo capítulo a autora apresenta a investigação para saber como gestores culturais voluntários no México percebem e praticam a comunicação interpessoal em suas atividades. A autora analisa a importância da competência comunicativa no contexto da gestão cultural, destacando elementos como linguagem verbal e não verbal, flexibilidade, contexto sociocultural e uso de tecnologias. A pesquisa também discute a profissionalização da gestão cultural no

México, evidenciando que a comunicação eficaz fortalece vínculos, legitima práticas e contribui para o reconhecimento social da atividade cultural.

O capítulo final dessa obra apresenta um relato de experiência em dois serviços de saúde no Tocantins, evidenciando como a empatia e a comunicação eficaz são fundamentais na prática de enfermagem. A pesquisa mostra que essas competências não apenas qualificam o cuidado, mas também fortalecem vínculos, reduzem riscos éticos e melhoram o bem-estar de profissionais e pacientes. A comunicação clara e humanizada é destacada como estratégia essencial, especialmente em contextos de recursos limitados. O estudo recomenda capacitações em empatia e escuta ativa, além de políticas públicas que valorizem o papel do enfermeiro como mediador entre paciente e rede de saúde.

Palmas, Tocantins, verão de 2025.

Os organizadores

MUSÓFONO: imersão sensorial. Aproximação ao conflito armado em Rovira – Tolima (2002)

Angie Lorena Machado Rueda

Introdução

Durante décadas, o conflito armado na Colômbia deixou marcas indeléveis em comunidades rurais como a vereda Martínez, em Rovira¹, Tolima. As memórias da violência, transmitidas de geração em geração, permanecem vivas entre os habitantes do município, especialmente naqueles que foram diretamente afetados por incursões guerrilheiras e confrontos armados. Apesar de ter sido

¹ Rovira é um município localizado no centro do Departamento de Tolima, na Colômbia, sobre a cordilheira central dos Andes. Possui quatro pisos bioclimáticos e seis bacias hidrográficas. E embora possua uma origem colonial em relação ao seu núcleo urbano, os trabalhos históricos sobre este município são praticamente inexistentes. Sua geografia montanhosa e acidentada fez dele um lugar de passagem e instalação de guerrilhas e paramilitares; especialmente, ali operou a frente 21 das FARC-EP. Apesar de sua proximidade com Ibagué, capital do Departamento, a 51 quilômetros, continua sujeito a generalizações sobre a zona em que se encontra e a notáveis desconhecimentos de diversa ordem investigativa.

cenário de acontecimentos relevantes, como a incursão da Frente 21 das Farc em 2002, Rovira tem sido historicamente invisibilizada nos estudos acadêmicos e nos registros oficiais do conflito. Esta pesquisa surge como uma resposta a essa omissão, com o objetivo de reconstruir e visibilizar as memórias de vítimas, ex-combatentes e ex-militares por meio de uma abordagem criativa e participativa.

Entende-se, então, que relatar as diferentes formas de violência, especificamente no Departamento de Tolima, resulta repetitivo e perde de vista as possibilidades de contribuição, por exemplo, a partir da arqueologia e da geologia dos meios. Assim, este artigo busca mostrar, por meio de uma iniciativa desenvolvida para o município de Rovira (Tolima, Colômbia)², alguns dos horizontes tanto da perspectiva mencionada — arqueologia e geologia dos meios —, quanto da filosofia da técnica (Stiegler, 2002a, 2002b) e das tecnologias, e dos novos materialismos (Barad, 2007, 2023; Bennett, 2022).

Este proyecto se propuso fundamentalmente contribuir en la comprensión del conflicto colombiano a través de hacer énfasis en una incursión guerrillera el 3 de mayo de Este projeto propôs-se fundamentalmente a contribuir para a compreensão do conflito colombiano, enfatizando uma incursão guerrilheira ocorrida em 3 de maio de 2002 (no município de Rovira). Embora existam diferentes versões do acontecimento³, a escuta de vítimas, ex-combatentes e

² O projeto denomina-se: *“Objetos sensoriais: o design artístico de uma cabine telefônica como estratégia comunicativa para narrar as incursões guerrilheiras durante o conflito armado em Rovira, Playarrica e Roncesvalles – Tolima (2000-2002)”* (Código 80724). Vice-Reitoria de Pesquisa – Criação, Inovação, Extensão e Projeção Social. Direção de Extensão e Projeção Social. Universidade do Tolima. Esta iniciativa teve que se concentrar em Rovira porque, durante seu desenvolvimento, as chamadas “dissidências” das FARC começaram a se fazer presentes na região, dificultando amplamente os deslocamentos em seu interior, assim como as conversas que se pretendiam realizar.

³ O projeto denomina-se: *“Objetos sensoriais: o design artístico de uma cabine telefônica como estratégia comunicativa para narrar as incursões*

ex-militares abriu horizontes para entrecruzar as memórias individuais com as memórias coletivas, em função do esquecimento e do perdão. Assim, o interesse deste documento é valer-se de tais experiências e aportes (do projeto) para avançar em outros caminhos no que diz respeito à pesquisa no campo da Comunicação Social e do Jornalismo, bem como nos diversos estudos sobre as materialidades no conjunto das Ciências Sociais.

Referente teórico

Se a história da humanidade é uma história da técnica, e especificamente dos choques técnicos (Stiegler, 2002a, 2002b, 2015), e a técnica é evidência da memória humana, particularmente de uma memória exossomática, e essa materialização da memória pode ser identificada com os meios (que são máquinas ao mesmo tempo), que por sua vez determinam nossa situação (Kittler, 1999, 2017, 2018), então podemos sustentar que pensar e estudar os meios nos coloca diante dos problemas da memória, que são, por sua vez, problemas da técnica.

A técnica, que se gramatiza de variadas formas em cada época da existência humana em função de uma externalização da memória (Stiegler, 2013), tem como propósito um processo de individuação⁴, o qual, em termos de Simondon, não se reduz a um mero uso, mas em que ocorre uma constituição mútua (Simondon, 2007, 2017). O que é gerado com essa gramatização são objetos técnicos, que são um *fármakon* (F. R. Martínez, 2022a; Stiegler, 2013),

guerrilheiras durante o conflito armado em Rovira, Playarrica e Roncesvalles – Tolima (2000-2002)” (Código 80724). Vice-Reitoria de Pesquisa – Criação, Inovação, Extensão e Projeção Social. Direção de Extensão e Projeção Social. Universidade do Tolima. Esta iniciativa teve que se concentrar em Rovira porque, durante seu desenvolvimento, as chamadas “dissidências” das FARC começaram a se fazer presentes na região, dificultando amplamente os deslocamentos em seu interior, assim como as conversas que se pretendiam realizar.

⁴ Não deve ser confundido de nenhuma maneira com a individualidade.

podendo ser tanto venenosos quanto remediais. E este *fármakon* é um meio, já que, se o entendermos na perspectiva de Parikka, podemos compreendê-lo como um ente de condições materiais, históricas e ecológicas (Parikka, 2012, 2015, 2018); em outras palavras, uma questão de *medianaturas* (Parikka, 2018)⁵.

Esse horizonte nos permite compreender os denominados “meios massivos de comunicação”, mas não nos limitar ao que hoje se entende por eles (Grusin, 2015), já que as comunidades humanas e não humanas têm projetado e utilizado meios para além de máquinas muito determinadas. E também porque entendemos a mediação na perspectiva radical de Grusin (2015), o que implica sustentar que não entramos e saímos dela — a mediação —, mas estamos nela, enquanto condição fundamental para a existência humana. Assim, de todos esses meios possíveis agenciados em localidades, em que a mediação se materializa, é a oralidade que nos oferece maior relevância, já que nela e com ela são consignadas e recompostas as memórias de vítimas, ex-combatentes e ex-militares. As oralidades são um outro-registro, em que, além do aparelho fonador, o conjunto dos corpos nos espaços-tempos são gestores e arquivo de forma simultânea (De Certeau, 1999, 2000; F. Martínez, 2012). Este outro-registro requer outra hermenêutica, uma “hermenêutica torta” (De Certeau, 1999, 2000); estratégias pouco invasivas, mais dispostas ao diálogo do que à extração de dados (Ganduglia, 2022).

Quanto às condições de espacialidade, as localidades, como Rovira (Tolima), resultam fundamentais tanto para a compreensão dos fenômenos quanto para investigações que se caracterizem por

⁵ Parikka (2018) desenvolveu o conceito de “medianaturas” para contribuir com o já desenvolvido por Haraway com “naturoculturas” (2008), buscando ir em sentidos distintos dos dualismos, em particular natureza-cultura. Entendendo, em contrapartida, as co-determinações, as co-emergências, na tentativa de “ilustrar as interações materiais específicas e situadas que implicam práticas tecnológicas de meios.”

ser contributivas. Stiegler e o Coletivo Internación enfatizaram especialmente este último ponto, pois os processos de padronização que vivemos terminam por construir um notável desencantamento do mundo (Gilmozzi et al., 2020; Stiegler, 2014, 2015). Situação rejeitável em meio a localidades que devem buscar recriar-se após décadas de conflito armado. Uma localidade é fundamentalmente um metabolismo, gesto de vida, uma ação comunicativa constante com outras localidades (Gilmozzi et al., 2020; F. Martínez, 2025), em que a memória se materializa e, junto com ela, as possibilidades do que Paul Ricoeur considerou como o perdão enquanto um dom nutrido por um esquecimento feliz, o qual nunca será uma eliminação e tampouco uma imposição de memória (Ricoeur, 2003). Assim, compreender a técnica e as tecnologias é compreender a memória e sua respectiva materialização e práticas nas localidades.

Metodologia

Na medida em que se compreende a oralidade como uma tecnologia, é possível, metodologicamente — e em particular, em termos de método —, oferecer-lhe um lugar além de um “recurso” qualitativo que se manifesta em uma entrevista (F. Martínez, 2025; F. R. Martínez, 2022b). Em cada conversa se manifesta uma “otobiografia” (Derrida, 2009), isto é, uma memória sonora⁶ das vidas

⁶ Chion (1999) sustenta que o som é uma onda que se propaga a partir do “estremecimento” de “corpos sonoros”. Não existe som sem um meio propagador; é, de fato, o “estremecimento do meio em questão”. Essa onda, chamada de “onda fonogênica”, não desloca a matéria, mas a agita. As características físicas próprias do som são a frequência (número de oscilações por segundo, percebida como altura ou massa) e a amplitude da pressão (percebida como intensidade). O som se propaga de forma circular ou esférica e enfraquece com a distância. Experimenta reflexões e refrações em contato com superfícies, criando reverberações.

E o que resulta mais interessante é que o termo “som” é inerentemente ambíguo, designando tanto a vibração física quanto o objeto ouvido, o que gera confusão e dificulta sua “coisificação”. Em outras palavras, a “sensação sonora” não existe fora de nós; o que existe são fenômenos mecânicos que

humanas e não humanas. Contudo, é comum, como parte de um velho erro, supor que o que “recolhemos” em entrevistas e demais atividades seja a “natureza em si mesma”, neste caso humana, da qual derivamos a verdade constituída em substantivo, omitindo que “o instrumento de medição foi construído pelo observador; e devemos lembrar que o que observamos não é a natureza em si mesma, mas a natureza apresentada ao nosso método de investigação” (Heisenberg, n.d.).

Tal como se indicou, a oralidade implica outra forma de hermenêutica (torta), com a qual De Certeau buscou propor outra prática interpretativa, sem um locutor imutável e partindo claramente do lugar de quem interpreta e da importância do ato interpretativo em si mesmo (De Certeau, 1999, 2000). Assim, interpretamos não somente textos visuais, mas ampliamos criativamente os formatos e suportes (F. Martínez, 2012, 2017). Isso implica a materialidade do som (Chion, 1999, 2020; Stepanian Taracido, 2009), sendo uma evidência da materialidade das memórias, já que se consolidou a ideia de que outros tipos de formatos e suportes, com uma suposta durabilidade de sua matéria, resultariam mais confiáveis.

Mas, ao mesmo tempo, a digitalização do som implicou uma padronização, em que se perde a pluralidade da gravação e da transmissão (Stepanian Taracido, 2009). Ainda que não possamos generalizar sustentando que todos ouvimos as mesmas coisas e da mesma maneira. Por isso, e considerando uma aposta de pesquisa-criação do projeto aqui referido, foram utilizados distintos recursos (na gravação e na transmissão), não por acaso a síntese da iniciativa

o nervo auditivo converte em sensação, o que implica que o som (como sensação) não se propaga nem se reflete. Isso faz, como insiste Chion, com que o som adquira uma aparência de “não objeto”, intensificando sua complexidade ao compreendermos a total dependência do som em relação à relatividade do tempo-espaco. Assim, o som nos atravessa, nós o atravessamos.

foi o musófono. Este recurso se caracterizou por ser uma cabine telefônica (das que costumava usar a extinta companhia Telecom na Colômbia), contendo em seu interior um telefone de disco e, em seu inserto, uma gravação com as vozes daqueles que participaram das conversas (ou entrevistas), além de cartas, telegramas e fotografias associadas à incursão guerrilheira já mencionada e ao contexto em Rovira.

Por fim, a pesquisa-criação, que se valeu, durante a realização do projeto, da cocriação, também se alimenta das propostas artísticas e estéticas que Parikka (2015) apresenta como ponto de partida para a geologia dos meios. Esse é o caso do bricolage, ao utilizar os recursos que temos à mão e de acordo com a disponibilidade econômica; o sampleamento, gravando em distintos suportes (desde gravadores, passando por telefones móveis, até sons pré-gravados) e depois os misturando; o circuit bending, para unir e provocar curto-circuitos em diferentes tecnologias e objetos técnicos; e o cut-up, para que os dois anteriores se potencializem na re-criação por meio de fragmentos (F. Martínez, 2019)..

Resultados

A escuta de pessoas vinculadas à incursão guerrilheira no município de Rovira (Tolima, Colômbia), em 3 de maio de 2002, supera os resultados quantitativos e adentra no que se convencionou chamar de âmbito qualitativo. No entanto, isso acaba sendo uma generalidade, e a pontualidade da questão se encontra nas experiências temporais que as pessoas ouvidas e interpeladas reconstituíram e reconstituirão com as interações por meio das instalações do musófono. Foram realizadas oito horas e vinte e dois minutos (8,22) de gravações em diferentes suportes e formatos, um ano de busca por cartas, telegramas e fotografias, no marco de um tempo aproximado de cento e vinte horas (120) de edição sonora.

Este musófono constitui-se de uma cabine, como as existentes há pouco mais de duas décadas de forma massiva em

todas as sedes (em zonas urbanas e rurais) da empresa Telecom⁷, e em cujo interior havia um telefone (de botões ou de disco). Assim, foi colocado um aparelho semelhante, mas conectado a um gravador com fragmentos das vozes registradas. Mas a Telecom também administrava o sistema postal e a evolução do sistema telegráfico, concentrados no que se conheceu como “telegramas”; assim, esses dois elementos também foram incorporados à cabine, não sem antes resgatar a memória e redesenhá-los com mensagens das próprias pessoas que compartilharam suas lembranças. Na região onde o projeto foi desenvolvido, esses elementos, junto com o rádio e um sinal precário de televisão, eram os meios de caráter massivo que permitiam aos moradores e visitantes saber o que acontecia mutuamente. À cabine somaram-se fotografias, já que muitas delas circulavam anexas às cartas e eram conservadas em álbuns familiares.

Assim sendo, e no marco teórico-prático anteriormente sugerido, compreende-se que a ideia do projeto não era apenas gerar um arquivo, mas fundamentalmente provocar a condição agencial do objeto em termos de sensações e, com elas, de memórias (passadas e futuras): todo um “repertório” (Taylor, 2003). Todos esses documentos, com sua respectiva variedade de formatos e suportes, foram oferecidos pelas pessoas participantes como um ato de confiança, precisamente um dos resultados mais importantes. Mas, ainda mais, a cocriação implicou a intervenção dos participantes a propósito das gravações de suas vozes, tanto nos momentos relevantes, quanto nos silêncios e até nas sobreposições, que, posteriormente, no processo de edição, ofereceram o caminho da montagem sonora.

Algo semelhante foi realizado com os outros meios, tanto porque implicava encontrar arquivos pessoais quanto porque, com eles, se recriavam desde os designs até os testemunhos expressos

⁷ Empresa Nacional de Telecomunicações (da Colômbia), existente entre 1947 e 2003.

neles. Em síntese, materializaram-se as memórias por meio de variadas tecnologias, com ênfase nos objetos sonoros e em correspondência com seus suportes originais. E, na medida em que a memória é um fazer-memória (Ricoeur, 2003), o conjunto da cabine telefônica constitui uma forma de provocá-la, ao mesmo tempo em que a expressa objetualmente.

Discussão

Contribuir com perspectivas distintas das concentradas nas mediações, que nem sempre acabam por contribuir com o “social” da Comunicação, é factível ao se propor a discussão de como os meios (e suas respectivas materialidades) condicionam as situações, como sustentou F. Kittler (Kittler, 1999, 2018). Mas, ainda mais, trata-se de reiterar a materialidade da memória e a relevante condição de um verbo, e não de um substantivo que simplesmente se acumula (Ricoeur, 2003).

Cociar, como um ir além das formas colaborativas de pesquisa, rumo a formas contributivas desde e para as investigações. Não por acaso, o projeto em questão encontra seus principais êxitos na alteridade, nessa potência que significa voltar-se para o outro, para o radicalmente Outro (Lévinas, 1993), porque disso depende o valor da escuta. Prestar atenção ao mesmo não desloca, não decompõe, não permite ser afetado. Tanto é assim que se discute a insistência dos meios de comunicação massivos em usar termos desgastados, como “tomada guerrilheira”, para um acontecimento que, segundo as vozes das próprias pessoas daquele dia e sob outras perspectivas, se ajusta melhor a “incursão”. Na Comunicação Social, deve-se recuperar ou introduzir, conforme seja o caso, os problemas do/com o linguajar, os múltiplos jogos que se colocam em marcha, os poderes presentes e as formas de tornar ilegível uma localidade.

Buscar propor outros horizontes de compreensão, a partir de teorias-práticas pouco utilizadas na Colômbia, não corresponde

exclusivamente a uma variação dos resultados, mas implica, antes de qualquer outra coisa, um gesto ético, um conjunto de práticas bioéticas, manifestas em tentativas de reconstruir os tecidos comunicativos. De forma alguma o projeto pretendeu — e pretende — apropriar-se das memórias, e muito menos das objetuais, entendendo os afetos mútuos que elas contêm e geram. Isso é muito diferente do que tem sido feito, em termos gerais, a partir da Comunicação Social em relação ao conflito armado na Colômbia. Por isso, discutir as posturas habituais da Comunicação Social torna-se factível se o compromisso — evidência das condições afetivas, daquilo que Orlando Fals Borda escutou de um pescador, o sentipensante — dialogar com teorias recentes, com métodos renovados, com todo o interesse em cuidar (F. Martínez, 2025), e com a intenção das comunidades de sanar suas dores físicas, mentais e simbólicas.

Conclusões

Partir da discussão epistemológica a respeito da técnica, da memória e dos meios, assim como de uma tradição do campo de estudos da Comunicação Social na Colômbia, permite abrir o horizonte para outras compreensões diferentes das insistentes, neste caso a respeito do conflito colombiano. E, com isso, podemos notar que investigar não é apenas diagnosticar, ou sugerir uma visão sobre um problema, mas também criar e, com isso, inovar.

Assim, o caso aqui referido contribui notavelmente, uma vez que a gestação do que se denominou como *musófono* é, em primeiro lugar, a constatação da potência da escuta, na medida em que as formas pelas quais os indivíduos narraram, se fizeram narração e, com isso, se viram afetados pelos sons, por seus próprios sons. Também porque esse fazer memória, que implicou o desenho do objeto sonoro, amplia e democratiza a informação sobre um fato e sua respectiva constituição em acontecimento, mas, fundamentalmente, permite, por meio de uma “hermenêutica torta”

(De Certeau, 1993, 1999; F. Martínez, 2012), construir sentidos a partir de compreensões variadas.

Esses sentidos alimentaram durante o processo — e continuarão alimentando em cada uma das sessões de escuta posteriores — as experiências temporais, que, longe de aprisionamentos no passado, incentivam formas de diversificar o futuro, para além dos lugares-comuns impostos a Rovira e a outras localidades na Colômbia.

Referencias

- Barad, K. (2007). *Meeting the Universe Halfway. Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Duke University Press.
- Barad, K. (2023). *Cuestión de materia. Trans/Materia/Realidades y performatividad queer de la naturaleza*. Holobionte.
- Bennett, J. (2022). *Materia vibrante. Una ecología política de las cosas*. Caja Negra.
- Chion, M. (1999). *El sonido. Música, cine, literatura...* Paidós.
- Chion, M. (2020). *El sonido: oír, escuchar, observar*. La Marca.
- De Certeau, M. (1993). *La fábula mística*. Universidad Iberoamericana.
- De Certeau, M. (1999). *La escritura de la historia*. Universidad Iberoamericana.
- De Certeau, M. (2000). *La invención de lo cotidiano. 1. Artes de hacer*. Universidad Iberoamericana.
- Derrida, J. (2009). *Otobiografías. La enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio*. Amorrortu.
- Ganduglia, N. (2022). *Historias desde abajo*. Editorial Planeta.
- Gilmozzi, G., Landau, O., Stiegler, B., Berry, D., Baranzoni, S., Clergue, P., & Alombert, A. (2020). Localités, territoires et urbanités à l'âge des plateformes et confrontés aux défis de l'ère Anthropocène. In B. Stiegler (Ed.), *Bifurquier. Il n'y a pas d'alternative* (pp. 81–126). Les Liens qui Libèrent.
- Grusin, R. (2015). Radical Mediation. *Critical Inquiry*, 42, 125–148.

- Heisenberg, W. (n.d.). *Física y filosofía*. Apple Books.
- Kittler, F. (1999). *Gramophone, Film, Typewriter*. Stanford University Press.
- Kittler, F. (2017). *No hay Software y otros ensayos sobre filosofía de la tecnología* (A. Duque & A. Burbano, Eds.). Editorial Universidad de Caldas.
- Kittler, F. (2018). *La verdad del mundo técnico. Ensayos para una genealogía del presente*. Fondo de Cultura Económica.
- Lévinas, E. (1993). *El tiempo y el Otro*. Paidós.
- Marín-Barbero, J. (1991). *De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía*. Gustavo Gilli.
- Martín-Barbero, J., & Rey, G. (1999). La formación del campo de estudios de comunicación en Colombia. *Revista de Estudios Sociales*, 4.
- Martínez, F. (2012). *Exclaustración de ruidos y voces. Oralidad, alteridad y cultura popular*. Universidad del Tolima.
- Martínez, F. (2017). La historiografía en movimiento. Una aproximación a las historias de ciudades en Colombia. *Diálogos*, 21(1), 36–49.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v21i1.35580>
- Martínez, F. (2019). Comprensiones temporales del mundo contemporáneo. Cut-up, disonancias y ciudades. In A. Gómez (Ed.), *Diseño y creación* (pp. 217–224). Universidad de Caldas.
- Martínez, F. (2025). *Luciérnagas. Una teoría farmacológica para un sistema de cuidados*. En edición. Fundación Index.
- Martínez, F. R. (2019). Aportes para una historia de la historiografía de las ciencias sociales en Colombia. In P. Arán & M. Casarin (Eds.), *Ciencias Sociales: balance y perspectivas desde América Latina* (pp. 187–206). Centro de Estudios Avanzados. Universidad Nacional de Córdoba.
- Martínez, F. R. (2022a). La farmacia de Bernard Stiegler. Pensar la memoria y abrir la historia para que la vida merezca ser vivida.

- História Da Historiografia*, 15(39).
<https://doi.org/10.15848/hh.v15i39.1873>
- Martínez, F. R. (2022b). Una escucha para el cuidado. Contribuciones desde el pensamiento de Bernard Stiegler. *Temperamentvm. Revista Internacional de Historia y Pensamiento Enfermero*, 18.
- Parikka, J. (2012). *What is Media Archaeology?* Polity Press.
- Parikka, J. (2015). *The geology of media*. University of Minnesota Press.
- Parikka, J. (2018). Medianatures. *ZMK Zeitschrift Für Medien- Und Kulturforschung. Mediocene*, 9(1), 103–196.
- Ricoeur, P. (2003). *La memoria, la historia, el olvido*. Trotta.
- Simondon, G. (2007). El modo de la existencia de los objetos técnicos. In *Sereal Untuk* (Vol. 51, Issue 1). Prometeo Libros.
- Simondon, G. (2017). *Sobre la técnica (1953-1983)*. Editorial Cactus.
- Stepanian Taracido, E. M. (2009). La materialidad del sonido. Los valores expresivos de la sustancia sonora. *CONO 14, Revista de Comunicación y Tecnologías Emergentes*, 7(2), 292–309.
- Stiegler, B. (2002a). *La técnica y el tiempo. 1. El pecado de Epimeteo*. Editorial Hiru.
- Stiegler, B. (2002b). *La técnica y el tiempo. 2. La desorientación*. Editorial Hiru.
- Stiegler, B. (2013). *What makes life worth living*. Polity Press.
- Stiegler, B. (2014). *Symbolic misery. Volumen one: The Hyperindustrial Epoch*. Polity Press.
- Stiegler, B. (2015). *States of shock. Stupidity and knowledge in the 21st century*. Polity Press.
- Taylor, D. (2003). *The Archive and the Repertoire. Performing Cultural Memory in the Americas*. Duke University Press.

A COMUNICAÇÃO INTERNA NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DOMINICANA: entre o Salário Emocional, a Cultura Organizacional e a Transformação Digital

Massiel Reyes Leconte

Introdução

Nos últimos anos, os debates sobre inovação, transparência e modernização do Estado ganharam força na América Latina, impulsionados tanto por pressões sociais quanto por necessidades internas de melhoria institucional (Pineda e Ramírez, 2020). No entanto, em meio a esses debates, persiste uma ausência estratégica que tem sido sistematicamente invisibilizada: a comunicação interna no setor público. Ao contrário do setor privado, onde esse tipo de comunicação evoluiu para modelos estratégicos, participativos e centrados na gestão do talento humano (Martínez & Sandoval, 2018), em muitas instituições públicas da região ainda predomina uma abordagem tradicional, hierárquica e normativa, centrada na transmissão unilateral de informações.

Essa omissão ganha especial relevância no contexto atual, marcado por transformações estruturais e conjunturais, como a digitalização acelerada, as mudanças geracionais na força de trabalho e, especialmente, o surgimento da pandemia da COVID-19 (CEPAL, 2021). Esses fatores reconfiguraram profundamente as dinâmicas organizacionais, bem como as formas como a comunicação é produzida, transmitida e recebida dentro das instituições. Neste novo cenário, a comunicação interna adquire uma centralidade estratégica, não apenas como ferramenta de gestão, mas também como mecanismo fundamental para promover o bem-estar, o comprometimento e a coesão do pessoal (García-Ochoa & Rodríguez, 2022).

Um dos conceitos que ganhou destaque é o de salário emocional, entendido como o conjunto de benefícios intangíveis que uma organização oferece aos seus colaboradores — como reconhecimento, participação, equilíbrio entre vida pessoal e profissional ou senso de pertencimento — e que afetam diretamente sua satisfação e motivação no trabalho (Pérez-Rodríguez, 2020). Na administração pública dominicana durante o período 2020-2024, esse conceito ganhou especial importância diante das limitações estruturais em matéria de incentivos econômicos e das novas exigências decorrentes da pandemia (Ministério da Administração Pública, 2023).

Nesse contexto, o presente artigo — derivado de uma pesquisa de doutorado em diferentes instituições públicas — busca contribuir para preencher a lacuna de conhecimento em torno da comunicação interna no setor público latino-americano, com especial atenção ao caso dominicano. Por meio de uma metodologia qualitativa baseada em entrevistas, grupos focais e análise documental, exploram-se as relações entre comunicação interna, clima organizacional, inovação pública e salário emocional, propondo uma leitura situada e crítica do fenômeno.

Além disso, são incorporadas duas abordagens emergentes que enriquecem a análise: por um lado, a Educomunicação, que promove uma visão participativa, cultural e transformadora da comunicação institucional (Kaplún, 2002; Ferrés e Piscitelli, 2012); e, por outro, a inteligência artificial (IA), que introduz novas possibilidades para automatizar processos, personalizar mensagens e ampliar os espaços de interação entre pessoas e sistemas (Zuboff, 2019; Hernández e Castro, 2023). A articulação dessas perspectivas permite repensar o papel da comunicação interna não apenas do ponto de vista técnico, mas também político e ético, como um ato democratizador que fortalece o senso de pertencimento e a legitimidade institucional.

Em definitiva, este ensaio parte da tese central de que uma comunicação interna eficaz, adaptada aos novos ambientes digitais e sustentada em práticas educacionais, incide diretamente na satisfação, no comprometimento e no bem-estar dos servidores públicos. Propõe-se, portanto, uma releitura crítica do lugar que essa dimensão ocupa no desenho institucional latino-americano, bem como recomendações práticas para reconfigurá-la como uma estratégia-chave de transformação organizacional e fortalecimento democrático.

O texto está estruturado em cinco seções. Após esta introdução, é apresentado um quadro conceitual que articula as noções de comunicação interna, clima organizacional, salário emocional e inovação pública. Em seguida, são expostas as conclusões mais relevantes do trabalho de campo. Na quarta parte, reflete-se sobre o potencial estratégico e democratizador da comunicação interna em contextos públicos. Por fim, são formuladas conclusões e recomendações voltadas para gestores públicos, acadêmicos e responsáveis por políticas institucionais.

Marco teórico

O quadro teórico deste trabalho articula-se em torno de cinco eixos conceituais fundamentais:

(1) a comunicação organizacional estratégica e sua ligação com a cultura institucional; (2) o salário emocional como componente intangível do bem-estar no trabalho; (3) as epistemologias críticas e descoloniais como ferramentas de análise e transformação; (4) os novos paradigmas comunicacionais em ambientes digitais; e (5) a inteligência artificial e seus dilemas éticos no contexto público.

A comunicação organizacional passou por uma transformação paradigmática que a redefine como um processo estratégico central para a gestão e a transformação cultural nas instituições. Cornelissen (2017) sustenta que a comunicação corporativa vai além da simples transmissão de informações; é um veículo para construir identidade organizacional, cultura compartilhada e legitimidade perante os públicos internos e externos. Essa visão é especialmente crítica na administração pública, onde a comunicação não deve apenas informar, mas também promover a participação democrática e a confiança dos cidadãos (Oszlak, 2020).

Por outro lado, Schein (2010) aponta que a cultura organizacional é composta por um sistema de valores, crenças e práticas tácitas que moldam o comportamento dos membros e configuram as dinâmicas internas. Nas organizações públicas e das dominicanas, essa cultura tem sido historicamente marcada por estruturas hierárquicas, rigidez burocrática e comunicação vertical, o que limita a criatividade, a colaboração e a motivação do pessoal. Transformar essa cultura implica promover espaços de diálogo, reconhecimento e confiança que sejam capazes de gerar uma identidade institucional integradora e dinâmica (Schein, 2010; Zarembo, 2010).

Salário emocional e motivação no trabalho O salário emocional — definido por Torrente (2016) como o conjunto de

benefícios intangíveis que afetam o bem-estar dos funcionários — ganhou relevância no setor público, onde os incentivos econômicos costumam ser regulamentados e limitados. Herzberg (2003) distingue entre fatores higiênicos (salário, condições físicas, segurança) e fatores motivacionais (reconhecimento, responsabilidade, realização), sendo estes últimos os que impulsionam a verdadeira satisfação no trabalho. O reconhecimento simbólico, a participação nas decisões, a conciliação entre vida pessoal e profissional e um ambiente comunicacional saudável são componentes-chave do salário emocional, cuja gestão depende em grande medida de uma comunicação interna eficaz.

Epistemologias críticas e descoloniais Autores como Boaventura de Sousa Santos (2014) e Catherine Walsh (2018) propõem uma crítica ao conhecimento institucional dominante, promovendo epistemologias do Sul que valorizam os conhecimentos locais, a oralidade e a participação simbólica. A partir dessa ótica, a comunicação interna nas instituições públicas deve deixar de ser concebida como uma ferramenta de controle e transmissão vertical de informações, para se tornar um espaço de coconstrução de sentido. Essa visão convida a reconhecer as práticas comunicativas informais, as redes de confiança e as narrativas comunitárias como formas válidas e poderosas de comunicação institucional.

Novos paradigmas comunicacionais O modelo constitutivo da comunicação, proposto por Craig (1999), sustenta que a comunicação não é meramente instrumental, mas um processo social através do qual se criam e negociam significados. No âmbito organizacional, isso se traduz na adoção de práticas como o storytelling emocional, o uso de plataformas colaborativas, a participação simbólica por meio de rituais e celebrações institucionais e o emprego de linguagens acessíveis, criativas e inclusivas. Essas formas emergentes de comunicação permitem

humanizar a instituição, visibilizar as contribuições individuais e fortalecer o senso de pertencimento.

Inteligência artificial e ética comunicacional O surgimento de tecnologias inteligentes apresenta oportunidades e riscos para a gestão comunicativa. Segundo Álvarez (2025), a IA pode agilizar processos e oferecer feedback personalizado, mas também corre o risco de desumanizar a interação institucional. Vidales (2025) adverte que a incorporação da IA deve ser guiada por princípios éticos que privilegiem a participação genuína, a transparência e a proteção de dados. No setor público, o uso ético da IA implica evitar sua instrumentalização para controle ou vigilância e orientá-la para o fortalecimento do salário emocional e da escuta institucional.

Este quadro teórico serve de base para analisar criticamente as dinâmicas comunicativas na administração pública dominicana, integrando abordagens clássicas, contemporâneas e críticas que permitem uma compreensão mais profunda e contextualizada do fenômeno.

Marco conceitual

A comunicação interna: mais do que mensagens, uma construção de sentido

Durante décadas, a comunicação interna foi entendida como um simples canal técnico para transmitir instruções, normas ou avisos administrativos. Essa concepção reducionista — herdada de modelos burocráticos e funcionalistas — limitou seu alcance ao plano operacional, sem reconhecer sua capacidade de moldar as dinâmicas culturais, emocionais e políticas dentro das organizações (Kunsch, 2003; Marchiori, 2008). No entanto, em contextos complexos e mutáveis como os atuais, essa visão é insuficiente.

A comunicação interna não deve ser concebida apenas como a transferência de mensagens, mas como um processo simbólico e estratégico que constrói significados compartilhados, legítima

estruturas de poder, configura identidades laborais e molda a cultura organizacional (Cornelissen, 2017). Cada interação interna — formal ou informal — é uma oportunidade para negociar significados, estabelecer vínculos, expressar emoções e gerar coesão ou fragmentação.

Autores como Kunsch (2003) sustentam que a comunicação interna cumpre uma função integradora que transcende o informativo. É nesse processo que os funcionários compreendem a missão institucional, se vinculam aos valores organizacionais e constroem seu senso de pertencimento. Dessa perspectiva, a comunicação é tão importante quanto qualquer sistema operacional, pois condiciona as formas como as pessoas se sentem parte do projeto institucional ou se distanciam dele.

Em contextos públicos, onde predominam estruturas hierárquicas, processos normativos rígidos e culturas organizacionais conservadoras, a comunicação interna tende a ser vertical, diretiva e pouco participativa (Brandão e Bruno, 2013). Em vez de ser uma ferramenta para fortalecer equipes e promover o diálogo, muitas vezes ela se torna um veículo de controle que reproduz assimetrias de poder e dificulta o exercício da corresponsabilidade.

Além disso, o ecossistema comunicacional interno abrange múltiplas dimensões: boletins institucionais, e-mails oficiais, reuniões de equipe, aplicativos de mensagens instantâneas (como WhatsApp ou Teams), conversas informais nos corredores e até mesmo o silêncio ou a omissão comunicativa. Todos esses elementos — muitas vezes ignorados pelos manuais técnicos — influenciam a maneira como as pessoas se posicionam, interagem e tomam decisões dentro das organizações (Mancinas-Chávez e Rivera-Rogel, 2022).

Portanto, repensar a comunicação interna implica reconhecer seu papel estratégico como geradora de confiança, colaboração e legitimidade institucional. Sua fraqueza não apenas

deteriora o clima organizacional, mas também limita a capacidade de adaptação e inovação das entidades públicas.

O clima organizacional: percepção, emoção e desempenho

O clima organizacional é um dos conceitos mais importantes para compreender o funcionamento emocional e relacional das instituições. Refere-se à percepção que os membros de uma organização têm sobre o ambiente de trabalho em que atuam, incluindo fatores como comunicação, liderança, justiça e organizacional, condições físicas, oportunidades de desenvolvimento e relações entre pares (Chiavenato, 2017; Robbins e Judge, 2015).

Ao contrário da cultura organizacional — que representa um quadro mais estrutural e profundo —, o clima é uma dimensão mais dinâmica e subjetiva, sensível às mudanças na gestão, nos estilos de liderança e nas práticas comunicacionais. Nesse sentido, atua como um termômetro que permite antecipar conflitos, identificar pontos fortes internos e elaborar estratégias de melhoria institucional.

Diversas pesquisas demonstraram que um clima de trabalho positivo está correlacionado com maiores níveis de comprometimento, menor rotatividade de pessoal, redução do absenteísmo, melhor desempenho coletivo e maior satisfação no trabalho (Peiró & González-Romá, 2013). No entanto, esses benefícios dependem em grande medida da existência de canais de comunicação abertos, coerentes e bidirecionais, que permitam a expressão de ideias, emoções e conflitos.

No setor público, o clima organizacional tem sido uma dimensão historicamente relegada nas políticas de gestão. As reformas orientadas para o controle de custos, a padronização de processos ou a tecnificação do serviço têm negligenciado a qualidade de vida institucional dos funcionários, o que gera apatia, desmotivação e resistência à mudança (Crespo e Martínez, 2016). Daí que o fortalecimento do clima organizacional — por meio de

uma comunicação interna eficaz — se torne uma prioridade estratégica para melhorar a eficácia e a legitimidade do Estado.

Inovação institucional e cultura participativa

A inovação institucional deixou de ser um conceito exclusivo do âmbito tecnológico ou empresarial e passou a ocupar um lugar central na agenda de transformação do Estado. Além de incorporar novas ferramentas ou digitalizar serviços, inovar no setor público implica transformar a cultura organizacional, repensar os modelos de liderança e gerar ambientes propícios à criatividade, ao aprendizado e à participação (Ramírez-Alujas, 2014).

Essa abordagem requer a mudança de uma lógica baseada no controle para uma lógica baseada na colaboração. As instituições públicas inovadoras são aquelas que não apenas implementam mudanças externas, mas também ousam repensar suas formas internas de funcionamento: promovem a liderança horizontal, fomentam o diálogo entre áreas, valorizam o conhecimento de seu pessoal e habilitam espaços de experimentação segura (Mulgan, 2009).

Nesse processo, a comunicação interna desempenha um papel fundamental. Um ecossistema comunicacional aberto, horizontal e participativo permite identificar oportunidades de melhoria, antecipar problemas, fortalecer redes internas e mobilizar energias coletivas para objetivos comuns. Em contrapartida, uma cultura do silêncio ou da imposição autoritária gera resistência à mudança e perpetua práticas obsoletas.

A inovação institucional exige, portanto, uma comunicação transformadora que não se limite a informar, mas que seja capaz de empoderar, articular e dinamizar as equipes. Isso requer uma mudança de paradigma na gestão pública: ver os funcionários não como executores passivos de políticas, mas como agentes ativos da transformação organizacional.

A invisibilização da comunicação interna no setor público

Apesar dos avanços no campo da comunicação organizacional, a comunicação interna no setor público continua sendo uma dimensão amplamente invisibilizada tanto na prática institucional quanto na pesquisa acadêmica. Grande parte dos estudos em comunicação política e governamental concentra-se na imagem externa, no marketing institucional ou na relação com os meios de comunicação, deixando de lado as relações internas que sustentam a capacidade operacional do Estado (Brandão & Bruno, 2013).

Essa omissão responde a múltiplos fatores. Em primeiro lugar, a uma visão tecnocrática do Estado, que prioriza indicadores de eficiência e resultados mensuráveis acima das dinâmicas subjetivas ou relacionais. Em segundo lugar, a uma estrutura de poder que não valoriza suficientemente a participação interna e que considera a informação como um recurso de controle mais do que como um direito coletivo (García-Ochoa & Rodríguez, 2022).

No entanto, os efeitos dessa invisibilização são tangíveis: altos níveis de estresse, rotatividade de pessoal, desmotivação crônica, conflitos interdepartamentais e baixa adaptabilidade institucional. Em contextos de mudança — como o pós-COVID-19 — essas deficiências podem se tornar verdadeiros obstáculos para a implementação de políticas públicas eficazes, legítimas e sustentáveis.

Reconhecer e fortalecer a comunicação interna nas instituições públicas não é um luxo nem uma questão estética: é uma necessidade estrutural para construir um Estado mais eficiente, humano e democrático.

Contexto

Na América Latina, o setor público enfrenta desafios históricos relacionados à rigidez institucional, à burocracia excessiva

e à fragmentação na gestão organizacional. Esses obstáculos se traduziram em limitações estruturais para implementar reformas sustentadas em áreas estratégicas como comunicação interna, clima de trabalho e inovação institucional (Pineda e Ramírez, 2020). Embora tenham sido feitos esforços significativos para modernizar os Estados por meio de agendas de governo aberto, transformação digital e profissionalização da função pública, muitas dessas políticas deixaram de lado dimensões organizacionais importantes, como o bem-estar do pessoal e a construção de culturas institucionais participativas.

Esse contexto regional foi intensificado com o surgimento da pandemia da COVID-19, que provocou uma profunda reconfiguração das dinâmicas de trabalho em todo o continente. Em particular, a emergência sanitária obrigou as instituições públicas a adotar modelos de trabalho remoto ou híbrido, acelerar os processos de digitalização e repensar seus esquemas de liderança e gestão de talentos humanos (CEPAL, 2021). Essa situação evidenciou tanto os pontos fortes quanto os pontos fracos das estruturas internas do Estado e expôs a necessidade urgente de fortalecer os mecanismos de comunicação e coesão organizacional.

Na República Dominicana, o período 2020-2024 foi marcado por uma forte pressão institucional para garantir a continuidade dos serviços públicos em meio a restrições sanitárias, limitações orçamentárias e uma cidadania mais exigente. As instituições governamentais, incluindo aquelas ligadas à ciência, tecnologia, saúde, administração pública e desenvolvimento social, enfrentaram um contexto de transformação acelerada. Nesse cenário, a comunicação interna emergiu como uma ferramenta estratégica e e para assegurar a coordenação interdepartamental, manter o moral do pessoal e garantir a implementação eficaz de novas políticas institucionais (Ministério da Administração Pública, 2023).

No entanto, essa mesma conjuntura deixou evidente a falta de preparação estrutural de muitas entidades para gerenciar uma

comunicação interna dinâmica, horizontal e sensível ao contexto humano. A maioria das práticas comunicativas continuou respondendo a lógicas verticais, com baixo nível de participação do pessoal, pouca retroalimentação e uma gestão simbólica limitada das emoções e tensões do ambiente de trabalho (García-Ochoa & Rodríguez, 2022).

Diante da impossibilidade de melhorar significativamente os incentivos salariais, alguns órgãos públicos começaram a explorar alternativas para motivar seus colaboradores, destacando-se o conceito de salário emocional como resposta inovadora às restrições econômicas. Essa abordagem permitiu visibilizar o valor de elementos intangíveis como reconhecimento, estabilidade no emprego, participação e senso de pertencimento como fatores-chave na retenção e satisfação dos funcionários públicos (Pérez-Rodríguez, 2020).

Além disso, duas tendências globais começaram a permear os discursos e práticas de comunicação institucional no setor público dominicano: a Educomunicação, com sua aposta em uma gestão comunicativa transformadora, dialógica e crítica (Kaplún, 2002), e a inteligência artificial (IA), como ferramenta para personalizar, automatizar e tornar mais eficientes os processos comunicativos, embora ainda em fase incipiente de adoção (Hernández & Castro, 2023).

Nesse contexto, o presente trabalho insere-se numa linha de reflexão que busca compreender o papel que a comunicação interna desempenha na construção de uma administração pública mais humana, participativa e resiliente. A análise centra-se nas tensões, oportunidades e aprendizagens emergentes durante o período 2020-2024 na administração pública dominicana, com ênfase em como a gestão do clima de trabalho e do salário emocional pode contribuir para melhorar o desempenho institucional e a legitimidade democrática do Estado.

Metodologia da pesquisa

A presente pesquisa de doutorado adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e abrangente, orientada a compreender em profundidade as práticas, percepções e tensões que configurar a comunicação interna nas instituições do setor público. Partiu-se do pressuposto epistemológico de que a realidade organizacional é construída socialmente e, portanto, só pode ser compreendida a partir das vozes, experiências e sentidos que os próprios atores lhe atribuem.

Abordagem e desenho metodológico

O estudo inscreve-se no paradigma interpretativo, que privilegia a compreensão de significados em vez da medição de variáveis. Utilizou-se um desenho de estudo de múltiplos casos, o que permitiu observar padrões e contrastes em diferentes tipos de instituições (ministérios, organismos descentralizados, entidades autônomas), sem perder a profundidade contextual de cada experiência.

Seleção de casos e participantes

A seleção das instituições foi intencional, com base em critérios de diversidade organizacional (tamanho, função, nível de autonomia) e acessibilidade para o trabalho de campo. Foram incluídas um total de 10 instituições públicas na República Dominicana.

Em cada instituição, foram aplicadas duas técnicas de coleta de informações:

Uma pesquisa estruturada com 20 servidores públicos, com o objetivo de captar percepções gerais sobre a comunicação interna, o clima de trabalho e a participação organizacional.

Cinco entrevistas semiestruturadas com funcionários de diferentes níveis hierárquicos (direção, gerência, supervisão, pessoal

técnico e administrativo), para aprofundar experiências, tensões e significados relacionados à comunicação organizacional.

No total, a amostra foi composta por 200 pessoas pesquisadas e 50 pessoas entrevistadas, garantindo diversidade de gênero, tempo de serviço, nível hierárquico e área funcional.

Técnicas de produção de informação

Foram utilizadas três técnicas principais de produção de informação:

Pesquisas estruturadas: instrumento aplicado a uma ampla amostra de servidores públicos para identificar padrões de percepção em relação à comunicação interna, estilo de liderança, clima organizacional e nível de participação.

Entrevistas semiestruturadas: permitiram aprofundar as experiências individuais, estilos de liderança percebidos, formas de comunicação cotidiana e níveis de participação interna.

Análise documental: foram revisados planos institucionais, organogramas, boletins internos, manuais de comunicação e outros documentos que evidenciam a existência (ou ausência) de estratégias de comunicação interna.

Todas as entrevistas foram gravadas com autorização prévia, transcritas e codificadas por meio de um processo de análise temática, o que permitiu identificar padrões recorrentes e categorias emergentes. As pesquisas foram processadas por meio de análise descritiva, com categorização qualitativa de respostas abertas.

Considerações éticas

A pesquisa respeitou os princípios fundamentais da ética na pesquisa qualitativa: consentimento informado, anonimato dos participantes, confidencialidade das informações e devolução dos resultados às instituições participantes.

Limitações do estudo

Entre as principais limitações, reconhecem-se:

- O caráter não generalizável dos resultados (dado o enfoque qualitativo),
- A possível auto-seleção de participantes mais comprometidos ou críticos,
- E as restrições de acesso a documentos internos em algumas instituições.

No entanto, considera-se que o estudo fornece evidências empíricas valiosas para compreender uma dimensão pouco explorada do funcionamento do Estado: a comunicação interna como condição para o bem-estar, a eficiência e a legitimidade institucional.

Descobertas da pesquisa de doutorado

A presente pesquisa de doutorado adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, centrada em instituições públicas de nível central e descentralizado na América Latina, com ênfase especial no contexto dominicano. Por meio de entrevistas semiestruturadas, grupos focais e análise documental em diversas entidades — incluindo ministérios, órgãos autônomos e direções gerais —, buscou-se identificar práticas, lacunas, tensões e percepções em torno da comunicação interna e sua relação com o clima de trabalho e a cultura organizacional.

O estudo incluiu X participantes de X instituições públicas, representando diferentes níveis hierárquicos, áreas funcionais, antiguidade institucional e perfis sociodemográficos. A amostra foi

selecionada intencionalmente para capturar a diversidade estrutural do setor público e refletir suas dinâmicas internas de comunicação.

Os resultados evidenciam que, apesar dos avanços na modernização institucional e na transformação digital, a comunicação interna continua sendo uma dimensão subestimada e desarticulada em muitas entidades públicas, com efeitos diretos sobre o clima de trabalho, a percepção da liderança e a disposição para a mudança.

Comunicação vertical: entre o controle e o silêncio

Um dos padrões mais recorrentes foi o predomínio de uma comunicação vertical, unidirecional e descendente. As decisões são comunicadas como fatos consumados, sem gerar processos de consulta ou participação prévia. Esse modelo se traduz em uma cultura organizacional centrada no controle e na obediência, onde o diálogo é mínimo ou inexistente.

“Ficamos sabendo das mudanças quando elas já estão assinadas. Nunca nos perguntam nada, apenas nos dizem o que fazer” (Entrevistado #3, instituição A).

Essa lógica reforça hierarquias rígidas, desativa a iniciativa individual e reproduz um ambiente institucional onde os trabalhadores sentem que não têm voz nem influência nas questões que os afetam diretamente. Como resultado, fortalece-se a desmotivação, o distanciamento e a percepção de que a comunicação é uma ferramenta de vigilância mais do que de construção coletiva.

Ausência de planejamento estratégico na comunicação interna

A pesquisa revelou uma notória falta de planejamento e profissionalização em matéria de comunicação interna. Na maioria das instituições analisadas, não existem unidades, pessoal ou orçamentos dedicados exclusivamente a essa função. As ações

comunicativas surgem como respostas improvisadas a situações pontuais, sem alinhamento com os objetivos estratégicos.

“A comunicação interna não está contemplada nos planos operacionais. Faz-se o que se pode, quando há tempo” (Grupo focal, instituição B).

Essa ausência de planejamento gera uma comunicação reativa, fragmentada e incoerente, na qual as mensagens perdem eficácia e credibilidade. A falta de canais institucionais claros favorece a circulação de rumores, a duplicação de esforços e a desconexão entre áreas.

Impacto direto no clima de trabalho

Os resultados mostram uma correlação direta entre a qualidade da comunicação interna e as percepções sobre o clima organizacional. Em contextos onde existiam práticas de escuta, espaços para feedback e canais abertos — embora informais —, os funcionários manifestavam maior senso de pertencimento, disposição para o trabalho colaborativo e confiança na liderança.

Em contrapartida, em ambientes marcados pelo silêncio institucional, os entrevistados expressavam sentimentos de frustração, desinformação e esgotamento emocional. A falta de comunicação gerava isolamento, alimentava tensões interdepartamentais e corroía a coesão interna.

“Quando ninguém comunica nada, a gente começa a supor o pior. Isso gera ansiedade, fofocas e divisão” (Entrevistado nº 5, instituição C).

Comunicação informal como refúgio e estratégia compensatória

Diante da fragilidade dos canais institucionais, a comunicação informal assumia um papel central como espaço de contenção emocional, socialização de decisões e validação simbólica. Grupos de WhatsApp, conversas de corredor ou redes

pessoais eram usados para compartilhar informações, esclarecer dúvidas ou expressar descontentamento.

Embora essa informalidade ajudasse a manter os laços e reduzir tensões, também dava origem a assimetrias informativas, rumores e desconfiança em relação à versão oficial dos fatos. Em muitos casos, aqueles que estavam mais próximos das autoridades tinham acesso mais rápido e detalhado às informações do que o restante do pessoal, reproduzindo desigualdades e gerando ressentimentos.

Percepção da liderança e estilo comunicacional

A liderança institucional foi identificada como um fator-chave que modulava a qualidade da comunicação interna. As experiências mais positivas estavam associadas a gestores que promoviam práticas de comunicação transparentes, próximas e dialógicas. Reuniões periódicas, boletins internos, espaços de escuta ativa e consultas prévias eram bem avaliados pelas equipes.

Por outro lado, lideranças distantes, autoritárias ou inacessíveis eram percebidas como geradoras de mal-estar e desconexão. A comunicação, nesses casos, era vista como uma extensão do estilo pessoal do líder e como um reflexo da cultura organizacional.

“Quando o chefe fala com você e ouve, você se sente parte da instituição. Mas se não há comunicação, você trabalha por obrigação, não por compromisso” (Entrevistado nº 7, instituição C).

O medo de se comunicar: a autocensura como padrão organizacional

Uma descoberta crítica foi a normalização da autocensura nas instituições analisadas. Muitos funcionários evitavam expressar suas opiniões, propor ideias ou, e , questionar decisões por medo de represálias, sanções simbólicas ou perda de oportunidades.

Essa cultura do medo inibia a criatividade, a inovação e a construção coletiva. A comunicação interna era vista não como um direito ou uma ferramenta para o fortalecimento institucional, mas como uma fonte de risco que deveria ser evitada.

“Aqui, dar opinião é perigoso. É melhor ficar calado se quiser manter o emprego” (Grupo focal, instituição E).

Experiências positivas: pequenas ações com grande impacto

Apesar das dificuldades identificadas, o estudo também documentou boas práticas impulsionadas por algumas unidades ou equipes de gestão. Iniciativas como boletins participativos, cafés institucionais, pesquisas anônimas, grupos de melhoria contínua e reuniões com agenda aberta demonstraram que pequenas ações podem gerar grandes transformações na cultura organizacional.

Essas experiências, embora isoladas, mostraram efeitos positivos na motivação, no sentimento de pertencimento e na apropriação dos objetivos institucionais. Seu sucesso baseava-se, principalmente, em seu caráter inclusivo, horizontal e coerente.

“Desde que nos perguntam antes de decidir, sentimos que nossa opinião vale a pena. Isso muda tudo” (Grupo focal, instituição D).

Uma aposta ética e política

Promover uma comunicação interna coerente, transparente e participativa é reconhecer que as pessoas que integram as organizações do Estado não são peças intercambiáveis, nem meros executores de políticas, mas sujeitos com pensamento, emoção, experiência e voz. São atores fundamentais da vida institucional, e seu bem-estar é uma condição estrutural para que o aparato público funcione com legitimidade, criatividade e comprometimento.

Nesse sentido, promover uma comunicação interna saudável é apostar em um Estado que não apenas administra, mas também

humaniza seu próprio funcionamento; um Estado que não apenas resolve problemas externos, mas também se preocupa em cuidar daqueles que trabalham todos os dias para tornar as soluções possíveis.

Trata-se, em definitiva, de reconstruir o contrato simbólico entre o Estado e seu povo, começando por dentro, pela forma como se conversa, se ouve, se reconhece e se compartilha o sentido do trabalho público. Porque sem comunicação, não há comunidade institucional; e sem comunidade, não há democracia possível dentro do Estado.

Conclusões e recomendações: rumo a uma gestão pública mais humana, participativa e eficaz

As conclusões desta pesquisa de doutorado confirmam uma realidade que, embora intuída por muitos servidores públicos, raramente foi abordada de forma sistemática: a comunicação interna no setor público latino-americano é profundamente negligenciada, apesar de seu impacto direto no clima de trabalho, na motivação das equipes e na capacidade institucional de alcançar resultados.

Essa omissão não apenas limita o desenvolvimento organizacional, mas também enfraquece a possibilidade de construir uma gestão pública centrada nas pessoas, na colaboração e no aprendizado constante. Em instituições cuja missão é garantir direitos e prestar serviços fundamentais, as condições internas de trabalho são tanto um meio quanto um fim: não pode haver um Estado forte externamente se ele estiver enfraquecido internamente.

Conclusões principais:

1. ***A comunicação interna continua sendo marginal na gestão pública:*** a maioria das instituições analisadas carece de políticas, planos ou estruturas formais para gerenciar a comunicação interna. Essa situação revela uma visão

instrumental e subordinada da área, reduzida a funções operacionais ou informativas.

2. ***A qualidade da comunicação influencia diretamente o clima de trabalho:*** onde os canais são bidirecionais, a liderança é acessível e há clareza nas mensagens, gera-se um ambiente mais motivado, colaborativo e resiliente. Por outro lado, o silêncio institucional, a ausência de espaços de escuta e a desinformação impactam negativamente o moral das equipes.
3. ***A inovação no setor público requer uma cultura organizacional saudável:*** além da tecnologia ou da reengenharia de processos, a inovação institucional precisa de uma base relacional forte. A comunicação interna constitui o tecido que articula essa base: sem ela, qualquer tentativa de transformação tende ao fracasso ou à superficialidade.
4. ***Existe uma ligação direta entre comunicação, participação e legitimidade:*** instituições que promovem o diálogo interno, a corresponsabilidade e a transparência interna constroem maior legitimidade entre seus funcionários. Esse capital interno se projeta, por sua vez, na relação com os cidadãos e no cumprimento das funções públicas.

Recomendações para avançar

Com base no estudo, propõem-se as seguintes linhas de ação para fortalecer a comunicação interna no setor público:

- A. Institucionalizar a comunicação interna como política organizacional
- Incluir a comunicação interna nos planos estratégicos e operacionais.

- Alocar recursos orçamentários e humanos para sua gestão.
- Estabelecer normas internas que definam princípios, canais, responsabilidades e protocolos.

B. Criar equipes técnicas especializadas

- Profissionalizar a área com pessoal formado em comunicação organizacional e gestão pública.
- Articular a comunicação interna com as áreas de recursos humanos, planejamento e qualidade.
- Promover uma cultura colaborativa entre os diferentes níveis hierárquicos.

C. Promover lideranças comunicativas

- Capacitar os gestores em habilidades de comunicação interpessoal, escuta ativa e liderança participativa.
- Reconhecer e replicar boas práticas comunicacionais na gestão institucional.
- Avaliar periodicamente a percepção da liderança a partir da dimensão comunicativa.

D. Estabelecer mecanismos de feedback e diálogo

- Implementar espaços regulares de intercâmbio (reuniões abertas, caixas de correio digitais, pesquisas de opinião).
- Sistematizar e responder às contribuições do pessoal, gerando um circuito de confiança.

- Construir canais seguros para a expressão de discordâncias ou sugestões sem medo de represálias.
E. Avaliar o clima organizacional com foco na comunicação
- Incluir variáveis comunicacionais nos diagnósticos do clima de trabalho.
- Medir o impacto das ações comunicacionais sobre a motivação, a satisfação e o comprometimento.
Utilizar os resultados para ajustar estratégias internas e tomar decisões mais informadas.

Caminhos para pesquisas futuras

Esta tese abre múltiplas linhas para continuar aprofundando o conhecimento sobre a comunicação interna no setor público.

Algumas propostas de continuidade incluem:

- Estudos comparativos entre diferentes instituições ou países da América Latina.
- Análise dos efeitos da comunicação interna em contextos de crise (pandemias, transições políticas, reformas estruturais).
- Avaliações longitudinais sobre o impacto dos programas de fortalecimento da comunicação interna.

Exploração das particularidades da comunicação interna em governos locais, universidades públicas e empresas estatais.

Um apelo para repensar o público a partir de dentro

O fortalecimento do setor público não pode ser reduzido ou limitado exclusivamente à promulgação de novas leis, ao desenvolvimento de plataformas digitais inovadoras ou à implementação de programas governamentais mais eficientes.

Essas ações, sem dúvida necessárias, constituem apenas uma parte da complexa estrutura que sustenta o funcionamento do Estado. A verdadeira mudança e a consolidação de um setor público sólido, resiliente e legítimo dependem também, e talvez de maneira fundamental, da qualidade das relações internas que se constroem dentro das próprias instituições.

Nesse sentido, a maneira como as instituições públicas se comunicam entre si, se ouvem mutuamente, se cuidam e se reconhecem internamente torna-se um fator crítico para a transformação organizacional. A comunicação interna é o canal onde se tecem as conexões humanas que sustentam a colaboração, a confiança e o senso de propósito compartilhado. Quando esse canal está deteriorado ou é ignorado, o setor público se torna vulnerável à desmotivação, à fragmentação e à falta de comprometimento.

A comunicação interna não é simplesmente um processo técnico ou administrativo; é um ato profundamente humano e um exercício diário de democracia interna. Ela se manifesta em cada diálogo aberto, em cada espaço de escuta genuína, em cada gesto de reconhecimento entre colegas. É, em essência, a prática diária que fortalece os laços de pertencimento e corresponsabilidade, que transforma uma mera soma de indivíduos em uma comunidade institucional coesa e capaz de responder com eficácia às demandas sociais.

Reconhecer e valorizar a comunicação interna em sua justa medida significa avançar em direção a um Estado mais próximo de seus próprios funcionários e, por extensão, mais acessível e sensível às necessidades dos cidadãos. Um Estado consciente de que sua eficácia não reside apenas na qualidade de seus serviços ou políticas, mas também no bem-estar e na motivação daqueles que os executam.

Esta aposta implica, além disso, um compromisso ético: cuidar das pessoas que fazem parte do setor público, fomentar

ambientes de trabalho saudáveis e promover uma cultura institucional que privilegie a transparência, a participação e o respeito mútuo. Só assim será possível construir uma função pública que reflita em seu interior os valores da democracia que busca sustentar.

Em definitiva, repensar o público a partir de dentro é compreender que a força e a legitimidade do Estado começam pela forma como ele se comunica, se escuta e se reconhece a si mesmo. É um apelo para olhar para dentro com a mesma intensidade e compromisso com que se atendem os desafios externos, porque somente a partir desse olhar interno renovado poderá emergir um setor público mais humano, mais coerente e mais eficaz.

Referências

Bennis, W., & Nanus, B. (2007). *Líderes: Estratégias para assumir o comando* (2ª ed.).

HarperBusiness.

Bovaird, T. (2007). Além do engajamento e da participação: coprodução de serviços públicos pelo usuário e pela comunidade. *Public Administration Review*, 67(5), 846–860. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6210.2007.00773.x>

Brandão, A. F., & Bruno, F. (2013). Comunicação organizacional pública: Reflexões sobre um campo em construção. *Revista Famecos*, 20(3), 102–110. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2013.3.15029>

Chiavenato, I. (2004). *Gestão do talento humano*. McGraw-Hill Interamericana.

Cornelissen, J. (2017). *Comunicação corporativa: Guia para a teoria e a prática* (5ª ed.).

Costa, J. (2009). *A imagem de marca: um fenômeno social*. Barcelona: Paidós.

Craig, R. T. (1999). A teoria da comunicação como campo. *Teoria da Comunicação*, 9(2), 119–161. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.1999.tb00355.x>

Crespo, J., & Martínez, A. (2016). Clima organizacional no setor público: uma variável esquecida na gestão institucional. *Revista Administração Pública e Sociedade*, 17(2), 89–105.

De Sousa Santos, B. (2014). *Epistemologias do Sul: Perspectivas*. Siglo XXI Editores.

Fernández, A., & Pardo, M. (2020). *A comunicação interna em tempos de mudança: Perspectivas da gestão pública*. Editorial UOC.

Herzberg, F. (2003). *Mais uma vez: como motivar os funcionários?* Harvard Business Review Press. (Trabalho original publicado em 1968).

Katz, D., & Kahn, R. L. (1978). *A psicologia social das organizações* (2ª ed.). Wiley.

Kunsch, M. M. K. (2003). *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. São Paulo: Summus.

Marchiori, M. (2008). Comunicação interna como processo estratégico de gestão. *Organicom*, 5(9), 55–67.

Ministério da Administração Pública. (2022). *Relatório de avaliação do clima organizacional e liderança institucional em entidades públicas da República Dominicana*. <https://www.map.gob.do>

Mulgan, G. (2009). *A arte da estratégia pública: Mobilizando poder e conhecimento para o bem comum*. Oxford University Press.

Oszlak, O. (2020). *O Estado à deriva: a reforma do setor público na América Latina*.

Robbins, S. P., & Judge, T. A. (2015). *Comportamento organizacional* (16ª ed.). México: Pearson.

Schein, E. H. (2010). *Cultura organizacional e liderança* (4ª ed.). Jossey-Bass.

Torquato, G. (2002). *Tratado de comunicação organizacional e política*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Torrente, P. (2016). Salário emocional: Como aumentar a motivação e o comprometimento dos funcionários sem aumentar o salário. Editorial ESIC.

Walsh, C. (2018). Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: perspectivas do Sul.

Edições Abya-Yala.

Zaremba, A. J. (2010). Comunicação organizacional. Oxford University Press.

ANÁLISE DE CITAÇÕES DOS ARTIGOS APRESENTADOS NO GT ESTUDOS DE JORNALISMO DA COMPÓS 2024⁸

Caroline Carvalho Silva
Ingrid Pereira de Assis

Introdução

Seja para sustentar uma hipótese, defender uma ideia ou ilustrar um raciocínio, a citação é frequentemente empregada em textos acadêmicos, constituindo, assim, o referencial de uma pesquisa. Nesse sentido, sua principal função é fundamentar as construções teóricas e metodológicas de uma pesquisa, mas, ao mesmo tempo, correlacionar textos, evidenciando, dessa forma, a presença de “elos entre indivíduos, instituições e áreas de pesquisa” (Rodrigues, 1982, p. 36).

De acordo com Romancini (2010), devido ao seu caráter recursivo – em que um texto pode citar outros que, por sua vez, tem relação e cita outros textos –, as citações formam uma grande rede

⁸ Realizado com apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil.

de conexões capazes de revelar padrões e características de um grupo. É “esse aspecto que enseja possibilidades de uso das citações no estudo da ciência de maneira mais ampla, pois o nível micro (a citação) conecta-se com o macro (o sistema científico do qual a citação faz parte)” (Romancini, 2010, p. 20).

Diante desse cenário, analisar as citações de um trabalho acadêmico contribui para “avaliar a informação coletada pelo tipo de literatura utilizada, dirigir o leitor para outras fontes de informação sobre o assunto, além de contribuir para o reconhecimento de um cientista em particular entre os pares” (Noronha, 1998, p. 1).

Considerando tais aspectos, este artigo tem como objetivo principal realizar uma análise das referências, por meio de um método de sistematização de literatura quantitativo (bibliometria), dos dez artigos aprovados no Grupo de Trabalho (GT) de Estudos de Jornalismo do 33º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) 2024, com o objetivo de identificar referências basilares ainda em voga neste espaço científico e referenciais em ascensão.

A escolha desse *corpus* se dá pela importância deste evento no calendário científico brasileiro. A Compós é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que congrega os Programas de Pós-Graduação em Comunicação em nível de Mestrado e/ou Doutorado no Brasil. Sendo assim, é um espaço de debate científico qualificado e que, portanto, colabora para a qualificação crescente da pós-graduação e da ciência em Comunicação no país. Já o GT de Estudos de Jornalismo é o único que se volta, especificamente, para a área de Jornalismo no geral no evento, além de ser um dos GTs com o maior número de submissões anualmente.

Para cumprir com tal objetivo, primeiramente, este artigo detalha os procedimentos metodológicos acionados, no tópico seguinte, para, posteriormente, trazer os resultados alcançados e a análise a partir deles.

Procedimentos metodológicos

Os métodos de sistematização de literatura podem ser divididos em duas abordagens, uma mais quantitativa e outra qualitativa. Dentre os principais métodos quantitativos, acionados no âmbito das ciências sociais aplicadas, estão a bibliometria e a meta-análise (Chueke; Amatucci; 2022). Neste artigo, escolheu-se enquanto método, os procedimentos dos estudos bibliométricos, visto que eles agregam a análise de citações.

Por meio da aplicação de cálculos matemáticos e estatísticos, a análise das citações/referências torna possível a construção de indicadores que mostram a dinâmica e a evolução da informação científica de uma área – neste caso específico, será aplicado ao Jornalismo.

Sanz Casado (1994), por exemplo, também afirma que tal método favorece o entendimento dos hábitos de informação de certos grupos de usuários, já que é comum que pesquisadores se baseiem em publicações anteriores para a elaboração de suas próprias pesquisas. Levando isso em consideração, Primo *et. al.* (2009) pondera que, atualmente, a cultura das publicações está diretamente ligada à cultura das citações, de modo que um trabalho científico pode ser facilmente reconhecido por suas referências a outras publicações.

É importante pontuar que a análise de citações se estabeleceu através da criação dos chamados índices de citações científicas, desenvolvidos pelo Institute for Scientific Information (ISI), em 1958, nos Estados Unidos. A visão funcionalista que cercava a ciência na época também contribuiu para essa consolidação, já que obrigou cientistas a concorrerem mais uns contra os outros, em decorrência da diminuição de fundos públicos para as pesquisas na década de 1960 (Cronin, 1984; King, 1987; Wouters, 1999).

Esse panorama, então, impulsionou significativamente a utilização de técnicas quantitativas de análise e de índices de citação,

permitindo, portanto, a formulação de uma nova representação da ciência e de uma nova imagem da própria literatura científica. Ademais, conforme acrescenta Romancini (2010, p. 21), a citação, logo, seria “uma representação de ‘segunda ordem’ da ciência, já que os próprios textos das quais elas provêm, igual e inicialmente, servem como uma representação desta prática”.

Por meio da análise de citações, é possível, à vista disso, obter uma medida de impacto, ou seja, mensurar a quantidade de vezes que um trabalho é citado em outros textos acadêmicos. Isto se deve, principalmente, ao fato de que trabalhos citados com maior frequência são considerados mais influentes/importantes dentro de uma determinada área de estudo.

Além disso, através deste tipo de análise, é viável, ainda, identificar a preferência por correntes teóricas ou metodológicas, o aparecimento de novas tendências nas pesquisas, a inclinação por certos tipos de publicação, idiomas e países, além da predileção por determinados tipos de periódicos.

Outro ponto importante a ser mencionado, para Rosseau (1998), é a variação nos hábitos de citação. De acordo com o autor, tal variação ocorre em decorrência da idade das publicações usadas, da proximidade, do idioma das fontes e, até mesmo, de outros aspectos que cercam a própria produção do conhecimento. Velho (1976) aponta, ainda, outro fator capaz de revelar os padrões de citação das produções acadêmicas: o passado educacional dos autores.

Se os pesquisadores fizeram doutorado no exterior, é bem possível que as referências à literatura internacional sejam as mesmas dos livros e artigos que encontraram na instituição em que se intitularam ou que sejam as mesmas indicadas por seu orientador. E esse processo se perpetua [...] (Primo *et al.*, 2009, p. 3).

Outra coisa a ser levada em consideração é a citação doméstica, que nada mais é do que a tendência a utilizar citações de pesquisadores da própria instituição nas produções acadêmicas. Segundo Primo et al. (2009, p. 3), “esta prática pode indicar uma proximidade paradigmática, mas também pode ser vista como uma limitação de conhecimento que não vai além das fronteiras da própria instituição, indicando um grau significativo de endogenia”.

À vista disso, é evidente que vários são os fatores que contribuem para a escolha de determinados tipos de fontes em detrimento de outras. Para Carvalho (1975, p. 119), “não se pode esperar que todos os autores sejam cuidadosos, objetivos e conscientes no momento de mencionar suas fontes de informação. Alguns pecam por excesso, outros por omissão”.

Primo et al. (2009, p. 4) chamam a atenção, também, para as autocitações, afirmando ser “uma das práticas mais problemáticas para estudar as citações”. Isto ocorre porque podem estar envolvidos, nesta prática, o narcisismo, a necessidade de autopromoção (visto que os pesquisadores são cada vez mais cobrados de serem citados) ou de mostrar que já vem pesquisando determinado tema há mais tempo.

Reconhece-se, portanto, perante todo o panorama traçado, que a análise de citações, quando utilizada como único método, merece cuidado e atenção. Primo et al. (2009, p. 4) advertem, por exemplo, que “muitas vezes, a simples mensuração das referências e de seus elementos básicos se torna insuficiente para estudar o fenômeno das citações, devendo ser acompanhada de estudos qualitativos”.

Para este estudo bibliométrico, selecionou-se, conforme já mencionado, os dez artigos aprovados no GT de Estudos de Jornalismo, do 33º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), entre os dias 23 a 26 de

julho de 2024. Para que a análise fosse empreendida, primeiro, realizou-se o *download* em PDF dos dez trabalhos que compõem o GT, disponíveis na aba “Compós 2024”⁹.

Em seguida, em uma planilha, foram organizadas as referências bibliográficas dos próprios trabalhos analisados, com os seus respectivos autores, instituições as quais se vinculam e, por fim, cada palavra-chave utilizada (<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1GYgc4wgterVSK4YxaL2aWdlUcvEzhZN0/edit?usp=sharing&ouid=102252750629284128262&rtpof=true&sd=true>). Em outra planilha, foram sistematizadas as referências bibliográficas encontradas em cada um desses dez trabalhos armazenados, com seus respectivos autores, instituições as quais se vinculam (em caso de brasileiros, pertencentes a instituições brasileiras), ano e tipo de publicação (livro, capítulo de livro, artigo publicado em periódico ou anais) (<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1WPSutrxmltec2m3KG7LYTdgr3kjnnC/edit?usp=sharing&ouid=102252750629284128262&rtpof=true&sd=true>).

Ao todo, foram coletadas 321 referências, incluídas as autocitações, nos dez trabalhos selecionados. Ressalta-se que todo o trabalho de coleta, curadoria e tratamento dos dados, além da análise empreendida – que será explicada no próximo tópico – foi realizado manualmente e com o auxílio do Google Sheets.

Resultados e análise: o que dizem os números?

Em relação à autoria, foi constatado que, dos dez artigos coletados, quatro foram escritos por dois autores (40%), três trabalhos foram assinados por apenas um autor (30%), dois artigos apresentaram quatro autores (20%) e apenas um trabalho teve a colaboração de três pessoas (10%). Esses dados revelam que, pelo

⁹ Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos?lang=pt-br>

menos, neste GT, em 2024, houve uma intensa mobilização de esforços coletivos para a produção das investigações, contrariando a tendência da produção científica individual. Frisa-se também o número máximo de coautoria em quatro, o que contraria a prática predatória do artigo “cabide”, escrito por poucos e assinado por vários. Faz-se importante explicar, aqui, que não é porque um artigo apresenta mais de cinco autores que ele se torna um artigo cabide, mas a prática pode ser identificada em algumas produções com um número alto de autores.

Essas tendências se mantêm quando analisadas as autorias das 321 referências: 228 delas foram assinadas por apenas um autor (71%), enquanto que 61 referências (19%) reuniram dois autores. Das referências assinadas por três pessoas, foram encontradas 20 (6%); seis referências tinham a colaboração de quatro autores (2%); e outras seis apresentaram cinco ou mais responsáveis (2%).

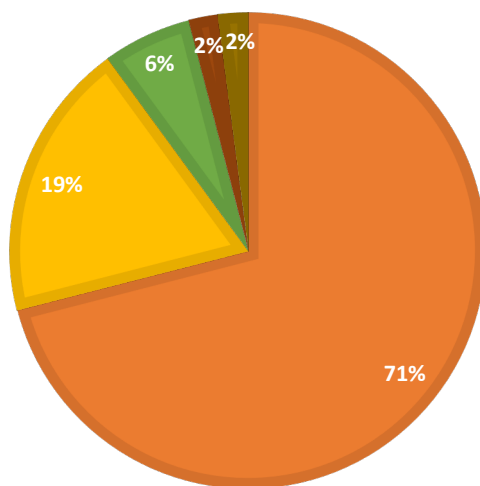
Entre essas seis referências que apresentaram mais de cinco autores, destaca-se “Fundamentals of 5G Mobile Networks”, de 2015, um livro que teve contribuição de mais de 51 pessoas (divididas entre os capítulos), usado como referência para a produção do artigo de Felipe Moura de Oliveira e Guilherme Maia, intitulado “Projetando a tecnologia 5G: reflexões a partir da filosofia do jornalismo”, que compõe o GT de Estudos de Jornalismo da Compós 2024.

Além disso, outro ponto que merece atenção é que, dentro das obras classificadas como “assinadas por apenas um autor” (71%), quatro referências (o que corresponderia a 1%) foram encontradas sob a regra de “autoria não identificada”, permitida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Entretanto, em pesquisas posteriores, a autora deste trabalho conseguiu encontrar estas quatro autorias, que corresponderam, portanto, a “referências assinadas por apenas um autor”.

Gráfico 1 – Quantidade total de autores nas 321 referências.

QUANTIDADE DE AUTORES

■ 1 autor ■ 2 autores ■ 3 autores ■ 4 autores ■ 5 ou mais



Fonte: Gráfico elaborado a partir do levantamento das autoras deste artigo, 2025.

Diante deste cenário, os números comprovam que, em geral, há, realmente, uma preferência por trabalhos acadêmicos que possuam apenas um autor à frente, pois são os trabalhos mais referenciados. Depois, seguem os trabalhos que possuem coautorias, sejam elas de dois, três, quatro, cinco ou mais pessoas.

No que se refere à nacionalidade, verificou-se que as publicações de autores brasileiros tiveram maior destaque, com 164 referências (51,1%), nos dez trabalhos analisados. Enquanto que as referências a publicações de autores estrangeiros ocuparam o segundo lugar, com 156 aparições (48,6%). Foi possível aferir, ainda, um caso em que autores nacionais e estrangeiros trabalharam e publicaram juntos (0,3%). Estão descritos, no quadro abaixo, a

quantidade de autores nacionais e estrangeiros acionados em cada artigo coletado.

Quadro 1 – Nacionalidade dos autores referenciados

ARTIGO	NACIONALIDADE			TOT AL
	Brasileira	Estrangei ra	Mi sto	
VALOR-NOTÍCIA, FATOR-NOTÍCIA E NOTICIABILIDADE: análise comparativa das literaturas brasileira e estrangeira	7	23	-	30
	23%	77%	-	100 %
TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS ACIDENTADAS: seis padrões de carreira no jornalismo brasileiro	11	6	1	18
	61%	33%	6%	100 %
IMPLICAÇÕES DO USO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NO WORK- LIFE BALANCE DE JORNALISTAS BRASILEIROS	11	27	-	38
	29%	71%	-	100 %
PROJETANDO A TECNOLOGIA 5G: reflexões a partir da filosofia do jornalismo	34	13	-	47
	72%	28%	-	100 %
A COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA NO GOOGLE: como a Inteligência Artificial é retratada em	11	18	-	29
	38%	62%	-	100 %

entrevistas com especialistas				
A midiatização das narrativas jornalísticas de subjetividade	17	5	-	22
	77%	23%	-	100 %
"JORNALISMO FOI O QUE OS HOMENS FIZERAM COMIGO": o Projeto Folha e o Projeto Otávio nos textos de Marilene Felinto	25	5	-	30
	83%	17%	-	100 %
JORNALISMO, RACISMO E (DE) COLONIALIDADES NOS COLETIVOS ALMA PRETA E NÓS MULHERES DA PERIFERIA	20	7	-	27
	74%	26%	-	100 %
AS REFERÊNCIAS DO JORNALISMO: cadeias de referência de checagens sobre a Covid-19	10	31	-	41
	24%	76%	-	100 %
A EVOLUÇÃO MULTIMODAL DO LONGFORM: formatos digitais que consolidam o jornalismo lento	18	21	-	39
	46%	54%	-	100 %
TOTAL	164	156	1	321

	51,1%	48,6%	0,3 %	100 %
--	-------	-------	----------	----------

Fonte: Quadro elaborado a partir do levantamento das autoras deste artigo, 2025.

Nota-se que o artigo que mais utilizou obras de autores nacionais foi “‘Jornalismo foi o que os homens fizeram comigo’: o Projeto Folha e o Projeto Otávio nos textos de Marilene Felinto”, escrito por Fabiana Moraes, que contou com 25 referências nacionais, o que corresponde a 83% do total do artigo. Supõe-se que uma das explicações para isto se dê em razão do próprio objeto de pesquisa do artigo, que tratou de projetos e personalidades brasileiras, mas não se exclui dessa percepção a própria trajetória da pesquisadora, embora não se vá aprofundar neste aspecto aqui.

Em contrapartida, o artigo que mais usou referências de autores estrangeiros (77%) foi o “Valor-notícia, fator-notícia e noticiabilidade: análise comparativa das literaturas brasileira e estrangeira”, escrito por Lia da Fonseca Seixas e Larissa Molina. Diante disso, supõe-se que isto tenha ocorrido devido à própria análise comparativa realizada pelas autoras, conforme descrito no próprio título da investigação.

Além disso, percebe-se que o artigo “Projetando a tecnologia 5G: reflexões a partir da filosofia do jornalismo” foi o trabalho acadêmico que mais utilizou referências – no total, foram 47, sendo 34 de autores nacionais e 13 de autores estrangeiros. Algo interessante a ser ressaltado aqui é o uso de uma grande quantidade de materiais provenientes de fontes nacionais, uma vez que, geralmente, temas que tratam, especialmente, de novas tecnologias, tendem a ter mais referências estrangeiras, principalmente, em língua inglesa, oriundos de grande polos de desenvolvimento de pesquisas nessa área.

Outro artigo que se destaca é o “Trajetórias profissionais acidentadas: seis padrões de carreira no jornalismo brasileiro”, mas,

desta vez, pela menor quantidade de referências: ao total, as autoras utilizaram apenas 18 referências em todo o artigo, sendo, 11 feitas por autores brasileiros (61%), 6 por estrangeiros (33%) e 1 por ambos (6%).

Outro procedimento realizado nesta pesquisa foi a comparação das palavras-chave encontradas nos dez artigos. Notou-se que a única repetição se dá com "Jornalismo", que aparece três vezes sozinho e, em outras três ocasiões, surge acompanhado de outra, como "crise do jornalismo", "jornalismo de checagem" e "jornalismo *longform*". Posto isto, 80% dos artigos apresentaram três palavras-chave e apenas 20% fizeram uso de cinco.

Ainda no que se refere aos autores referenciados nos dez artigos do GT, buscou-se, também, analisar aqueles que foram os mais citados. Nesta ocasião, 61 autores tiveram, pelo menos, duas menções. Para resumir, no entanto, no quadro abaixo, constam somente aqueles que obtiveram pelo menos três citações:

Quadro 2 – Autores mais citados

AUTOR	Nº de repetições
PEREIRA, F. H.	10
MORAES, F.	9
MICK, J.	6
OLIVEIRA, F. M. de.	6
FELINTO, M.	5
SOSTER, D.	5
BEDNAREK, M.	4
CAPLE, H.	4
GRAVES, L.	4
KIKUTI, A.	4
VEIGA DA SILVA, M.	4

CANAVILHAS, J.	3
DOWLING, D.	3
HENN, R. C.	3
JÁCOME, P.	3
LIPPMANN, W.	3
LONGHI, R. R.	3
SCHUDSON, M.	3

Fonte: Quadro elaborado a partir do levantamento das autoras deste artigo, 2025.

Perante este quadro, observa-se que PEREIRA, F. H. foi o autor mais referenciado nos trabalhos do GT Estudos de Jornalismo da Compós 2024, com dez aparições (incluindo três autocitações). Apenas no trabalho “Trajetórias profissionais acidentadas: seis padrões de carreira no jornalismo brasileiro”, escrito por Andressa Kikuti e Jacques Mick, ele foi citado cinco vezes.

Outro destaque vai para MORAES, F., com 9 repetições. Nesta ocasião, além de três casos de autocitação, a autora é referenciada em outros quatro artigos do GT. Em terceiro lugar, ficou MICK, J, que apareceu 6 vezes, incluindo duas autocitações presentes no artigo escrito em coautoria com Andressa Kikuti, mencionado no parágrafo anterior.

Até a sexta colocação, ressalta-se que são encontrados apenas autores brasileiros. Ademais, receberam destaque, em azul, os oito autores que, além de figurarem entre as maiores repetições, foram autores nos trabalhos aprovados e apresentados no GT de Estudos de Jornalismo da Compós 2024.

Conforme relatado nos parágrafos acima, há diversos casos de autocitação – em cada um dos dez artigos coletados, foi apontado, no mínimo, um caso. Ou de citação cruzada, ou seja, os trabalhos aprovados no GT citam outros autores também com

trabalhos aprovados, denotando uma certa endogenia. Esse aspecto fica evidente também no quadro abaixo, no qual se observa o *ranking*, organizado por autor e número de repetições. É possível perceber, também, que muitos desses autores são oriundos no mesmo programa de pós-graduação, o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), dentre eles: Raquel Longui, Jack Mick, Andressa Kikuti e Kérley Winques, por exemplo.

Quadro 3 – Autores com mais autocitações

AUTORES	Nº DE REPETIÇÕES
OLIVEIRA, F. M. de;	6
SÓSTER, D.	5
KIKUTI, A.	3
LONGHI, R. R.	3
MORAES, F.	3
PEREIRA, F.	3
MICK, J.	2
OLIVEIRA, F.	2
WINQUES, K.	2
CANAVILHAS, J.	1
CARVALHO, Carlos A.	1
LELO, T.	1
QUADROS, C.	1
SEIXAS, L.	1
SOUZA, Nayara. L.	1

Fonte: Quadro elaborado a partir do levantamento das autoras deste artigo, 2025.

Com seis repetições, Felipe Moura de Oliveira (OLIVEIRA, F. M. de) é o caso mais recorrente, seguido de Demétrio Sóster (SÓSTER, D.), com cinco anotações. Diante desses casos, aposta-se, portanto, na possibilidade de os autores terem utilizado esse recurso

para apontar a continuidade de um estudo encabeçado anteriormente. Contudo, não será aprofundado aqui a motivação de tal autocitação.

Até o momento, foram analisados, entre outras coisas, os autores mais presentes nas referências dos artigos que compõem o GT de Estudos de Jornalismo da Compós 2024. Agora, parte-se, portanto, aos títulos dos trabalhos mais referenciados. Foram sete os títulos que mais se repetiram ao longo dos artigos, sendo eles:

Quadro 3 – Títulos mais referenciados

TÍTULO	AUTOR	FREQUÊNCIA
A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza.	MORAES, Fabiana.	3
As diferentes maneiras de ser jornalista: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro	PEREIRA, Fábio Henrique.	2
Jornalistas na crise: as carreiras interrompidas na mídia e a estrutura dual da profissão (2012-2017)	MICK, Jacques; ESTAYNO, Sabina.	2
MODERNIZAÇÃO COMO MANDATO: relações temporais coloniais em discursos autorreferentes do jornalismo brasileiro	JÁCOME, P.	2

O jornalismo em tempo de mudanças estruturais	PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z.	2
Teorias do Jornalismo – a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional	TRAQUINA, Nelson.	2
Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença	CANAVILHAS, João.	2

Fonte: Quadro elaborado a partir do levantamento das autoras deste artigo, 2025.

Percebe-se que, além de ser autora de um dos trabalhos aprovados no GT analisado nesta pesquisa, Fabiana Moraes teve o livro “A pauta é uma arma de combate”, referenciado em três dos dez artigos coletados. Em seguida, as seis obras restantes aparecem empatadas, com duas menções cada uma.

É interessante observar que, dentre os títulos mais referenciados, têm-se dois artigos de PEREIRA, F. H., sendo, uma produção individual e outra, em coautoria com ADGHIRNI, Z. Pontua-se que o autor também obteve destaque no quadro 2, referente ao *ranking* dos autores mais citados nos artigos aqui coletados, ocupando, naquela ocasião, o 1º lugar, com 10 repetições.

No quadro, verifica-se, também, que MICK, Jacques, um dos autores do artigo “Jornalistas na crise: as carreiras interrompidas na mídia e a estrutura dual da profissão (2012-2017)”, teve artigo aprovado e apresentado no GT de Estudos de Jornalismo da Compós de 2024. O mesmo ocorre com PEREIRA, F. H. e CANAVILHAS, J.

Quanto ao vínculo dos autores brasileiros às universidades espalhadas pelo país, nas 321 referências, ao todo, constatou-se a presença de 35 instituições: são 16 universidades no sudeste, 8 no nordeste, 8 no sul, 2 no centro-oeste e apenas uma na região norte. Apesar de os números, inicialmente, favorecerem a região sudeste,

o quadro se reconfigura quando a quantidade de pesquisadores vinculados à cada universidade é adicionada, mas mesmo assim a discrepância com relação ao Norte e ao Centro-Oeste, não se altera.

Conforme pode ser observado no quadro abaixo, foi a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a líder do *ranking*, com um total de 18 pesquisadores vinculados. Em sequência, tem-se Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), empatadas, ambas com 15 autores. Em terceiro, está a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com 13 pesquisadores. Ao todo, foram identificados 145 autores nacionais que possuem vínculo com universidades brasileiras.

Quadro 4– Vínculos institucionais

INSTITUI ÇÕES	QUANTID ADE	ESTAD O	INSTITUI ÇÕES	QUANTID ADE	ESTAD O
UFSC	18	SC	UFSCar	1	SP
UnB	15	DF	PUC/RJ	1	RJ
UFRGS	15	RS	UFC	1	CE
UFMG	13	MG	UEPG	1	PR
UFPE	10	PE	UNISUL	1	SC
UFRJ	9	RJ	ESPM	1	SP
Unisnos	7	RS	UFRB	1	BA
UFS	7	SE	UNEB	1	BA
UFBA	7	BA	IBICT/RJ	1	RJ
PUC/SP	5	SP	UNICAM P	1	SP
USP	4	SP	UFES	1	ES
PUC/RS	4	RS	UNIR	1	RO
UFPR	4	PR	UNIFESP	1	SP
UFF	3	RJ	UFPB	1	PB
UFRN	2	RN	USCS	1	SP
UTP	2	PR	UNESP	1	SP

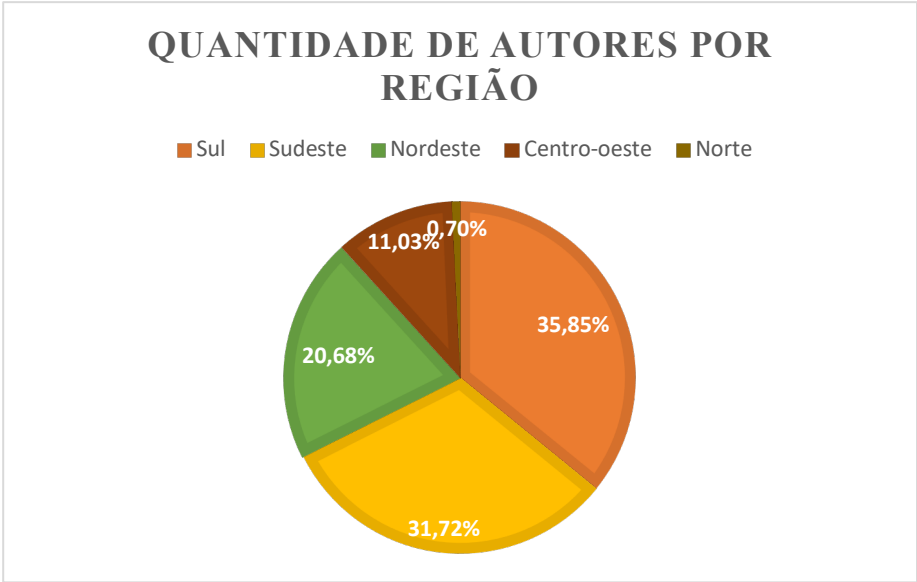
UMESP	2	SP	UFJF	1	MG
PUC/GO	1	GO	TOTAL: 145		

Fonte: Quadro elaborado a partir do levantamento das autoras deste artigo, 2025.

No que se refere à quantidade de autores por instituição, apenas para listar as cinco primeiras, a UFSC representa 12% deles. A UnB fica com 10%, assim como a UFRGS, com 10%. A UFMG reúne 9% dos pesquisadores, enquanto 7% têm vínculo com a UFPE.

Ainda em relação à quantidade de pesquisadores, ao verificar o quadro, percebe-se que 52 autores estão na região sul – o que corresponde a (35,87%). A região sudeste vincula 46 deles (31,72%). Em seguida, vem o nordeste, com 30 pesquisadores, ou seja, 20,68%. O centro-oeste possui 16 vinculados, portanto, 11,03%. Por último, vem o norte, que teve apenas um registro (0,70%), reforçando a discrepância mencionada anteriormente.

Gráfico 1 – Quantidade de autores por região



Fonte: autora deste artigo.

No que tange ao tipo de publicação mais utilizada pelos autores do GT de Estudos de Jornalismo da Compós 2024, os dados revelaram uma maior incidência de referências publicadas em periódicos: das 321 totais, 137 vieram dos periódicos (42,67%). Os livros foram a segunda fonte mais procurada, aparecendo 101 vezes (31,47%), em seguida, os artigos publicados em capítulos de livro, com 22 ocorrências (6,87%).

Outras fontes, como as páginas disponíveis na internet (*sites*) também foram bastante buscadas, aparecendo 17 vezes (5,29%). Os artigos publicados em anais também foram citados com frequência, com 16 ocorrências (4,98%). Além disso, os autores do GT utilizaram, como fonte, as teses de doutorado – 16 vezes (4,98%). Em sequência, buscaram as dissertações de mestrado já publicadas (1,87%) e dois trabalhos de conclusão de curso (0,63%).

Outras referências, como artigos e dissertações não publicados, *papers* no prelo e CD-ROM, foram mencionados apenas uma vez cada um – o que corresponde a 0,31% cada, ou seja, juntas, essas fontes agregam 1,24% ao total.

Dos dez artigos analisados, foi “Implicações do uso das plataformas digitais no work-life balance de jornalistas brasileiros” o que mais utilizou de periódicos como referências (32 vezes). Já em outros dois artigos coletados, a principal fonte foram os livros (16 vezes em cada um).

Em se tratando de anais, foram os artigos publicados nos anais da Compós os mais referenciados (43,75%), seguidos daqueles publicados no SBPJor (31,25%). O restante está distribuído entre os anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Midiatização e Processos Sociais (12,5%), o Intercom (6,25%) e o Cuaderno de Periodistas (6,25%). Percebe-se publicações oriundas de eventos consolidados na área de destacam.

No que se refere às 16 teses utilizadas como referências, observou-se que aquelas desenvolvidas na Universidade Federal da Bahia (UFBA) foram as mais citadas (25%), assim como as da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (12,5%). Das sete dissertações utilizadas como referências, foi verificada a presença de dois trabalhos oriundos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo um ainda não publicado. Ademais, foi o artigo “'Jornalismo foi o que os homens fizeram comigo': o Projeto Folha e o Projeto Otávio nos textos de Marilene Felinto”, o que mais utilizou páginas da web como referências (10 no total).

Diante do uso massivo de artigos publicados em periódicos e anais, atentou-se à checagem de quais revistas acadêmicas são as mais referenciadas e com que frequência aparecem. Com este objetivo lançado, chegou-se ao total de 96 periódicos – incluídos os anais. Observa-se, no quadro abaixo, aqueles que obtiveram, pelo menos, duas repetições.

Quadro 5 – Periódicos e anais mais citados

PERIÓDICO	FREQUÊNCIA
Brazilian Journalism Research	9
Anais Compós	7
Journalism Practice	7
Digital Journalism	6
Journalism	6
Anais SBPJor	5
Journalism Studies	4
Estudos de Jornalismo e Mídia	3
Famecos	3
Fronteiras - estudos midiáticos	3
Intexto	3
Journalism & Mass Communication Quarterly	3
New Media & Society	3
Community, Work & Family	2
Feminist Studies	2

Media, Culture & Society	2
Parágrafo	2
Pauta Geral	2
Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación	2
Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais	2
The American Journal of Sociology	2
Triple C: Communication, Capitalism, Critique	2

Fonte: Quadro elaborado a partir do levantamento das autoras deste artigo, 2025.

Verifica-se, aqui, a abundância de periódicos mais específicos da área. Contudo, para além deste quadro, foi possível identificar, sobretudo naqueles periódicos em que constaram apenas um artigo, uma característica interdisciplinar, visto que tais artigos, por vezes, foram publicados em revistas de filosofia, história, sociologia, entre outras áreas.

Por fim, as referências coletadas foram organizadas, também, pelos anos de publicação, chegando ao quadro abaixo, no qual se pode perceber que os materiais publicados entre 2019 a 2010 foram os mais referenciados (45,17%), seguidos de publicações recentes (31,15%), oriundas dos últimos cinco anos. Nota-se que as publicações da década de 2000 ainda são bastante referenciadas, correspondendo a 14,01% do total.

Quadro 6 – Anos de publicação.

ANOS	FREQUÊNCIA
De 2020 a 2024	100
De 2019 a 2010	145
De 2009 a 2000	45
De 1999 a 1990	17

De 1989 a 1980	11
De 1979 a anos anteriores	9

Fonte: Quadro elaborado a partir do levantamento das autoras deste artigo, 2025.

A partir dos dados organizados no quadro, é possível perceber que as referências às obras produzidas nas décadas finais do século passado vão ficando cada vez mais escassas, mas, ainda sim, estão presentes. A aposta é que se tratem de obras clássicas/basilares utilizadas nestas novas produções.

A referência mais antiga vista na análise dos artigos, por exemplo, foi publicada em novembro de 1923. Trata-se de “The natural history of the newspaper”, um artigo escrito por Robert Park, publicado no periódico *The American Journal of Sociology*.

Outro aspecto observado, durante a organização desses dados, é que as produções de 2024 já se fazem presentes nas referências dos artigos aprovados no GT de Estudos de Jornalismo da 33ª Compós – sejam elas publicadas, ainda não publicadas ou em prelo.

Considerações finais

Compreende-se que estudos bibliométricos são muito relevantes, principalmente, por serem capazes de proporcionar uma visão abrangente do atual estado das pesquisas empreendidas numa área, neste caso, a comunicação e, aqui, mais especificamente o Jornalismo. Tais estudos funcionam, muitas vezes, como um guia que orienta pesquisadores novos e, até mesmo, os mais experientes – porque conseguem indicar a predominância de temas pesquisados, as lacunas existentes, além da emergência de novas tendências.

Como visto neste artigo, o uso da bibliometria, em conjunto com a análise de citações, proporciona, ao pesquisador, o entendimento acerca do impacto acadêmico da área. Isto porque

fornece indicadores que mostram de que maneira se dá a contribuição dos autores utilizados, seu nível de influência, o nível de influência das instituições às quais pertencem, dentre outros dados, de modo que tudo isso favorece e fortalece conexões e redes de colaboração científicas.

Neste trabalho, focado nos padrões de produção e citação dos trabalhos aprovados no GT de Estudos de Jornalismo da Compós 2024, foi possível aferir, por exemplo, que as investigações assinadas em coautoria ganham força e espaço, apesar de, ainda, a referenciação a pesquisas solo ser forte.

Além disso, as produções brasileiras ganham cada vez mais espaço, tendo sido as mais referenciadas nos artigos analisados. Em geral, observa-se a preocupação dos autores em se manterem sempre atualizados, de modo que fazem uso frequente de literatura mais recente, principalmente, das pesquisas publicadas nos últimos sete anos.

Nota-se, também, outro tipo de comportamento quando se analisa as referências dos artigos coletados para o *corpus*: a constante referenciação a pesquisas publicadas em periódicos e anais. Portanto, há uma diminuição da procura por livros e, até mesmo, por materiais físicos, já que foi possível acessar todas as 321 referências coletadas através da internet.

Além disso, há outro ponto a ser destacado: os encontros anuais da Compós, geralmente, reúnem apenas artigos de professores pesquisadores dos programas de pós-graduação do país. Ao analisar os autores, os periódicos e as obras mais recorrentes presentes nas referências dos trabalhos destes professores pesquisadores, é possível, por exemplo, que um pesquisador iniciante amplie seus horizontes e, também, se oriente acerca de onde publicar e com quem pode buscar colaborações.

Por fim, apesar de este estudo abarcar uma amostragem pequena – apenas dez artigos publicados na Compós 2024 –, os dados apresentaram resultados interessantes sobre autocitação,

sobre a concentração de pesquisadores de uma instituição no GT e sobre a referenciação de participantes do GT analisado. Isso possibilita pensar aspectos como endogenia e a necessidade de expansão do olhar científico para as regiões Norte e Centro-Oeste, por exemplo. A partir desta pesquisa e dos dados alcançados, avalia-se que é possível aplicar tal metodologia para um *corpus* maior, futuramente.

Referências

- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência*. Ed. UNESP.
- Carvalho, M. M. (1975). Análises bibliométricas da literatura de química no Brasil. *Ciência da Informação*, 4(2), 119-141.
- Chueke, G. V., & Amatucci, M. (2022). Métodos de sistematização de literatura em estudos científicos: bibliometria, meta-análise e revisão sistemática. *Internext*, 17(2), 284–292. <https://doi.org/10.18568/internext.v17i2.704>
- Cronin, B. (1998). Metatheorizing citation. *Scientometrics*, 43(1), 45-55.
- Dancosky, A. K., & Mick, J. (2024). *Trajetórias profissionais acidentadas: Seis padrões de carreira no jornalismo brasileiro*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil. Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/trajetorias-profissionais-acidentadas-seis-padroes-de-carreira-no-jornalismo-bra?lang=pt-br>
- King, J. (1987). A review of bibliometric and other science indicators and their role in research evaluation. *Journal of Information Science*, 13(5), 261-276.
- Lelo, T., Menezes, G. S., & Pereira, F. (2024). *Implicações do uso das plataformas digitais no work-life balance de jornalistas brasileiros*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil. Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/implicacoes-do-uso-das-plataformas-digitais-no-work-life-balance-de-jornalistas?lang=pt-br>

- Longhi, R. R., & Winkes, K. (2024). *A evolução multimodal do longform: Formatos digitais que consolidam o jornalismo lento*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil. Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/a-evolucao-multimodal-do-longform-formatos-digitais-que-consolidam-o-jornalismo?lang=pt-br>
- Machado, E., & Sant'Ana, J. (2013). Limitações metodológicas na pesquisa em Jornalismo: Um estudo dos trabalhos apresentados no GT de Jornalismo da COMPÓS (2000-2010). *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, 1(1), 26–42. <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/5917>
- Moraes, F. (2024). *"Jornalismo foi o que os homens fizeram comigo": O Projeto Folha e o Projeto Otávio nos textos de Marilene Felinto*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil. Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/jornalismo-foi-o-que-os-homens-fizeram-comigo-o-projeto-folha-e-o-projeto-otavio?lang=pt-br>
- Noronha, D. P. (1998). Análise das citações das dissertações de mestrado e teses de doutorado em saúde pública (1990-1994): Estudo exploratório. *Ciência da Informação*, 27(1), 66–75.
- Oliveira, F. M. de, & Maia, G. (2024). *Projetando a tecnologia 5G: Reflexões a partir da filosofia do jornalismo*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil. Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/projetando-a-tecnologia-5g-reflexoes-a-partir-da-filosofia-do-jornalismo?lang=pt-br>
- Oliveira, F. R. de. (2024). *As referências do jornalismo: Cadeias de referência de checagens sobre a Covid-19*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil. Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/as-referencias-do-jornalismo-cadeias-de-referencia-de-checagens-sobre-a-covid-19?lang=pt-br>

Pittela, M. C. (1991). Análise de citação dos periódicos brasileiros de Biblioteconomia 1972-1982. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 20(2).

Primo, A. F. T., et al. (2008). *Análise de citações dos trabalhos da Compós 2008*. E-Compós.

Quadros, C., et al. (2024). *A comunicação da ciência no Google: Como a Inteligência Artificial é retratada em entrevistas com especialistas*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil.

Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/a-comunicacao-da-ciencia-no-google-como-a-inteligencia-artificial-e-retratada-em?lang=pt-br>

Rodrigues, M. P. L. (1982). Citações nas dissertações de mestrado em ciência da informação. *Ciência da Informação*, 11(1), 35-59.

Romancini, R. (2010). O que é uma citação? A análise de citações na ciência. *Intexto*, (23), 5-17.

Rosseau, R. (1998). Indicadores bibliométricos e econométricos para a avaliação de instituições científicas. *Ciência da Informação*, 27(2), 149-158.

Sanz Casado, E. (1994). *Manual de estudios de usuarios*. Fundación Germán Sanches Ruipérez.

Seixas, L. F., & Molina, L. (2024). *Valor-notícia, fator-notícia e noticiabilidade: Análise comparativa das literaturas brasileira e estrangeira*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil.

Galoá. <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/valor-noticia-fator-noticia-e-noticiabilidade-analise-comparativa-das-literatura?lang=pt-br>

Sóster, D. (2024). *A midiatização das narrativas jornalísticas de subjetividade*. Anais do 33º Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil. Galoá.

<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/a-midiatizacao-das-narrativas-jornalisticas-de-subjetividade?lang=pt-br>

Souza, N. L. de, et al. (2024). *Jornalismo, racismo e (de) colonialidades nos coletivos Alma Preta e Nós Mulheres da Periferia*. Anais do 33º

Encontro Anual da Compós, Niterói, Brasil. Galoá.
<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/jornalismo-racismo-e-de-colonialidades-nos-coletivos-alma-preta-e-nos-mulheres-d?lang=pt-br>

Vanz, S. A. de S., & Caregnato, S. E. (2003). Estudos de citação: Uma ferramenta para entender a comunicação científica. *Em Questão*, 9(2), 295-307.

Velho, L. (1986a). A contemporaneidade da pesquisa agrícola brasileira como reflexo da distribuição da idade das citações. *Ciência da Informação*, 15(1), 3-9.

Wouters, P. F. (1999). *The citation culture* [Tese de Doutorado]. University of Amsterdam.

A COMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE FORTALECIMENTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: estudo de caso da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN

Ana Kamila Silva Azevedo
Alberto Efendy Maldonado Gomez de la Torre

Introdução

Atualmente, podemos perceber que, na maior parte do tempo, estamos inseridos em um mundo virtual, em que as mensagens são transmitidas através de grandes distâncias com facilidade, de forma que os indivíduos têm acesso à informação e à comunicação advindas de fontes localizadas em diferentes partes do mundo. Em decorrência disso, as pessoas podem interagir entre si, mesmo que estejam situadas em locais remotos e distintos.

As transformações que acontecem em consequência dessa realidade são ainda mais profundas quando consideramos o advento das mídias e redes sociais digitais, as quais permitem a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento

de informações em diversos formatos. Dessa maneira, não somos mais somente receptores de informação, mas também podemos ser produtores e disseminadores de conteúdo, principalmente dentro das ferramentas virtuais.

Com a redefinição desses papéis, torna-se necessário que não apenas os meios de comunicação, mas também as instituições, as organizações e os profissionais da área repensem suas formas de relacionamento com clientes, colaboradores e consumidores.

No caso das instituições públicas de ensino, a mudança nas relações com os seus públicos interno e externo também é notada. Nesse contexto, as mídias e as redes sociais digitais acabam sendo ferramentas importantíssimas de comunicação organizacional, pois utilizam técnicas de divulgação/comunicação que favorecem a aproximação entre o que é produzido no meio acadêmico e o público em geral, contribuindo para a divulgação das diversas ações, projetos e atividades que acontecem nas instituições acadêmicas.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), por exemplo, tem marcado a sua presença no mundo digital por meio do seu site institucional, o Portal da UFRN, bem como através de perfis no *Facebook* e no *Instagram*. Mesmo assim, a instituição ainda não consegue aproveitar todo o potencial que a divulgação nesses sistemas midiáticos possui, na medida em que a página da UFRN no Facebook replica os *links* das notícias e dos vídeos publicados no Portal da UFRN e que o perfil da UFRN no Instagram ainda não possui uma estratégia de comunicação predefinida, muito menos uma frequência indicada para as postagens.

Ainda falando sobre a UFRN, partindo do amplo para o mais específico, percebemos que suas unidades institucionais e seus *Campi* seguem a mesma política de comunicação¹⁰ do Campus

¹⁰ A Política de Comunicação da UFRN foi instituída pela Resolução n.º 182/2017-CONSEPE, de 17 de novembro de 2018, e estabelece que é de

Central, com a falta de uma estratégia predefinida, exceto em alguns casos, como, por exemplo, os do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), da Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq) e da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progesp), que conseguem atuar de maneira mais marcante nas redes sociais.

Vale ressaltar também a iniciativa da Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM), que, por meio da Portaria n.º 023/2018, de 28 de setembro de 2018, publicou a primeira forma institucional de estudo oficial do uso das redes sociais para uma melhor comunicação com os públicos de interesse. Tratam-se das diretrizes para uso das mídias sociais da BCZM, que abordam os princípios de utilização do *Facebook*, do *Instagram* e do *Twitter*; os tipos de conteúdo que poderão ser postados; as características e a frequência das postagens; e, até mesmo, as sugestões de um roteiro diário de trabalho, com orientação para respostas, e de identidade visual (Biblioteca Central Zila Mamede, 2018).

Considerando essa realidade, a problematização deste relato de experiência surgiu da atuação da coautora como produtora cultural na Coordenadoria de Cultura, Museus e Memória da Pró-Reitoria de Extensão (Proex). Quando ela se deparou com a tarefa de supervisionar a cobertura da Semana de Meio Ambiente (SEMA) 2017 para as mídias e redes sociais digitais do setor, constatou que, além do fato de que as páginas da Proex no *Facebook* e no *Instagram* não eram conhecidas por boa parte do público, ainda havia a dificuldade de definir qual seria a melhor estratégia de comunicação para se cumprir a função designada – uma vez que faltou tempo para um planejamento adequado à cobertura do evento.

responsabilidade da Agência de Comunicação receptionar, produzir e promover a divulgação da informação institucional por meio eletrônico direto e indireto, tais como o correio eletrônico, o Portal da UFRN e as mídias sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Norte [UFRN], 2017).

Essa problematização resultou em uma dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFRN, no ano de 2019, com o título de “A comunicação da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN com seu público: um estudo métrico via mídias e redes sociais digitais”, sob a orientação da professora Kenia Beatriz Ferreira Maia, do Departamento de Comunicação Social da Universidade (Azevedo, 2019).

Essa dissertação teve como objetivo geral compreender como a Proex estabelece a comunicação com seus públicos interno e externo por meio da sua página no *Facebook*. Para tanto, verificou-se, por meio das métricas fornecidas pelo *Facebook*, como estava sendo percebida a página da Proex nessa rede social, onde se identificaram os fluxos de comunicação existentes na Proex e se propôs um plano de ação para a comunicação da Proex no *Facebook*.

Em decorrência desse trabalho, por ocasião da mudança na gestão da Pró-Reitoria de Extensão, em 2020, a coautora deste relato recebeu o convite do pró-reitor, professor Graco Aurélio Viana, para assumir a comunicação da Proex, ficando responsável pela gestão das redes sociais do setor¹¹.

Dessa forma, o objetivo principal deste relato de experiência é retratar como é o trabalho que vem sendo desenvolvido no Projeto de Apoio às Atividades de Comunicação da Proex, ação de extensão que vem sendo registrada no SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas) desde 2021.

¹¹ Designação confirmada por meio da Portaria n.º 002/2021-PROEX, de 27 de abril de 2021.

Metodologia

Do ponto de vista da natureza, este relato de experiência pode ser classificado como uma pesquisa aplicada, pois, além de ser praticada em uma situação específica, “tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos” (Matias-Pereira, 2010, p. 71).

Da perspectiva dos seus objetivos, este trabalho tem caráter descritivo, uma vez que observamos, registramos, analisamos e ordenamos “dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura-se descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 52).

Sob o ângulo dos métodos empregados, este relato tem abordagem etnográfica, aplicada aos meios digitais, com ênfase na Webnografia, um “termo relacionado à pesquisa aplicada de marketing na internet, relacionado à questão das métricas e audiências dos sites, principalmente em ambientes de discussão” (Dann & Forrest, 1999 como citado em Fragoso et al., 2016, p. 198).

“Seu intuito principal é, então, a criação dessas descrições densas de práticas sociais de indivíduos ou redes de indivíduos (coletividades), com o propósito de entender diferentes aspectos de diversas culturas” (Polivanov, 2013, p. 62).

A perspectiva etnográfica implica o envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo. Nesse sentido, atuamos como uma observadora silenciosa (também chamada de *lurker*), “que apenas observa determinado grupo social, objetivando interferir o mínimo possível em suas práticas cotidianas (sabe-se que uma não interferência em grau absoluta não é possível, tendo em vista que sua presença, ainda que não anunciada, afetará o objeto de estudo).” (Polivanov, 2013, p. 64).

Como se trata de uma pesquisa aplicada, este estudo aconteceu na Pró-Reitoria de Extensão da UFRN, setor em que a coautora deste relato trabalha, desde maio de 2017. Para compreender melhor o objeto de pesquisa, no próximo segmento deste texto, iremos apresentar o ator principal dessa temática: a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A Pró-Reitoria de Extensão da UFRN

A Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi criada em 2 de junho de 1971 pela Resolução n.º 21/1971 do Conselho Universitário – CONSUNI, com o propósito de planejar, supervisionar, coordenar e controlar as atividades de extensão universitária na UFRN.

Essas relações são estabelecidas por meio de ações de extensão universitária, cujas modalidades são os programas, os projetos, os cursos, os eventos, a prestação de serviço e os produtos de extensão. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2020-2029 (2021), a extensão universitária é a:

atividade orientada para promover a interação transformadora entre a Instituição, as demais instituições e a sociedade, mediada por processos científicos, culturais, educativos e artísticos. Com base nesse pressuposto, ela deve se pautar na articulação intrainstitucional com os processos de ensino e pesquisa, bem como nortear-se pelo intercâmbio com o conjunto complexo de saberes e práticas produzidas em outros segmentos sociais (p. 97).

Por sua vez, no âmbito da UFRN, as atividades de extensão universitária são regulamentadas pela Resolução n.º 006/2022 – CONSEPE, de 26 de abril de 2022, que conceitua a extensão universitária como a:

atividade que se integra à matriz curricular e à pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico, que promove a interação transformadora entre a instituição de ensino superior e os setores da sociedade por meio da produção e da troca do conhecimento (p. 2).

Atualmente, a Proex é composta por 29 servidores efetivos – dentre docentes e técnico-administrativos –, os quais estão divididos na Coordenadoria de Desenvolvimento e Empreendedorismo; no Gabinete dos Pró-Reitores; na Secretaria Administrativa; na Coordenadoria de Ações Comunitárias; na Assessoria Técnica; na Coordenadoria de Cultura, Museus e Memória; na Coordenadoria de Ações Educacionais; na Central de Empresas Juniores; e no *Coworking* das Empresas Juniores.

Além desses setores, a Proex conta também, em sua estrutura administrativa, com dois órgãos consultivos. O primeiro é a Comissão de Extensão, uma instância de proposição, análise e avaliação das políticas e normas de extensão universitária, cuja composição é feita pelo pró-reitor de Extensão e pró-reitor adjunto e um representante (titular e suplente) de cada unidade acadêmica da UFRN.

O segundo é a Câmara de Extensão, que tem caráter deliberativo e funciona no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE).

A Pró-Reitoria de Extensão possui, atualmente, quatro meios oficiais de comunicação com seus públicos, que serão descritos na Tabela 1, que segue abaixo.

Tabela 1¹²

Meios oficiais de comunicação da Proex com seus públicos

Meio	Data de criação	Endereço	Número de seguidores/inscritos
Página <i>Facebook</i>	no 19 de agosto de 2015	https://www.facebook.com/PROEXUFRRN	1.500
Perfil <i>Instagram</i>	no Maio de 2017	https://www.instagram.com/proexufrn/	9.726
Canal <i>YouTube</i>	no 17 de agosto de 2015	https://www.youtube.com/@proexufrn9030	363
Site institucional	Reformulação em 2024	https://proex.ufrn.br/	-

A gestão da comunicação desses meios é dividida entre dois servidores da Proex. A primeira, conforme já mencionado na

¹² Os dados contidos nessa tabela foram coletados pelos autores em 14 de agosto de 2025.

Introdução deste texto, é a coautora deste relato, servidora lotada na Coordenadoria de Cultura, Museus e Memória. A sua responsabilidade é a administração das páginas da Proex nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) e do canal do *YouTube*.

O segundo é um programador visual, servidor lotado na Assessoria Técnica, que fica responsável pela alimentação do site institucional do setor. Embora não estejam lotados no mesmo setor, os dois servidores conduzem os trabalhos de forma colaborativa, buscando sempre a manutenção da padronização da comunicação institucional.

Além dos dois servidores, a equipe responsável pela comunicação da Proex conta com o auxílio de uma bolsista de apoio técnico, discente do curso de Audiovisual da UFRN, que, desde 2021, trabalha sob a supervisão da coautora deste relato, produzindo artes para as postagens e fazendo a edição de vídeos divulgados nas redes sociais do setor.

Finalizada a apresentação da metodologia deste relato, bem como feita a apresentação dos autores que fazem parte deste texto, seguiremos, na próxima etapa, com a narração da experiência de trabalho à frente das redes sociais da Proex.

Relato de experiência

Na atualidade, temos percebido, cada vez mais, a preocupação das organizações em estabelecer uma comunicação mais efetiva com seu público de interesse. Isso é um reflexo direto de uma das características mais marcantes da nossa era: a rápida velocidade com que as informações circulam. Nesse sentido, algumas das ferramentas mais utilizadas pelas organizações são as mídias e as redes sociais digitais, pelo fato de que elas proporcionam um acesso mais direto ao público.

Em decorrência disso, a atual gestão da Proex demonstrou uma preocupação com a divulgação das atividades desenvolvidas pela UFRN em prol da comunidade, com especial ênfase no diálogo entre os saberes existentes na academia e como eles se transformam em práticas que beneficiam o público externo, por meio das ações de extensão – em suas mais diversas modalidades – executadas pela instituição.

No caso da Proex, as mídias e as redes sociais digitais são utilizadas com o objetivo de cultivar o relacionamento do setor com o seu público de interesse, basicamente para divulgar as ações, os projetos e os programas promovidos pelo setor em prol tanto da comunidade interna quanto da comunidade externa da UFRN.

A gestão da comunicação da Proex é realizada de uma forma sistemática pela equipe responsável pela atividade. Quem está à frente da coleta de informações é a coautora deste relato. As fontes de informação consultadas durante esse processo são os gestores da Pró-Reitoria de Extensão (representados pelas figuras do pró-reitor e do pró-reitor adjunto), os (as) servidores da Proex e os (as) coordenadores (as) de ações de extensão com registro no SIGAA – aprovadas ou não nos editais gerenciados pelo setor. O acrônimo SIGAA significa Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas da UFRN.

Assim, podemos visualizar que a Proex utiliza, na maior parte do tempo, fontes primárias e secundárias como base para o processo de coleta e de seleção das informações. As fontes primárias são aquelas que se caracterizam por ser “o primeiro registro formalizado de alguma informação situando em fontes bastante diversas” (Cunha, 2001, como citado em Azevedo, 2012, p. 150). Por sua vez, as fontes secundárias são aquelas em que “a informação é filtrada e organizada, a partir da seleção e revisão das fontes” (Cunha, 2001, como citado em Azevedo, 2012, p. 151). Além disso, também são utilizadas fontes de informação formais e científicas, à medida que

as informações coletadas transitam nos sistemas midiáticos da organização e são informações da ciência e dos seus vários ramos de conhecimento.

Esse modelo também revela que a Proex gerencia a sua informação por meio de fluxos que se alternam entre a comunicação descendente, uma vez que boa parte das informações é coletada por meio da interação com a chefia do setor, e a comunicação horizontal, à medida que as informações também são colhidas por meio da troca de contatos entre servidores de unidades do mesmo nível hierárquico.

Tais fluxos de informação refletem justamente a preocupação da Proex com a sua imagem institucional, já que as informações divulgadas por meio dos sistemas midiáticos do setor nas redes sociais são aquelas que são mais representativas da maneira como a equipe gestora do setor enxerga a atividade da extensão universitária.

Projeto de Apoio às Atividades de Comunicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O trabalho da coautora na gestão das redes sociais da Proex teve início no dia 20 de dezembro de 2020. Porém, o trabalho de monitoramento propriamente dito, como um projeto de extensão registrado no SIGAA, iniciou-se em 2021. O Projeto de Apoio às Atividades de Comunicação da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN tem como objetivo trabalhar a comunicação da Proex, por meio de ações realizadas nas redes sociais e no site institucional, sob a coordenação de servidores da Proex com o auxílio de uma bolsista de apoio técnico.

Desde o início do projeto, foram adotadas algumas diretrizes que nortearam os trabalhos desenvolvidos pela equipe e que envolveram as seguintes atividades, as quais foram baseadas nas

conclusões obtidas pela coautora deste relato em sua dissertação de mestrado:

- Realização de postagens com **maior periodicidade e constância**, na frequência de três vezes por semana, com o apoio, se necessário, da ferramenta de agendamento de publicações, de forma a aproveitar o maior fluxo de visitantes na página do *Facebook*, no horário entre 8h e 18h;
- Incentivo ao **compartilhamento das postagens**, por meio do uso de marcações, bem como a **interação com os usuários**, através de uma maior agilidade nas respostas aos comentários, bem como mensagens encaminhadas para as caixas de entrada das páginas;
- Introdução da prática de **monitoramento das postagens**, de forma que a eficácia do plano de comunicação esteja sempre em avaliação e que os ajustes necessários possam ser feitos;
- Apostar nas postagens realizadas em colaboração com os perfis de outros setores/unidades da UFRN, bem como dos projetos aprovados nos editais internos gerenciados pela Proex (reflexo da exigência da confecção de um plano de divulgação como um dos critérios de avaliação para as submissões nesses editais).

Além disso, foi incentivado que os integrantes da equipe fizessem **cursos de capacitação em gestão de mídias sociais**, com ênfase na utilização das ferramentas que essas redes dispõem para os administradores das páginas. Nesse sentido, a gestora de comunicação da Proex participou de cursos de capacitação promovidos pela Coordenadoria de Capacitação e Educação Profissional (CCEP) da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progesp) nas áreas de comunicação institucional e de uso de aplicativos – como o Canva – e de ferramentas de inteligência artificial aplicadas às atividades de gestão.

A Comunicação da Proex: resultados obtidos

Como já mencionado neste relato de experiência, atualmente, a Pró-Reitoria de Extensão da UFRN dispõe de quatro sistemas midiáticos de comunicação, que seguem listados nas figuras a seguir:

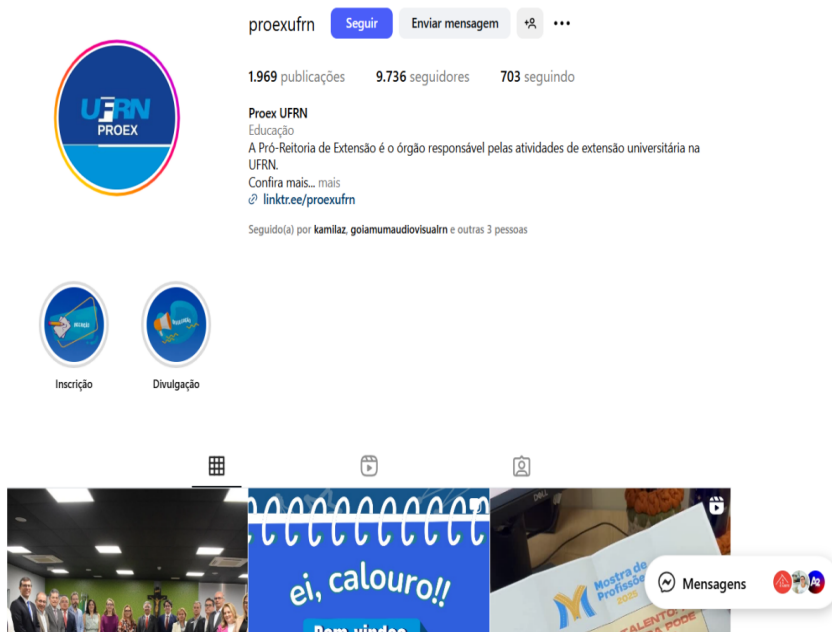
Figura 1

Página da Proex no Facebook



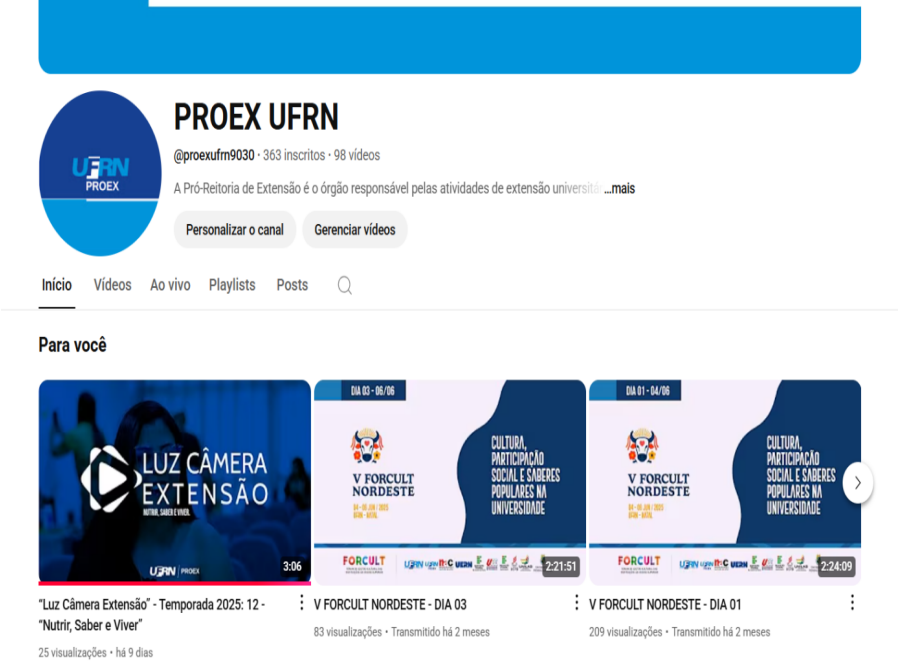
Fonte: Captura de imagem realizada no *Facebook* (2025a).

Figura 2
Perfil da Proex no Instagram



Fonte: Captura de imagem realizada no Instagram (2025b).

Figura 3
Canal da Proex no YouTube



Fonte: Captura de imagem realizada no YouTube (2025c).

Figura 4
Site institucional da Proex



Fonte: Captura do site da Proex (2025d).

No processo de construção da gestão de comunicação da Proex, consideramos que o público-alvo principal do setor está de acordo com o descrito na Política de Comunicação da UFRN (2017):

- **prioritário:** os docentes, discentes e servidores técnico-administrativos da UFRN, bem como os docentes e servidores técnico-administrativos aposentados;
- **preferencial:** os familiares de servidores docentes e técnico-administrativos e de discentes, imprensa, órgãos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, empresas do setor produtivo, comunidade acadêmica nacional e internacional, instituições parceiras e servidores não-efetivos contratados por terceiros;
- **público de interesse:** a sociedade em geral.

Assim, a proposta da equipe foi de que a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte seguisse os passos do seguinte plano de comunicação para o relacionamento que estabelece com os seus públicos:

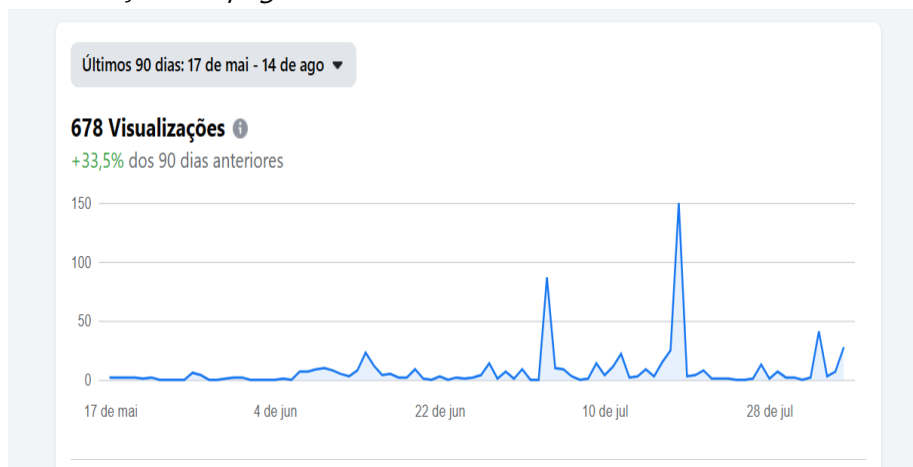
- **Comunicador:** Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- **Receptor:** primeiramente, o público interno (docentes, servidores técnico-administrativos e discentes) e, posteriormente, a comunidade externa.
- **Mensagem:** informações sobre as atividades-fim do setor, como a divulgação de projetos, programas, eventos e cursos de extensão, bem como o acompanhamento dessas atividades, após aprovação em edital.
- **Ferramentas de comunicação:** perfis do setor nas redes sociais e no site institucional.
- **Meio:** *Facebook, Instagram e YouTube.*
- **Com quem efeito?** Para que a comunicação da PROEX com seu público seja mais efetiva.

Ao longo dos quatro anos e oito meses em que a equipe está à frente da comunicação da Proex, alguns resultados podem ser percebidos. Analisando os dados fornecidos pela ferramenta *Facebook Insights*, podemos verificar que, nos últimos 90 dias¹³, a página da Proex no *Facebook* teve 678 visualizações, o que significa um crescimento de 33,5% quando comparado com os 90 dias anteriores a essa análise (Figura 5).

¹³ Compreendendo o período entre 17 de maio e 14 de agosto de 2025.

Figura 5

Visualizações da página da Proex no Facebook

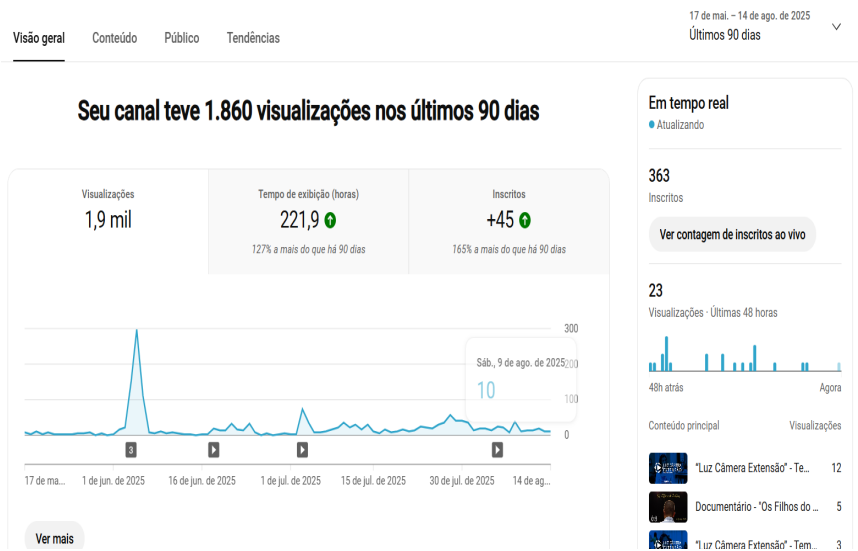


Fonte: Captura de imagem realizada no *Facebook* (2025a).

Considerando o mesmo período (90 dias), podemos perceber que o canal do *YouTube* da Proex teve 1.860 visualizações, o que significa um crescimento que pode ser resultado do trabalho desenvolvido especificamente para o canal, com a divulgação dos episódios do projeto “Luz Câmera Extensão”, que tem como propósito a produção de mini curtas-metragens, no gênero documentário, contendo os registros das atividades práticas dos projetos de extensão submetidos e aprovados (com recursos orçamentários e/ou bolsas do Fundo Acadêmico de Extensão – FAEX) em editais gerenciados pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRN (Figura 6).

Figura 6

Visualizações do canal da Proex no YouTube



Fonte: Captura de imagem realizada no *YouTube* (2025c).

Por fim, considerando também o mesmo período (90 dias), o perfil da Proex no *Instagram* obteve a marca de 323.945 visualizações, alcançando 37.501 contas, representando uma diminuição de 14,9% quando comparado com os 90 dias anteriores a essa análise (Figura 7).

Figura 7
Visualizações do perfil da Proex no Instagram



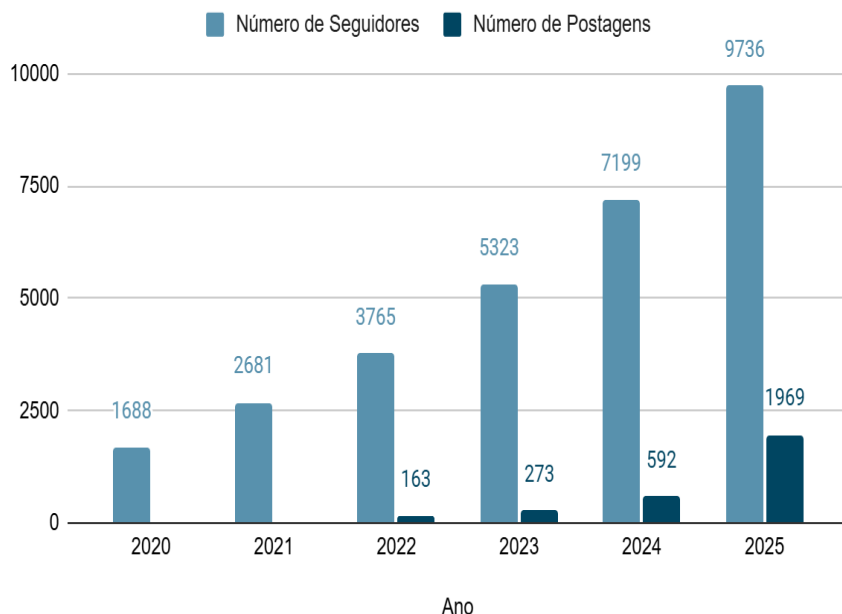
Fonte: Captura de imagem realizada no *Instagram* (2025b).

Ainda em relação ao *Instagram*, que, atualmente, junto com o site institucional, se tornou o principal meio de comunicação utilizado pela Proex da UFRN, podemos perceber o avanço obtido no relacionamento estabelecido com o público quando verificamos a evolução na quantidade de postagens realizadas e no número de seguidores que o perfil possui (Figura 8).

Figura 8

Evolução do perfil da Proex no Instagram

Número de Seguidores e Número de Postagens



Fonte: Retirado do Instagram da Proex (2025b).

Até o momento de encerramento da redação deste relato de experiência, o perfil da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN era o mais seguido dentre todas as pró-reitorias da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o que é uma comprovação de que o trabalho desenvolvido pela equipe de gestão da comunicação da Proex tem seguido o caminho traçado.

Para tanto, também merece destaque o apoio fundamental da equipe de gestores da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN, que fornece a liberdade para que os servidores possam atuar, ao mesmo

tempo em que fornece todo o suporte logístico necessário para a melhor execução dessa função, com a designação de um bolsista específico para a atividade, além do fornecimento de equipamentos que suportam a instalação de programas de computador da área de edição/*design* gráfico.

Conclusão

A atividade de comunicação é um processo de mediação em que se transforma a informação em conhecimento. “Dessa forma, é possível considerar que não existe conhecimento sem o agir da comunicação, da mesma forma que não existe mediação da informação sem a presença de um conteúdo informacional que contenha informação em potencial” (Brasileiro, 2013, p. 78).

Desenvolver atividades de ensino (graduação e pós-graduação), pesquisa e extensão é um dos princípios e objetivos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, a atividade de extensão é uma das funções sociais mais importantes da universidade, na medida em que possibilita a interação entre a instituição e a sociedade e, muitas vezes, oferece o primeiro contato do público com uma instituição de ensino superior, ao mesmo tempo em que possibilita aos estudantes uma oportunidade de colocar em prática o conhecimento científico, transformando a realidade social dos beneficiados com as atividades.

Para tanto, é muito importante a atividade de se pensar e planejar a comunicação, pois ela objetiva “buscar a solução de um problema, que ocorre dentro de um ambiente de marketing, relacionado diretamente à conquista de determinado objetivo de mercado” (Vasconcelos, 2009, p. 139). Assim, ter o conhecimento sobre qual a mensagem a ser comunicada e para qual público-alvo deve ser dirigida significará um caminho mais fácil para que sejam alcançados os propósitos da organização.

Dessa maneira, este relato de experiência teve como propósito apresentar a experiência de gestão das redes sociais da Proex da UFRN, desenvolvida no âmbito do Projeto de Apoio às Atividades de Comunicação.

Podemos perceber que, a partir do momento em que a comunicação da Proex foi institucionalizada, com a designação de uma servidora específica para esse papel, houve uma virada de chave na maneira como o setor passou a se comunicar com o seu público e que está representada na padronização da comunicação entre os diversos sistemas midiáticos utilizados pela Proex, na sistematização do trabalho com diretrizes pré-estabelecidas, no investimento e no apoio por parte da equipe de gestores e na colaboração entre os integrantes da equipe.

O resultado dessa virada de chave está comprovado nos diversos índices e números que foram apresentados ao longo deste relato de experiência, o que torna o trabalho realizado pela equipe ainda mais notável, tendo em vista o fato de que todo o alcance obtido pelos sistemas midiáticos da Proex é orgânico, uma vez que o setor não trabalha com o impulsionamento pago de postagens.

Este relato ainda deixa uma contribuição importante para que se amplie a discussão sobre a importância da divulgação da informação científica. Por ser uma instituição que está fundamentada na troca de conhecimentos e na formação de pessoas das mais diversas origens, culturas e pensamentos, é fundamental que a UFRN saiba como se posicionar diante da sociedade e que tenha a sensibilidade necessária para compreender que divulgar seus cursos, seus projetos, seus eventos e suas conquistas acadêmicas possui um papel primordial para que o público em geral tenha conhecimento suficiente sobre o quanto as universidades contribuem para o progresso de nosso estado e, conseqüentemente, do nosso país.

Por fim, finalizamos o relato com uma frase da jornalista Emídia Felipe¹⁴, que sintetiza tudo aquilo que quisemos passar com este trabalho: “comunicar é compartilhar, é informar, é se conectar com o outro”. Que os profissionais que atuam nessa área possam ter sempre isso em mente.

Referências

Azevedo, A. K. S. (2019). *A comunicação da Pró-Reitoria de Extensão da UFRN com seu público: um estudo métrico via mídias e redes sociais digitais* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Azevedo, A. W. (2012). Metodologia de identificação de fontes de coleta de informação: uma proposta de modelo para cadeia produtiva de couro, calçados e artefatos. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 2(esp), 149-158.

Biblioteca Central Zila Mamede (2018). *Diretrizes para uso das mídias sociais da Biblioteca Central Zila Mamede*. https://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/202202112430a411039068a258c8b3b2de/Diretrizes_para_uso_das_midias_sociais.pdf

Brasileiro, F. S. (2013). *O processo de mediação no contexto do regime de informação: a construção de um espaço virtual de comunicação na web para a CPAD/UFPB*. João Pessoa: Editora da UFPB.

Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2016). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.

Matias-Pereira, J. (2010). *Manual de metodologia da pesquisa científica* (2. ed.). São Paulo: Atlas.

¹⁴ <https://www.instagram.com/emidiaconecta/>

Polivanov, B. (2013). Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, 3, 61-71.

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2. ed.). Novo Hamburgo: Feevale.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pró-Reitoria de Extensão. (2025c, agosto 14). *ProexUFRN*. <https://www.youtube.com/@proexufrn9030>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pró-Reitoria de Extensão. (2025a, agosto 14). *Página no Facebook*. <https://www.facebook.com/PROEXUFRN>.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pró-Reitoria de Extensão. (2025b, agosto 14). *proexufrn - Perfil no Instagram*. <https://www.instagram.com/proexufrn/>.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pró-Reitoria de Extensão. (2025d, agosto 14). *Institucional*. <https://proex.ufrn.br/>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (1971). *Resolução n. 21/71-U-CONSUNI, de 02 de junho de 1971*. Regulamenta o funcionamento das Coordenadorias previstas no art. 30 do Estatuto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e dá outras providências. Natal: UFRN. <https://sigrh.ufrn.br/sigrh/downloadArquivoPublico?idArquivo=15767100&key=bcdafe834881ba52604bce5e5a28a3ba>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (2021). *Plano de Desenvolvimento Institucional 2020-2029*. Natal: EDUFRN.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (2022). *Resolução Nº 006/2022-CONSEPE, de 26 de abril de 2022*. Aprova o Regulamento de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (2017). *Resolução n. 182/2017-CONSEPE, de 14 de novembro de 2017*. Institui a Política de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Natal: UFRN.

Vasconcelos, L. R. (2009). *Planejamento de comunicação integrada: manual de sobrevivência para as organizações do século XXI* (2. ed.). São Paulo: Summus.

ANÁLISE DO GRAU DE UTILIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO: estudo de caso contábil na Empresa Gtech Gestão e Tecnologia LTDA

Julia Rodrigues Vidal

Gabriel Machado Santos

Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior

Introdução

O mundo está mudando e a sociedade está passando pelo processo evolutivo mais acelerado da história até então, a informação e comunicação acompanham esse desenvolvimento. Com o crescimento das tecnologias de informação, o modo de operar, analisar e comunicar as informações contábeis aos clientes, também está mudando.

A busca pela evolução é um processo natural da humanidade. Desde o surgimento da espécie humana até os dias atuais, constantemente ocorrem mudanças no mundo e no comportamento humano. Mesmo antes do surgimento da escrita, o ato de contabilizar se fez necessário nas primeiras civilizações. Os registros

contábeis acompanham o próprio desenvolvimento das sociedades comerciais e das tecnologias disponíveis em cada época.

Os primeiros registros contábeis tiveram origem na Antiguidade, quando civilizações perceberam a necessidade de ter um controle dos seus bens e utilizavam tábuas de argila para registrar transações econômicas de forma rudimentar.

Os registros passaram a ser digitais, automatizados e integrados, proporcionando maior agilidade, segurança e precisão nas informações contábeis.

No cenário atual, o uso da tecnologia é indispensável para a contabilidade, o uso de softwares integrados e de inteligência artificial traz inúmeras vantagens no processo de registro, processamento, informação e comunicação contábil.

Diante deste contexto, o artigo tem como objetivo analisar o grau de utilização da inteligência artificial na comunicação e informação contábil na empresa Gtech Gestão e Tecnologia LTDA, situada em Porto Alegre do Tocantins-TO. Buscando responder à seguinte questão de pesquisa: de que forma a inteligência artificial é utilizada na comunicação e informação contábil na empresa?

Justifica-se esta pesquisa pela singularidade da empresa estudada, uma vez que se trata da única empresa contábil do município com registro ativo no Conselho Regional de Contabilidade (CRC). Tal condição confere à empresa um lugar de destaque e representatividade no contexto local, o que a torna um objeto relevante de análise.

Informação e Comunicação Contábil

A contabilidade é uma ciência social aplicada e tem como um de seus principais objetivos comunicar informações úteis aos usuários, auxiliando-os no processo de tomada de decisão, tanto dentro quanto fora da empresa. Segundo Oliveira (2019), "As informações contábeis são representadas por um conjunto de demonstrações financeiras, e são consideradas o principal

instrumento de comunicação entre os produtores dessas informações – o profissional de contabilidade – e seus diversos usuários de natureza interna, como gestores e administradores, e de natureza externa, como governo, órgãos reguladores, credores, investidores e sociedade”.

A comunicação é um elemento indispensável no processo contábil, uma vez que o controle e a escrituração do patrimônio geram informações que serão repassadas aos usuários interessados. Nesse contexto, aplica-se a teoria da comunicação no setor contábil. Mota et al. (2014) afirmam que a eficácia da informação contábil é direcionada pela redução da incerteza do usuário, associando-se ao ato comunicativo.

O modelo inicial do ato comunicativo, proposto na Teoria da Comunicação, é constituído por elementos (fonte, emissor, mensagem, canal e receptor) que interagem entre si, influenciando-se mutuamente (Shannon & Weaver, 1948, citado por Mota et al., 2014). Inserindo a contabilidade nesse modelo, os contadores podem ser identificados como emissores que recebem informações primárias (fontes), realizam os devidos registros (mensagem) e as comunicam, por meio das demonstrações contábeis (canal), aos diversos usuários (receptores).

De acordo com Ludícibus (2010), a contabilidade surgiu para possibilitar o controle e a avaliação da riqueza do homem, considerando os acréscimos e decréscimos dessa riqueza. Silva et al. (2017) enfatizam que, para que essas variações sejam conhecidas e comparadas ao longo do tempo, é essencial registrar os acontecimentos, prática conhecida como escrituração. Ainda segundo Ludícibus (2010), a contabilidade pode ser conceituada como um processo de identificação, mensuração e comunicação de informações econômicas, financeiras, físicas e sociais, permitindo decisões e julgamentos adequados pelos usuários (receptores) da informação.

Dias Filho e Nakagawa (2001) ressaltam que os conceitos da Teoria da Comunicação podem ser aplicados na comunicação contábil como forma de melhorar a compreensão por parte dos usuários. Nesse sentido, Barros (2005) destaca que a qualidade da informação deve ser mais valorizada do que a quantidade.

A produção em massa de informações, facilitada pela tecnologia, sem adequada restrição e definição do usuário, não constitui solução, mas, muitas vezes, um problema do sistema de informações de uma instituição. Portanto, uma informação só será útil se atender às necessidades do usuário.

Evolução da Contabilidade e Tecnologia da Informação

Desde a sua constituição, a civilização está intrinsecamente ligada à ciência contábil. Há registros de que os povos antigos já possuíam algumas técnicas contábeis. Inclusive, existem relatos bíblicos sobre controles financeiros, como o citado por Jesus em Lucas 16:1-8, referente a um mordomo que fraudava seu senhor ao alterar os registros de valores a receber dos devedores (Bíblia, s.d.).

Na Itália, a contabilidade evoluiu de uma prática executada por qualquer pessoa para uma disciplina regulada por normas, à medida que as operações econômicas se tornavam mais complexas e exigiam maior controle. Segundo Iudícibus (2010), as escritas governamentais na República Romana (200 a.C.) registravam receitas classificadas em rendas e lucros, bem como despesas e perdas. O avanço do comércio e das guerras foi fundamental para o desenvolvimento da contabilidade, e o governo passou a reconhecer como contadores apenas aqueles qualificados para o exercício da profissão.

Após a Revolução Industrial, devido à rápida expansão dos negócios, surgiu a necessidade de análise sistemática dos registros contábeis. Desse contexto emergiram as primeiras trocas de informações contábeis no modelo que evoluiu para o utilizado

atualmente. Oliveira (2003) descreve a evolução dos procedimentos contábeis em três etapas:

a) **Procedimento manuscrito:** A escrituração era realizada manualmente nos principais livros, como diário, razão, caixa, controle de duplicatas a receber e contas a pagar, além das entradas e saídas de mercadorias. Posteriormente, com a chegada das máquinas de escrever nos Estados Unidos, a manutenção atualizada dos registros continuava a ser um desafio devido ao volume de informações.

b) **Procedimento mecanizado:** A escrituração passou a utilizar máquinas de datilografia e processadoras automáticas para preenchimento de fichas. Os profissionais que operavam esses equipamentos eram chamados de mecanógrafos ou datilógrafos, sendo esses recursos amplamente utilizados antes do surgimento dos microcomputadores.

c) **Procedimento informatizado:** Atualmente, a escrituração é realizada eletronicamente, utilizando-se grandes computadores (mainframes) e microcomputadores. Os livros físicos foram substituídos por folhas soltas, formulários contínuos e sistemas informatizados. A partir da década de 1980, houve crescimento exponencial no uso de microcomputadores, integrando as áreas administrativa, comercial, contábil e financeira das empresas.

Assim, observa-se que a contabilidade está em constante evolução, acompanhando as necessidades sociais. Trata-se de uma ciência baseada em conhecimento e informação, adaptando-se às transformações da era digital (Castro, 2022).

A integração de computadores, microeletrônica e telecomunicações marcou a chamada era da informação. De acordo com Perdigão et al. (2008), a cada etapa de evolução da ciência contábil, novos instrumentos são incorporados, sendo o microcomputador o principal recurso para assegurar rapidez e precisão nas informações.

Na contemporaneidade, a contabilidade está profundamente integrada à era digital. O uso de softwares contábeis e ferramentas tecnológicas avançadas transformou o processamento e a análise de dados, aumentando a eficiência operacional e permitindo que os contadores desempenhem papéis estratégicos nas organizações (Bechimol, 2024).

Rodrigues (2011) afirma que a tecnologia promoveu a integração de softwares e ferramentas inteligentes, tornando os processos contábeis mais seguros e eficientes. Segundo Castro (2022), a tecnologia aumenta a produtividade e otimiza o trabalho dos profissionais contábeis, possibilitando atendimento ágil e comunicação eficaz com os clientes. Bechimol (2024) destaca que a automação de processos contábeis representa uma das inovações mais significativas da TI, permitindo que tarefas antes demoradas sejam realizadas em minutos, assegurando a qualidade das informações contábeis e facilitando a tomada de decisão gerencial.

Bianchi e Malinowski (2017) ressaltam que o êxito de um sistema de informação contábil depende da aplicação de três recursos básicos:

- a) **Humanos:** profissionais devidamente capacitados;
- b) **Tecnológicos:** softwares e programas de informática;
- c) **Materiais:** computadores, suprimentos e outros recursos de informática, incluindo itens de consumo.

A Inteligência Artificial na Contabilidade

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, adotando uma abordagem qualitativa. Conforme Gil (2019), a pesquisa exploratória tem como finalidade promover uma compreensão inicial mais aprofundada do objeto de estudo, especialmente em contextos nos quais há escassez de informações sistematizadas, tornando-o mais explícito e auxiliando na formulação de hipóteses ou no aprofundamento da compreensão de fenômenos pouco estudados.

No que se refere à abordagem, adotou-se a pesquisa qualitativa, considerada a mais adequada para compreender significados, experiências e percepções dos sujeitos envolvidos, sobretudo em contextos sociais e organizacionais específicos (Minayo, 2001). Essa abordagem permite captar a complexidade dos processos humanos e sociais que não podem ser quantificados diretamente.

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de um estudo de caso, definido por Yin (2015) como uma investigação empírica que busca compreender um fenômeno contemporâneo inserido em seu contexto real, principalmente em situações nas quais os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

O estudo foi realizado no escritório Gtech Gestão e Tecnologia LTDA, localizado no município de Porto Alegre do Tocantins – TO, que, segundo dados do IBGE (2024), possui uma população estimada em 2.953 habitantes. O município é caracterizado por uma economia local formada predominantemente por empresas de pequeno e médio porte. O escritório analisado é o único ativo na cidade, sendo selecionado devido à sua singularidade como referência local em serviços contábeis, o que justifica a escolha de um caso único para análise aprofundada. De acordo com Gil (2019), a utilização de um único caso é válida quando se busca uma análise detalhada de uma realidade organizacional específica.

A coleta de dados foi realizada em agosto de 2025, por meio de uma entrevista com o sócio-fundador e contador da empresa, utilizando um questionário semiestruturado composto por perguntas objetivas de múltipla escolha e questões subjetivas com espaço para respostas discursivas. Essa combinação metodológica possibilita a obtenção de dados específicos e informações descritivas aprofundadas sobre a experiência do entrevistado em relação à utilização da inteligência artificial nos processos contábeis. Segundo Triviños (2008), a combinação de perguntas abertas e fechadas favorece uma investigação mais ampla do fenômeno

analisado, permitindo a coleta de dados objetivos e a compreensão de elementos subjetivos da realidade estudada.

A entrevista foi conduzida mediante autorização do participante, em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016), que regulamenta pesquisas com seres humanos nas ciências humanas e sociais. A interpretação dos dados coletados foi realizada por meio da análise de conteúdo, seguindo a abordagem metodológica proposta por Bardin (2016), respeitando as etapas de análise e interpretação de dados. Esse procedimento teve como finalidade identificar categorias relevantes para uma compreensão detalhada do fenômeno estudado.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, adotando uma abordagem qualitativa. Conforme Gil (2019), a pesquisa exploratória tem como finalidade promover uma compreensão inicial mais aprofundada do objeto de estudo, especialmente em contextos nos quais há escassez de informações sistematizadas, tornando-o mais explícito e auxiliando na construção de hipóteses ou no aprofundamento da compreensão de fenômenos pouco estudados.

Em relação à abordagem, adotou-se a pesquisa qualitativa, conforme Minayo (2001), é a mais adequada para compreender significados, experiências e percepções dos sujeitos envolvidos, sobretudo em contextos sociais e organizacionais específicos. Esse tipo de abordagem permite captar a complexidade dos processos humanos e sociais que não podem ser quantificados diretamente.

No que se refere aos procedimentos técnicos, trata-se de um estudo de caso, definido por Yin (2015), como uma investigação de natureza empírica, que busca compreender um fenômeno contemporâneo inserido em seu contexto real, principalmente em

situações nas quais os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

O estudo foi realizado no escritório Gtech Gestão e Tecnologia LTDA, localizado no município de Porto Alegre do Tocantins – TO, que, segundo dados do IBGE (2024), possui uma população estimada em 2.953 habitantes. O município é caracterizado por uma economia local formada, predominantemente, por empresas de pequeno e médio porte. Sendo o escritório analisado o único escritório de contabilidade ativo na cidade, selecionado em razão de sua singularidade como referência local em serviços contábeis, o que justifica a escolha do caso único para a análise aprofundada. De acordo com Gil (2019), a utilização de um único caso é válida quando se busca uma análise aprofundada sobre uma realidade organizacional específica.

A coleta de dados foi realizada em julho de 2025, por meio de uma entrevista aplicada ao sócio-fundador e contador da empresa, utilizando um questionário semiestruturado, composto por perguntas objetivas de múltipla escolha e questões subjetivas com espaço para respostas discursivas. Essa combinação metodológica visa obter tanto dados específicos quanto informações mais descritivas e aprofundadas sobre a experiência do entrevistado sobre a utilização da inteligência artificial nos processos contábeis. Segundo Triviños (2008), a combinação entre perguntas abertas e fechadas favorece uma investigação mais ampla e aprofundada do fenômeno analisado, ao possibilitar tanto a coleta de dados objetivos quanto a compreensão de elementos subjetivos da realidade estudada.

A entrevista foi realizada, mediante autorização do participante, em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016), que regula pesquisas com seres humanos nas ciências humanas e sociais. A interpretação dos dados coletados foi realizada por meio da análise de conteúdo, conforme a abordagem

metodológica proposta por Bardin (2016), respeitando as etapas de análise e interpretação dos dados. Esse procedimento teve como finalidade identificar categorias relevantes que ajudassem na compreensão mais detalhada do fenômeno analisado.

Resultados e Discussão

Além da pesquisa bibliográfica, este estudo utilizou um questionário com questões direcionadas a explorar as experiências do contador acerca da utilização da inteligência artificial (IA) nos processos de informação contábil. A coleta de dados foi realizada em agosto de 2025, por meio de entrevista aplicada ao sócio-fundador e contador da empresa. Nesta seção, apresentam-se e discutem-se os dados obtidos.

O ponto de partida da entrevista abordou o nível de familiaridade tecnológica do respondente. Observou-se que o único participante apresentou nível de familiaridade alto (100%) com ferramentas digitais e tecnologias de automação.

Esse resultado evidencia elevada competência digital e domínio de recursos tecnológicos, provavelmente associado à experiência prática acumulada, ao nível de instrução do entrevistado e à necessidade de adaptação às demandas do mercado.

Embora o estudo se limite a um único caso, esse achado é relevante, pois sugere que profissionais com esse perfil tendem a adotar com maior facilidade ferramentas inovadoras, como a IA. Conforme Guimarães et al. (2025), a apropriação crítica dessas ferramentas é essencial para o aprendizado contínuo e para a eficiência dos processos.

Quanto à utilização de ferramentas de IA nos processos contábeis, o respondente afirmou que a empresa faz uso de IA. Especificamente, a empresa utiliza um sistema capaz de identificar a parametrização correta de tributação para empresas optantes pelo Simples Nacional, considerando os produtos cadastrados no sistema do cliente. Essa abordagem facilita a gestão tributária e melhora a

qualidade da informação contábil, evidenciando a aplicação da IA na eficiência dos processos fiscais, um avanço significativo para a contabilidade (Bonsón, Cortijo, & Escobar, 2020).

Ao investigar a frequência de uso da IA nas atividades contábeis, o respondente indicou uso diário, sugerindo que a tecnologia está integrada de forma constante às rotinas operacionais e à gestão da informação contábil. Moreira e Kramer (2007) destacam que o uso contínuo de tecnologias digitais amplia o repertório de estratégias profissionais e melhora a gestão da informação.

Em relação à comunicação com clientes e parceiros, a IA também foi utilizada com frequência, indicando que a tecnologia não se limita às operações internas, mas atua ativamente na mediação da informação contábil. A automatização de respostas e geração de relatórios contribui para tornar a informação contábil mais compreensível e agiliza o atendimento aos clientes. Brynjolfsson e McAfee (2014) destacam que a integração inteligente da tecnologia otimiza o desempenho organizacional e transforma a produção, interpretação e compartilhamento da informação.

Quando questionado sobre a principal contribuição da IA para a comunicação contábil, o respondente destacou a automação das respostas fornecidas aos clientes, reforçando que a tecnologia funciona como um canal direto e dinâmico de comunicação. Esse uso da IA amplia a função comunicativa da contabilidade, que vai além da escrituração, estendendo-se à produção, interpretação e disponibilização de informações úteis aos usuários (Ludícibus, 2010).

Sobre a melhoria na clareza e rapidez das informações contábeis fornecidas aos clientes, o respondente relatou melhora moderada, indicando impactos positivos percebidos, ainda que com espaço para avanços mais significativos. Moreira e Kramer (2007) ressaltam que o impacto das tecnologias digitais depende de como são aplicadas, o que evidencia a importância de investigar tanto a presença quanto a eficácia da IA nos processos contábeis.

Ao identificar os principais benefícios do uso da IA, o respondente apontou a redução de erros como o impacto mais relevante, contribuindo para tornar a informação contábil mais confiável e fortalecendo sua credibilidade. Iudícibus (2010) enfatiza que a informação contábil deve ser relevante, tempestiva e confiável; nesse sentido, a IA contribui diretamente para esses atributos, especialmente na minimização de erros que possam comprometer relatórios financeiros e fiscais.

Em relação às perspectivas futuras, o contador indicou que a utilização da IA na empresa tende a aumentar, alinhando-se às tendências globais de digitalização da contabilidade. Quanto à substituição de atividades humanas pela IA, o respondente acredita que certas funções serão automatizadas nos próximos cinco anos, evidenciando o avanço tecnológico acelerado e a transformação dos processos contábeis por meio da automação inteligente. No entanto, isso não implica o desaparecimento do profissional contábil, mas a transformação de seu papel, que demandará habilidades analíticas, estratégicas e de comunicação aprimoradas (Guimarães et al., 2025).

Por fim, o entrevistado projetou as perspectivas futuras do uso da IA, com foco em processos de comunicação e informação contábil. Destacou que as maiores transformações ocorrerão no aspecto tributário, especialmente diante da nova reforma tributária, que exigirá alterações significativas na estrutura e no tratamento de dados fiscais. Nesse cenário, a IA poderá transformar a informação contábil em inteligência organizacional, permitindo decisões mais ágeis e assertivas.

Assim, observa-se que o grau de utilização da IA na empresa analisada é significativo e tende a se aprofundar nos próximos anos. A expectativa de grandes transformações, sobretudo no campo tributário, reforça a relevância do tema e confirma que a IA será cada vez mais central na estruturação, atualização e comunicação das informações contábeis.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa evidenciaram que o grau de utilização da Inteligência Artificial (IA) no escritório contábil analisado é significativo, destacando-se tanto nas rotinas operacionais quanto na gestão de informações e comunicação com clientes. O uso diário de ferramentas inteligentes de tecnologia no escritório contábil, indica que a IA já se consolidou como um recurso indispensável para aumentar a eficiência e aprimorar a qualidade das informações repassadas aos clientes.

Ainda que os impactos percebidos sejam positivos, a pesquisa revelou que a melhora na clareza e rapidez das informações contábeis é considerada moderada, o que sugere que o potencial da IA ainda não está sendo explorado em sua totalidade. O estudo demonstrou que a IA já é capaz de gerar avanços concretos na forma como a informação contábil é organizada, processada e disponibilizada.

A automatização de respostas e a parametrização tributária exemplificam a relevância da IA para tornar a comunicação mais objetiva e confiável, ampliando a eficiência na entrega de informações relevantes aos clientes.

A IA não substitui os sistemas contábeis. Ela potencializa a operação, atuando nos pontos estratégicos onde a programação tradicional não resolve o problema. Em meio às oportunidades e desafios que surgem com a implementação da IA nos escritórios contábeis, àqueles que usarem a inovação e se adaptarem a ela, estarão mais próximos de um futuro próspero. Além disso a utilização da IA permite que o profissional contábil otimize o tempo, uma vez que proporciona maior eficiência e precisão na geração das informações, promovendo uma comunicação mais eficaz.

À medida que as tarefas repetitivas são automatizadas pela IA, os contadores podem concentrar seu tempo em desenvolver atividades de maior valor agregado. Se tornando mais habilidosos

em contextualizar informações financeiras de maneira clara e compreensiva para seus clientes.

Diante do exposto, conclui-se que a Inteligência Artificial representa um elemento transformador da comunicação contábil, reposicionando o contador como mediador estratégico da informação. Para futuras pesquisas, sugere-se o aprofundamento de estudos que investiguem: (a) os efeitos da IA na qualidade da comunicação contábil com diferentes perfis de usuários; (b) as mudanças na percepção de confiança e transparência da informação contábil mediada por IA; e (c) a adaptação dos profissionais contábeis a essa nova demanda, em que habilidades comunicativas tornam-se tão relevantes quanto a competência técnica.

Portanto, os resultados desta pesquisa indicam que a Inteligência Artificial, quando utilizada de maneira crítica e estratégica, tem o potencial de fortalecer a função comunicativa da contabilidade, assegurando que a informação não se limite ao registro, mas seja compreendida e empregada de forma efetiva no processo de tomada de decisão.

Referências

Barros, V. M. (2005). Divulgação de trabalho: o novo velho enfoque da informação contábil. *Revista de Contabilidade e Finanças*, 16(38), 102–112. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772005000200009>

Bechimol, K. G., Figueiredo, L. P. de, Rosa, L. M. S. da, & Cavalcante, Z. P. (2024). A utilização da tecnologia da informação como ferramenta de apoio na gestão contábil. *Ciências Exatas e da Terra*, 29(140), Publicado em 26 de novembro de 2024. <https://doi.org/10.69849/revistaft/ni10202411260742>

Bianchi de Oliveira, D., & Malinowski, C. E. (2017). A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA CONTABILIDADE GERENCIAL. *Revista De Administração*, 14(25), 3–22. Recuperado de <https://revistas.fw.uri.br/revistadeadm/article/view/1596>

Bomfim, V. C. (2020). Os avanços tecnológicos e o perfil do contador frente à era digital. *Revista Trevisan*, 18(173), 60–78.

Bonsón, E., Cortijo, V., & Escobar, A. (2020). The role of artificial intelligence in accounting and auditing. *International Journal of Accounting Information Systems*, 37, 1-13.

Brynjolfsson, E., & McAfee, A. (2014). *The second machine age: Work, progress, and prosperity in a time of brilliant technologies*. W. W. Norton & Company.

Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Ministério da Saúde. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

Costa, C., Rodriguez, M., & Fradão, M. (2012). As tecnologias digitais na aprendizagem das crianças e no envolvimento parental no Jardim de Infância: Estudo exploratório das necessidades das educadoras de infância. *Redalyc*.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.

Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7ª ed.). Atlas.

Guimarães, P. R., Souza, D. C., Silva, L. M., & Pereira, R. C. (2025). A apropriação crítica de ferramentas digitais na educação contábil. *Revista de Educação e Tecnologia*, 19(2), 115-130.

Guimarães, U. A., de Sousa, L. R. L., de Oliveira, C. P. N., Matta, R. R. C., Felix, M. M., Leal, M. B., da Fonseca, S. M. S., & Azevedo, V. L. S. (2025). A utilização de ferramentas digitais no desenvolvimento da aprendizagem da educação infantil. *Revista FT, Qualis B2*. <https://doi.org/10.69849/revistaft/ar10202505302252>

Heberle, É. L., & Grützmann König, J. (2023). Inteligência artificial e a robotização de tarefas para o aumento de eficiência em escritório de contabilidade. *Revista de Auditoria, Governança e Contabilidade*

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). Estimativas populacionais por município. Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br>

Iudícium, S. Teoria da Contabilidade. 10º ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Minayo, M. C. S. (2001). Pesquisa social: teoria, método e criatividade (21ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Moreira, M. A., & Kramer, C. (2007). O impacto das tecnologias digitais na educação e no mercado de trabalho. Revista Brasileira de Educação, 12(36), 49-65.

Moreira, M., & Kramer, C. (2007). Psicologia da educação e as tecnologias digitais de informação e comunicação. Psicologia da Educação. SciELO.

Mota, A. F., Coelho, A. C. D., & Queiroz, L. L. (2014). Teorias da informação e teoria da contabilidade: Contribuição para tratamento da informação contábil. In Anais do XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade: Novas perspectivas na pesquisa contábil. Universidade de São Paulo.

Oliveira, E. (2019). Impacto do uso da inteligência artificial em sistemas de gestão empresarial no exercício da profissão contábil (Trabalho de conclusão de curso, Bacharelado em Ciências Contábeis, Faculdade Maria Milza – FAMAM).

Rezende, D. A. (2010). Sistema de informações organizacionais: Guia prático para projetos em cursos de administração, contabilidade e informática (4ª ed.). São Paulo.

Rocha, V. M. J., & Almeida, R. V. (2020). Serviços de contabilidade gerencial oferecidos pelos escritórios de contabilidade da cidade de

Curvelo/MG. Resolução: Revista de Direito e Ciências Gerenciais – Faculdade Arquidiocesana de Curvelo, 4(4), 95–111.

Schwindt, M. C. S. (2021). Os principais impactos da inteligência artificial na contabilidade gerencial (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP). Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/60535>

Sociedade Bíblica Internacional. (2023). *Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional (NVI)* (ISBN 978-85-61721-87-9). Sociedade Bíblica Internacional.

EXPERIÊNCIAS DA DOR NO ESTUDO DOS CORPOS NO BOXE

José Castro Oscar

Introdução

Este trabalho expõe reflexões sobre a dor nos treinos e eventos de boxe, resultantes de um trabalho de campo em academias e clubes¹⁵ da cidade de San Salvador de Jujuy, Argentina. Para sua realização, foi utilizada uma metodologia qualitativa e adotou-se uma abordagem etnográfica com métodos como observação participante e entrevistas semiestruturadas. Além disso, como parte dessa tarefa, foram realizadas diversas assistências a eventos de boxe organizados pelos clubes de boxe.

No campo da Comunicação, o trabalho contribui para a problematização da corporalidade no estudo do boxe e se apresenta como uma continuidade das reflexões desenvolvidas em outro artigo, onde se problematizou como os corpos dos boxeadores e sua

¹⁵ O documento preservará os nomes e dados de localização das academias e clubes. Serão utilizados nomes fictícios para identificar os praticantes de boxe.

capacidade de se mover no espaço enunciam os processos culturais e históricos que os atravessam. As maneiras como as formas de socialização diferencial e desigual entre os gêneros, as trajetórias e experiências se expressam em suas habilidades e () corporais. Como é o corpo esse lugar onde e a partir do qual se (re)produzem sentidos que têm sua origem na ordem patriarcal. Vinculado a isso, pensou-se também na maneira como a (re)produção desses sentidos não só se torna evidente no nível da aplicação das técnicas de boxe, mas também ocorre nas formas de ensino e aprendizagem que tendem, em certa medida, a reforçar essas ordens e moldam o corpo dos pugilistas (Castro, 2024).

Nessa linha, o artigo se propõe a problematizar os corpos e a dor no boxe, buscando explicar como Hall e Jefferson (2014) mencionam não apenas a ação social, mas também as formas como ela é construída dentro de estruturas e contextos históricos, tentando levar em conta os diferentes processos que a atravessam, desde as dinâmicas das interações face a face até questões mais gerais, como a relação dessas experiências com as relações de poder, classe, gêneros e ordens hegemônicas. A partir desse ponto, o trabalho localiza analiticamente esses processos em três momentos que, por sua vez, estruturam o trabalho: os treinos físicos, o treinamento de boxe e as noites de boxe. Os treinos são aqueles momentos diários em que os boxeadores se exercitam e exploram seu território corporal. A partir da repetição constante dos exercícios (sombra, socar o saco, pular corda, treinos físicos), eles incorporam a prática até naturalizar a técnica. Aqui, o conhecimento do boxe se torna corpo. É nesse processo de construção de um corpo para o boxe que se aprende, experimenta e desenvolve tolerância à pressão e à dor. Posteriormente, esses conhecimentos incorporados desempenham um papel fundamental no espetáculo do boxe, sendo este também um cenário interessante para refletir sobre a dor.

Os treinos físicos

O treino começa com alguns exercícios de mobilidade para evitar lesões, que fazemos sem pesos e sobre um colchão encharcado pelo suor dos corpos que, turno após turno, o atravessam ao longo do dia. Depois de repetir isso duas vezes, o professor¹⁶ nos diz: *“Vamos lá, vamos fazer o aquecimento!”*. Isso implica pular corda e, em outras ocasiões, exercícios aeróbicos (agachamentos com saltos ou batidas no lugar). Aqui, tudo começa a ser exaustivo, vemos os rostos começando a suar, ouvimos os gemidos. Depois vêm os abdominais: três séries de quatro tipos de abdominais, trinta repetições cada. Este momento parece eterno, mas é algo que neste esporte é considerado extremamente importante, pois é um dos locais onde os golpes do adversário são direcionados (o outro é o rosto) e, por isso, precisa ser fortalecido. Ao terminar esta parte do treino, começamos com os circuitos aeróbicos e de força; trabalhamos com pesos, caixas, halteres, barras, fazemos saltos, lançamos bolas, chegamos à exaustão. Assim completamos a primeira hora do turno e depois começa a próxima meia hora com exercícios de técnica de boxe no saco e com outros colegas.

Este treinamento físico, como em grande parte dos esportes, insere quem o pratica em uma relação próxima com a dor. Ela é experimentada na sufocação, na náusea, na tensão muscular, etc. Aqui, o treinamento não só leva à melhoria de questões técnicas, mas é o primeiro momento em que se aprende a dor de forma gradual (Bitencourt, 2011). É um momento que leva ao conhecimento do próprio corpo e de seus limites. De acordo com David Le Breton (1999), nesses momentos, a dor se apresenta como condição necessária para ir além durante o sofrimento imprevisível da prova.

¹⁶ Felipe tem 28 anos, é boxeador profissional, trabalha informalmente e mora no bairro Punta Diamante, uma área popular de San Salvador de Jujuy.

O sofrimento e a dor moderada são aprendidos para serem rejeitados quando a atividade esportiva vai além do que é experimentado diariamente, quando se aproxima a ideia de desistência. No caso do treinamento, quando se chega ao ponto da exaustão. Aqui, os atletas enfrentam sua dor, reconhecem alguns limites, mas ao mesmo tempo os desfocam para aumentar seu desempenho. Sempre há um novo limite a ser superado: mais peso, melhor resistência, outros objetivos. A esse respeito, Le Breton (199) sustenta que é o momento em que se exige uma negociação pessoal com o limiar de dor suportável. Por essa razão, é necessário localizar esses limites de dor não em uma condição fisiológica, mas considerá-los em um quadro de valores e normas, uma cultura (Bitencourt, 2011). Por isso, a dor é outra dor no boxe, faz sentido dentro dessa prática. E mesmo nesse espaço, essas experiências de dor são múltiplas, são muitas dores, que têm inscrito o coletivo (constituído na experiência, conhecimentos, visões, normas compartilhadas dentro do esporte), mas que ao mesmo tempo se complexificam com a experiência pessoal, com as trajetórias biográficas.

Portanto, a experiência da dor é uma experiência não apenas individual, mas também coletiva, uma vez que é vivenciada com outras pessoas em uma academia, e pela forma como seus e sentidos fazem parte de uma construção discursiva, histórica e social dos sujeitos nesse campo disciplinar. Como menciona Scott (1999), é necessário pensar esses processos como construções históricas que, por meio do discurso, posicionam os sujeitos e produzem suas experiências. Além disso, é interessante a perspectiva de E.P. Thompson em relação à experiência, enfatizando o caráter social e as dimensões simbólicas da expressão. Seguindo o que o autor propõe, poderíamos pensar que as experiências da dor não são vividas apenas como ideias, dentro do pensamento, mas também como sentimentos, um sentimento que é construído culturalmente como norma e valor dentro de um campo, neste caso, o esportivo.

Treino de boxe

Quando o treinamento de boxe começa, já estamos exaustos, mas aprendemos a “dar tudo” apesar da exaustão. Corpos cansados se apoiam na parede da academia, sentados, secam o suor, bebem água e enrolam as bandagens; alguns conversam e outros ficam em silêncio, olhando para as mãos enquanto as cobrem com bandagens e colocam as luvas. O professor¹⁷ grita: *Vamos lá, o que está acontecendo, não estou ouvindo esses sacos!* O gongo soa e começam os golpes, respirações fortes e em ritmo sustentado, cada golpe é acompanhado por uma expiração controlada, *“golpeie devagar para não ficarmos sem fôlego”* é outra de suas instruções recorrentes nesses momentos. Os golpes lançados também são acompanhados por gemidos e gritos. Quando essa cena é acalmada por um silêncio, ele volta a gritar: *“Vamos lá, vamos ouvir esses sacos!”*. Nos últimos dez segundos, é indicado dar golpes rapidamente. Agora ele fica ao lado de qualquer um e diz: *“Aguenta, aguenta!”*.

Às vezes, o professor chama alguns para que parem de “fazer bolsa” e comecem a “fazer escola”, ou seja, simular uma luta de acordo com as combinações de golpes e defesa indicadas. Lembro-me de alguns desses momentos. A primeira vez que fiz isso, alguns meses depois de começar a praticar o esporte, meu companheiro¹⁸ me deu um golpe na cabeça, minha visão ficou embaçada e consegui ouvir a professora¹⁹ me dizer: *“Respire fundo, saia e continue!”*. Ao fazer isso, consegui me recuperar. Depois, compreendi por que, no treino, ela nos fazia girar até ficarmos tontos e, nesse estado, tentar contornar alguns obstáculos, enquanto gritava para respirarmos

¹⁷ Felipe tem 28 anos, é boxeador profissional, trabalha informalmente e mora no bairro Punta Diamante, uma área popular de San Salvador de Jujuy.

¹⁸ Maxi tem 16 anos, é praticante de boxe e basquete, estudante e residente do bairro San Pedrito, uma área popular de San Salvador de Jujuy.

¹⁹ María tem 27 anos, é boxeadora amadora, trabalha informalmente e mora no bairro “Corchito”, uma área popular de San Salvador de Jujuy.

fundo para nos estabilizarmos. Ao final desse treino, ela dizia a todos nós para nunca mostrarmos que estamos sentindo algo (cansados ou tontos), não devemos mostrar que sentimos dor, porque o adversário virá decidido a *nos "derrubar"*.

Há outras experiências na "escola" que também gostaria de resgatar. Certa vez, tive que treinar com um colega que estava começando, tínhamos que dar golpes na região abdominal e tentar nos proteger. Com o jovem, marcávamos os golpes sem muita força, o professor viu isso e se aproximou para nos dizer: *"batam com força, com tudo, para sentir a dor, senão o que vão fazer quando receberem um golpe?"*. A partir daquele momento, os golpes ficaram mais fortes. Meus braços ficavam cansados. Com o impacto, sentia os arranhões das luvas gastas. Esse tipo de experiência começa a ser mais frequente quando você é considerado avançado na prática. Lembro-me de outra situação semelhante: o professor olha para todos os colegas e começa a ver com quem vai me enfrentar. Isso me lembra Loïc Wacquant (2007) quando menciona que os lutadores são escolhidos de acordo com suas características, eles são "emparelhados" de acordo com suas características e estilos para tornar a luta atraente. Enquanto os observa, ele me diz para apresentar os estudos para começar a "lutar com luvas" (ou seja: fazer uma série de rounds de três minutos cada, desta vez usando capacetes como proteção). Ele escolhe o parceiro e começamos a treinar. Ele nos pede golpes fortes no corpo e não no rosto, dizendo: *"Que doa!"*. Ao mesmo tempo, reúne outros colegas para fazer o mesmo e grita: *"Depois vejam, esses idiotas vão se dar mal!"*. Começamos a praticar, eu dava meus golpes com força e meu companheiro fazia o mesmo, quando eu recuava para que seu golpe ficasse no ar e contra-atacasse, o professor gritava: *"Dá agora para frente, sempre para frente, fica em cima!"*. Ele nos cercava enquanto dizia: *"Sempre para frente, sempre em cima!"*. Isso às vezes era opressivo, ter alguém o tempo todo não deixando você se afastar e que além disso se aproxima para bater em você é mentalmente

cansativo, a dor dos golpes já não sinto como antes, a exaustão física é mais latente, mas a única coisa que eu podia fazer era: ir em cima, bater, mudar de ar, suportar o cansaço físico. No final, sorrimos um para o outro e batemos as luvas. Os outros jovens continuavam praticando e o professor rindo, comemorando, exclamando: *“Viu, olha só, os pirralhos estão levando uma surra,²⁰ !”*

No treino de boxe, aprende-se e atravessa-se a dor de ser golpeado, mas também se aprende a causá-la nos outros. Aqui, a dor é experimentada, aceita como algo intrínseco ao boxe e aprende-se a suportá-la. Suportá-la sendo homem implica passar pelo teste de masculinidade, assim como acontece no futebol e nas torcidas, coincidindo com Pablo Alabarces (2012): “Na tentativa de testemunhar a posse da resistência, da masculinidade legítima, eles não manifestam a dor. Ao provar sua força e tolerância à dor, eles provam sua masculinidade, já que “somente os machos aguentam” (p. 79). Quanto às mulheres, elas são “cuidadas” nessa aproximação com a dor, tanto no treinamento físico (trabalhando com menos exigências) quanto no treinamento de boxe. Elas experimentam em algum momento a dor como parte da prática, mas nesse aprendizado são protegidas, vão “mais devagar”. A feminilidade frágil e seus corpos como algo a ser cuidado continuam sendo frequentes nesses espaços. Há ordens sociais que continuam parecendo estáveis, apesar das transformações que ocorreram nos últimos anos. Nesse ponto, poderíamos pensar nesses aspectos como processos culturais residuais, ou seja, que essa característica fundamental da ordem patriarcal heterossexista, que foi efetivamente formada no passado, ainda está em atividade dentro do processo cultural; não apenas como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente (Williams, 2009). Além disso, sua permanência ganha importância para a cultura dominante efetiva diante dos processos culturais emergentes, como a

²⁰ Refere-se a jovens de 14 a 16 anos, praticantes de boxe recreativo.

participação das mulheres em espaços historicamente masculinos que introduzem novos significados, valores, práticas e relações (Williams, 2009). Em outras palavras, poderíamos pensar que as mulheres em esportes como o boxe estão claramente presentes, mas as formas como aparecem mostram como sua subordinação cultural é preservada e reproduzida (McRobbie e Garber, 2014).

De acordo com algumas reflexões de Le Breton (1999), no treinamento de boxe parece que se experimenta um ritual de transição pela dor para demonstrar força ou caráter nesses espaços. É necessário mostrar que você é capaz de realizar a prática e, nessa confirmação, as experiências de masculinidade assumem um lugar e um o transcendental. Alguns boxeadores relatam vivências e experiências masculinas próximas a formas de combate, que talvez expressem razões pelas quais a incorporação dos conhecimentos corporais do esporte é mais rápida e que, além disso, lhes permite demonstrar habilidades para realizar a prática:

Acho que, por ter vivido em um bairro complicado, onde a vida é difícil, por instinto eu já tinha que me defender. Antes de ser boxeador, briguei um milhão de vezes na rua, troquei socos. Acho que por isso... já tinha isso em mim. Aprendi muito rápido, em uma semana, em duas semanas já estava lutando. Não tinha medo, nunca tive medo (Alejandro, boxeador profissional²¹).

A experiência aqui assume um lugar significativo, como evento que dá conta da história de cada sujeito (Scott, 1999) e da forma como ela se configura a partir do entrelaçamento do vínculo

²¹ Alejandro tem 28 anos, é boxeador profissional, trabalha informalmente e mora no bairro Punta Diamante, uma área popular de San Salvador de Jujuy.

com os outros e da incidência dos contextos; processos que, além disso, estão intimamente relacionados com as experiências de classe determinadas pelas relações de produção em que se nasce ou nas quais se entra de forma involuntária (Thompson, 1989).

Em treinamentos como esses, experimenta-se a dor dos golpes e aprende-se a “aguentá-los”. Isso é alcançado a partir de um treinamento rotineiro, que tem como objetivo construir um corpo com um alto limiar de tolerância à dor, capaz de suportar um combate. Mas também se aprende a ser indiferente à dor, não se deve expressar nenhum traço de sofrimento. Esse tipo de vivência da dor revela o caráter discursivo dessa experiência, o ocultamento da dor não está fora dos significados constituídos discursivamente, tem um sentido compartilhado dentro da prática (Scott, 1999). Da mesma forma, parece-me importante destacar a visão de Moreira (2019) para compreender esses significados, ao coincidir com Tyson Smith na maneira como o universo da luta profissional prevalece um estoicismo diante da dor, o que implica inevitavelmente não expressar nenhum traço de sofrimento.

Portanto, construir um corpo que luta boxe implica acostumar-se a essa dor e negá-la, não expressá-la para não dar margem ao adversário ver vulnerabilidade e possibilidade de encerrar a luta. Meu professor diz isso melhor:

É para isso que treinamos, para ver se ele me dá um soco, como eu recebo, se ele está me dando um forte golpe com a direita, como eu resolvo, você se prepara para tudo. Quando você está atordoado... a cabeça trabalha sabendo que você não pode mostrar que está atordoado. Antes de subir no ringue, eu sei que um golpe pode me deixar atordoado, sei que posso me cansar e sei como lidar com isso. Se você mostra que

está sentindo dor, o outro vem e quer arrancar sua cabeça, o boxeador (Felipe, boxeador profissional).

Esse aprendizado da dor e sua negação é fundamental, o exercício da prática requer a aceitação dessas regras e sentidos para poder realizá-la nos espaços de treinamento e nas noites de boxe. Nessa linha, é interessante a proposta de Sherry Ortner (2009) em sua pesquisa sobre o alpinismo ao tomar a noção de “Jogo profundo” de Clifford Geertz, pensando que uma prática como a que ela aborda é um jogo que compensa seus praticantes em termos de produção de sentido, de penetração em dimensões importantes da vida e da experiência; e que isso faz com que os riscos envolvidos na prática valham a pena. Há uma recompensa de sentido que, em alguns casos, se circunscreve à ideia de glória. Essa narrativa não está longe dos sentidos que o boxe carrega, que não apenas constrói a subjetividade de quem o pratica, mas também se expressa nos slogans de algumas noites como “Glória e Honra”. Os riscos que envolvem o esporte são aceitos porque os significados que são construídos ganham valor na vida de seus praticantes e têm importância diante dos outros.

Evento de boxe

Esses corpos treinados nas academias percorrem um caminho que às vezes chega ao ringue instalado para uma noite de boxe. É o momento em que se mostram os corpos construídos como máquinas dispostas para o espetáculo e a confrontação. Aqui, o boxe como uma disciplina altamente ritualizada oferece os corpos ao olhar como oferendas (Moreno Esparza, 2018). Isso também se apresenta em um cenário para pensar a dor.

Relembrando uma ida a um desses eventos, lembro que o lugar estava lotado, havia muito movimento e o silêncio não existia, a música e o murmúrio protagonizavam a cena, pelo menos até o

início das lutas. No centro do ringue, aquele lugar onde dois corpos se confrontariam até alcançar a morte simbólica ou a insatisfação de um estado semelhante (um empate). Ele estava cercado por cadeiras ocupadas, atrás delas muitas mais pessoas, mas em pé, e em um dos seus lados os juízes junto ao gongo que marcaria o tempo regulamentar para os confrontos.

Eu me posicionei em um canto do local e de lá via os diferentes treinadores se cumprimentando, enquanto no mesmo espaço alguns já colocavam as bandagens, grande parte dos outros combatentes faziam seus aquecimentos movendo os braços, ombros, cabeça, pulando, fazendo sombra, ou seja, desdobrando as técnicas de boxe sem adversário. Em seus rostos, percebia-se uma grande concentração, como se nada estivesse acontecendo ao seu redor. Eu me perguntava no que eles estavam pensando, se sentiam medo, adrenalina, ansiedade, incerteza.

Quando chegou a hora de começar as lutas, cada um foi chamado pelo seu nome fictício enquanto a gente aplaudia ou assobiava. Uma vez posicionados em cantos diferentes, distinguidos por cores (um vermelho e outro azul), eles se dirigiram ao centro do ringue, o juiz repetiu as regras e a luta começou. No ringue, os boxeadores, em cada deslocamento e uso desse espaço, nos movimentos e combinações efetuados, demonstram um conhecimento incorporado, sabem o que fazer e quais golpes usar em cada momento; mas, ao mesmo tempo, enfrentam o desafio não apenas do esgotamento físico, mas também da imprevisibilidade técnica e estratégica do adversário. O ringue se constitui em outro espaço de aprendizagem, tanto para quem luta quanto para aqueles que acompanham no canto do ringue, pois exige o reconhecimento das fraquezas e forças expressas pelo rival e o desenho de estratégias para enfrentá-lo; é um cenário de problematização e interpretação. Como menciona Moreno Esparza (2018), no ringue ocorre uma encenação complexa, na qual não é possível identificar fatores insignificantes; pelo contrário, é um cenário em que cada

ação tem um significado, está ligada a certos atores autorizados e a condições que lhe conferem autenticidade.

Enquanto esses processos acontecem no ringue, ao redor, o público grita: *"mate-o"*, *"acabe com ele"*, *"nocauteie-o"*, *"não pense, acabe com ele"*, *"destrua-o"*. Diante disso, os boxeadores, engolidos por esses gritos, começaram a se golpear brutalmente, talvez a leitura do contexto e as ordens que seus corpos encarnavam os levassem a reafirmar sua masculinidade, provar que eram machos, não deixar de ser homens fortes, corajosos, sem medo, sem dor. Isso não significa que eles não tenham emoções como medo, sentimentos como dor, mas que, nesse processo de prova de masculinidade e também de heroísmo, essas manifestações de "fraqueza" ficam entorpecidas, ocultas aos olhos dos outros.

Por outro lado, lembro que quando duas boxeadoras subiram ao ringue, as pessoas permaneceram em silêncio. Durante a luta, a técnica de ambas se destacava, mas no ambiente percebia-se um certo desconforto, talvez porque o que estava acontecendo alterava um mundo ordenado por outras regras. Como propõe Hortensia Moreno Esparza (2018), o corpo das boxeadoras "por um lado, repete cada um dos gestos, cada uma das ações que constituem o grande ritual. Mas a repetição é marcada por uma diferença que a situa em um espaço de liminaridade" (p. 97). Então, nesse cenário, elas enunciavam a partir de/com seus corpos uma transgressão e colocavam em um lugar de tensão outras posições. Elas colocavam em crise a feminilidade frágil, a beleza feminina moderna, ao narrar uma beleza técnica, revelando assim o quão permeáveis são as fronteiras e, com essa ruptura, construíam outros contornos em um espaço historicamente masculinizado e vedado. Aquelas jovens no ringue marcavam uma posição em suas vidas e perante a sociedade. As noites de boxe constituem um ritual de imposição e domínio, de negação e romantização da dor, que é celebrado por um público que valoriza a intensidade e a violência dos combates acima da técnica do boxe. Elas narram um confronto bruto de dois corpos governados

pela força e pelo engano (Wacquant, 2006). Por sua vez, essa característica de força bruta se desmaterializa pelo sentido que carrega como os ideais do “homem”, da “nação” ou o apelo da confrontação à “ciência” ou à “arte”; aqui os corpos transcendem sua materialidade para se tornarem ideia (Moreno Esparza, 2011).

Da mesma forma, nesse confronto agonizante e direto, ocorrem os sentidos aprendidos em torno da dor forjados nos treinos. O ringue é o espaço onde mais se dissimula a dor, quanto mais se resiste e se provoca, mais se intimida o rival e se impressiona o público. Aqui, as evidências físicas desse sofrimento, como o rosto ensanguentado e o esgotamento corporal, funcionam como narrativas de salvação, heroísmo, honra e “resistência”. Pode-se dizer que se constitui um sentido heróico da dor. O corpo ferido no espetáculo do boxe carrega essas narrativas na vitória e, às vezes, até mesmo na derrota.

Conclusões

Ao longo do trabalho, foi feita uma reflexão sobre os corpos e a dor no boxe, localizando analiticamente esses processos em três momentos: os treinos físicos, o treinamento de boxe e as noites de boxe.

Em relação aos treinos físicos, ficou evidente que este é o momento que insere quem pratica o esporte em uma relação próxima com a dor, ao experimentá-la gradualmente na sufocação e no esgotamento dos exercícios. Aqui, os atletas enfrentam sua dor e reconhecem seus limites, mas ao mesmo tempo os esbatem para aumentar seu desempenho, o que, por sua vez, implica aprender a rejeitá-la quando, na exaustão resultante da atividade física, se aproxima a ideia de desistência.

Com relação aos treinos de boxe, foi possível perceber que eles constituem espaços onde se passa pela dor ao ser golpeado, mas também se aprende a causá-la nos outros. Aqui, experimenta-se suportar a dor, e fazê-lo sendo homem implica reafirmar a

masculinidade, enquanto as mulheres são “cuidadas” nessa experiência, tanto no treinamento físico quanto no treinamento de boxe. A feminilidade frágil e seus corpos como algo a ser cuidado continuam sendo frequentes nesses espaços. Assim como se aprende a suportar a dor e a construir um alto limiar de tolerância a ela, também se aprende a negá-la, a ser indiferente. A aceitação dessas regras e riscos parece ter uma recompensa de sentido que se circunscreve em algumas narrativas de glória, honra, masculinidade e que, além disso, ganham valor na vida e na experiência de seus praticantes.

Por fim, as noites de boxe também se apresentaram como cenários para refletir sobre a dor. O ringue constitui-se como o lugar onde se enunciam os conhecimentos incorporados, se desenham estratégias para enfrentar as fraquezas e forças do oponente, mas acima de tudo aparece como um ritual onde se reafirma a masculinidade. Nesse processo de prova de masculinidade e heroísmo, qualquer manifestação de “fraqueza” diante da dor é ocultada. Quanto às lutas realizadas por mulheres, elas colocam em tensão as posições hegemônicas da feminilidade e constroem outros contornos em um espaço historicamente masculinizado e vedado. As noites de boxe são um cenário de negação da dor diante do oponente e diante de um público que valoriza a intensidade e a violência dos combates acima da técnica do boxe. Aqui, ganham força as narrativas de honra, heroísmo e resistência, que são exaltadas quando os combates deixam evidências físicas da dor sofrida; pode-se dizer que se constitui um sentido heróico da dor.

A dor é outra dor no boxe, ela faz sentido dentro dessa prática. E mesmo nesse espaço, essas experiências de dor são múltiplas, constituídas no aprendizado coletivo dentro do esporte, mas que ao mesmo tempo se tornam complexas com a experiência pessoal, com as trajetórias biográficas.

Referencias

- Alabarces, P. (2012) *Crónicas del aguante. Fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual
- Bitencourt, F. (2011). Dolor y cuerpo en el fútbol: una etnografía del mundo vivido en un centro de entrenamiento de un club brasileño. En Godio, Matías y Uliana, Santiago (comp.) *Fútbol y sociedad. Prácticas locales e imaginarios globales* (p.157-174). Sáenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero
- Castro, J. (2024) Cuerpo, género y boxeo. Aproximaciones a la práctica pugilística en San Salvador de Jujuy. *Revista Avatares de la comunicación y la cultura*, (27), 1-11
- Hall, S. y Jefferson, T. (2014). Introducción. En Hall, S. y Jefferson, T. (Eds.) *Rituales de resistencia. Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de postguerra* (p.55-58). Madrid: Traficantes de sueños.
- Le Breton, D. (1999) *Antropología del dolor*. Barcelona: Seix Barral Los Tres Mundos.
- McRobbie, A. y Garber, J. (2014). Las chicas y las subculturas: una investigación exploratoria. Hall, S. y Jefferson, T. *Rituales de resistencia. Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de postguerra* (p.315-331). Madrid: Traficantes de sueños.
- Moreira, V. (2019). Aprendiendo con el cuerpo. Etnografía sobre boxeo en la ciudad de Buenos Aires. *Revista Atlántida*, (10), 119-132.
- Moreno Esparza, H. (2011). Feminidad, belleza y boxeo: paradojas del cuerpo. *Memoria del V Congreso Internacional de Ciencias, Artes y Humanidades "El cuerpo Descifrado"*. Ciudad de México.

Moreno Esparza, H. (2018) El cuerpo del/la boxeador/a: danza y representación. *Investigación Teatral. Revista de artes escénicas y performatividad*, 9 (13), 80-102

Ortner, S. B. (2009) Resistencia densa: muerte y construcción cultural de agencia en el montañismo himalayo. *Papeles de trabajo*. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín. (5)

Scott, J. (1999). Experiencia. Revista *Hiparquía*, 10(1), 59-83.
<http://www.hiparquia.fahce.unlp.edu.ar/numeros/volx/experiencia>

Thompson, E. (1989). La formación de la clase obrera en Inglaterra. Crítica.

Wacquant, L. (2006). *Entre las cuerdas: cuadernos de un aprendiz de boxeador*. Buenos Aires: Silgo XXI Editores.

Wacquant, L. (2007). Un traficante de carne en acción: Pasión, poder y lucro en la economía del boxeo profesional. En Lachaud, J-M y Neveux, O. (Dir.) *Cuerpos dominados, cuerpos en ruptura* (p.79-94). Buenos Aires: Nueva Visión.

Williams, R. (2009). Dominante, residual y emergente. En William, R. *Marxismo y Literatura* (p.143-149). Buenos Aires: Las Cuarenta.

RELATIVIDADE RESTRITA E METAFÍSICA: uma janela para o ser

Maxwell Diógenes Bandeira de Melo

Introdução

A presente pesquisa trata-se de uma investigação acerca do realismo e antirrealismo. Estas são duas visões se opõem, entretanto o antirrealismo usa da linguagem da física clássica para enunciar suas conclusões e, ao mesmo tempo, negá-la. Talvez as teorias que vieram com o antirrealismo na aurora da mecânica quântica sejam uma evolução para o futuro, pois há resultados que mostram que o antirrealismo e suas vertentes, bem como suas consequências, ainda estão em seu nascedouro. A natureza desafiadora e paradoxal da teoria quântica em comparação com as teorias clássicas, especialmente no que diz respeito à causalidade, à observação e à coordenação espaço-temporal é conhecida por desafiar muitas das intuições comuns sobre como o mundo funciona, Bohr (1934) reflete alguns dos conceitos-chave que contribuem para essa diferença. A

natureza da teoria quântica nos força a considerar a coordenação espaço-temporal e a asserção da causalidade, cuja união caracteriza as teorias clássicas como aspectos complementares e mutuamente exclusivos da descrição, simbolizando a idealização da observação e da definição (BOHR, 1934, p.55).

Por meio da análise de conceitos fundamentais como tempo, referencial e velocidade, proponho uma leitura filosófica que reconhece a relatividade como um campo fértil de questões ontológicas, epistemológicas e pedagógicas. A proposta deste trabalho é divulgar ideias e explorar implicações filosóficas da Relatividade Restrita, partindo de uma abordagem didática e reflexiva desenvolvida no contexto voltado a estudantes de graduação e de ensino médio. O mundo contemporâneo, ao romper com o paradigma absoluto do tempo e do espaço, abriu caminho para novas abordagens metafísicas sobre a realidade. Neste texto, discutiremos como as composições relativística das velocidades e a rejeição de referenciais privilegiados impactaram a compreensão filosófica do mundo.

Immanuel Kant emerge no século XVIII como uma das figuras centrais do Iluminismo, um período marcado pelo desejo de emancipação racional e crítica frente às estruturas dogmáticas herdadas da Idade Média. Sua filosofia representa um divisor de águas na história do pensamento ocidental, especialmente por meio da 'Crítica da Razão Pura' (1781) e dos 'Prolegômenos a Toda Metafísica Futura que Pretenda Apresentar-se como Ciência' (1783). Estes ensaios buscam analisar como Kant reconfigura a metafísica, promovendo seu esclarecimento por meio da crítica. Kant nasceu em 1724 na cidade de Königsberg, na então Prússia. A Europa passava por profundas transformações culturais e científicas. O Iluminismo propunha a superação da ignorância e do autoritarismo intelectual através do uso livre da razão. Nesse contexto, Kant defende que a liberdade crítica é a chave do esclarecimento humano, marcando uma ruptura com o pensamento dogmático do passado. A 'Crítica

da Razão Pura' (1781) representa o coração do projeto crítico de Kant. Nela, ele busca responder a quatro perguntas fundamentais: o que posso saber? o que devo fazer? o que posso esperar? e o que é o ser humano? Em sua obra posterior, os 'Prolegômenos', Kant apresenta essas ideias de forma mais acessível, destacando a necessidade de uma metafísica que se constitua como ciência e que não poderá prescindir à crítica.

Para Kant, a metafísica tradicional havia se tornado uma prática especulativa desprovida de fundamento, irrelevante e altamente duvidosa. Ele propôs que a metafísica deveria submeter-se à crítica, tal como a alquimia deu lugar à química, e a astrologia à astronomia. A crítica é, portanto, o critério de cientificidade da metafísica. Sem ela, a metafísica estaria fadada à irrelevância. Kant associa o esclarecimento à coragem de pensar por si mesmo e da busca pela uma verdade última. Ele denuncia a covardia e a preguiça como inimigas da autonomia intelectual. A crítica, nesse contexto, é a condição de possibilidade da liberdade. Somente ao abandonar tutelas externas e submeter suas ideias ao crivo da razão, o ser humano alcança sua maioridade.

A atualidade do pensamento Kantiano

Mesmo após mais de dois séculos, a proposta kantiana permanece atual. A exigência de fundamentação crítica é um imperativo para qualquer disciplina que aspire ao estatuto de conhecimento rigoroso. A metafísica contemporânea, foi renovada após a década de 1970, e isso se deve muito à coragem e ao rigor metodológico de Kant, que devolveu à filosofia sua dignidade racional. O pensamento de Immanuel Kant representa um marco na história da filosofia. Ao exigir que a metafísica se fundamente criticamente, ele não apenas salvou a disciplina do descrédito, mas abriu novas vias para sua renovação. Seu legado continua a inspirar pensadores que buscam aliar liberdade, ciência e a razão crítica. Em

tempos de incerteza, a lição de Kant ainda ecoa: pensar por si mesmo é o primeiro passo rumo à emancipação (Kant, 1994).

Na aurora da ciência

A ciência moderna, ao romper com a rigidez das categorias newtonianas, abriu um campo fértil para o diálogo com a metafísica, desafiando antigas certezas e convocando novas perguntas. Albert Einstein, em seu célebre ano de 1905, publicou um conjunto de artigos que mudaram para a forma como concebemos o universo até o momento. No final do século XIX, Michelson e Morley realizaram um experimento que buscava detectar o movimento da Terra através de um suposto “éter luminífero”. A ausência de resultados esperados foi perturbadora. O experimento, sofisticado para a época, baseava-se em comparar o tempo de percurso da luz em diferentes direções, como se a luz fosse nadadores em um rio, ora a favor, ora contra a corrente. Mas nenhuma diferença foi detectada. Essa ausência de diferença—aparentemente um fracasso—foi, na verdade, uma evolução silenciosa. Ela desestabilizou a crença em um substrato absoluto, abrindo espaço para uma nova abordagem do movimento e da luz. Einstein, ao levar a sério esse “nada foi encontrado”, propôs que ‘não há necessidade do éter’. A luz tem velocidade constante em qualquer referencial inercial foi um dos postulados da relatividade restrita que mudou tudo. A partir da relatividade restrita, surge um efeito: a contração do comprimento. Um objeto que se move a grandes velocidades em relação a um observador parece encolher na direção do movimento. Para quem está dentro do objeto, ele continua com o mesmo tamanho (Einstein, 1905). Para quem está fora, ele está menor. Essa simetria de observação subverte a metafísica clássica. A noção de um objeto com comprimento “real” perde o sentido. O real é relacional: “o espaço e o tempo deixaram de ser entidades separadas, absolutas, para formar uma entidade unificada e relativa: o espaço-tempo.”. Outro efeito correlato é a dilatação do tempo: o tempo flui

de forma diferente para observadores em movimento relativo. Isso desafia nossa intuição cotidiana e lança implicações metafísicas profundas. Não existe um agora absoluto. Cada referencial tem seu próprio tempo. Immanuel Kant, em sua *Crítica da Razão Pura*, já intuía que tempo e espaço não são coisas em si, mas formas de nossa sensibilidade. A física moderna reinterpreta e radicaliza essa noção

Consequências para a Metafísica

A física contemporânea não destrói a metafísica—ela a realinha. A metafísica pós-einsteiniana precisou lidar com a contingência dos referenciais, com a multiplicidade dos tempos, com a não-absolutidade do ser espacial. Michael Loux (2006), ao analisar a ontologia contemporânea, aponta que os desenvolvimentos da física desafiam diretamente categorias clássicas de substância, identidade e causalidade. A relatividade, nesse contexto, não é apenas física: é uma ontologia dinâmica, em que o ser é movimento, e o tempo é fluxo de relações. O estudo da relatividade não é apenas uma jornada técnica, mas uma viagem filosófica. Estudar esses efeitos—contração do comprimento, dilatação do tempo, invariância da luz—é confrontar o mistério da realidade. Como já dizia Einstein, “a coisa mais incompreensível sobre o universo é que ele é compreensível” (Einstein, 2003, p 23). Talvez o papel da metafísica, em tempos de ciência avançada e inteligências artificiais, seja o de nos lembrar que compreender é também perguntar. E que cada equação é, antes de mais nada, uma forma de interpretar o mundo e de reposicionar o ser humano dentro dele. A relatividade também nos afeta culturalmente. Em um mundo cada vez mais tecnológico, onde satélites de GPS corrigem seus relógios por conta da dilatação temporal, nossas vidas dependem de efeitos relativísticos. Há uma defasagem entre o conhecimento técnico e o conhecimento filosófico e além disso, em tempos de inteligência artificial e algoritmos, nossa relação com o tempo e o espaço está sendo novamente desafiada. Somos seres finitos habitando um cosmos

cujas leis nos ultrapassam. A relatividade nos convida à humildade e à admiração.

Estudar a relatividade é um exercício de escuta. Escutamos os limites de nossa percepção, as fronteiras da linguagem e os mistérios do cosmos. A natureza, quando compreendida profundamente, não se opõe à filosofia — ela é uma forma de filosofia experimental. A relatividade restrita de Einstein, ao romper com o éter e com os absolutos, nos ofereceu uma nova metafísica: uma metafísica do movimento, da relação, da medida e da finitude. Talvez o maior legado de Einstein não sejam suas fórmulas, mas a coragem de pensar diferente, de aceitar e arriscar novos horizontes e de ver beleza do mundo sem um éter.

A teoria einsteiniana de 1905 introduz dois postulados revolucionários: a constância da velocidade da luz em todos os referenciais inerciais e a equivalência das leis da física nesses referenciais. Tais ideias provocam a rejeição da simultaneidade absoluta, da linearidade do tempo e da imutabilidade do espaço. Do ponto de vista filosófico, a relatividade inaugura um novo paradigma de realidade relacional, onde os eventos são percebidos de maneiras distintas conforme o observador. Essa pluralidade ontológica é análoga a concepções metafísicas contemporâneas que admitem mundos possíveis e pontos de vista complementares.

As transformações de Lorentz e a composição relativística das velocidades chegam a seguinte equação: $v = (v' + u) / (1 + (v'u)/c^2)$, onde c é a velocidade da luz, v' é a velocidade de um referencial em movimento e v a velocidade de um referencial base, demonstra que a soma de velocidades não segue a aritmética clássica, implicando limites naturais (como a velocidade da luz) e transformações não intuitivas. Tais relações desafiam concepções fixas de identidade, movimento e causalidade, apontando para uma metafísica do fluxo e da interdependência. A ontologia do espaço-tempo, moldável e dependente do referencial, desloca o pensamento filosófico do absoluto para o contingente e relacional. Foram trabalhados

diversos experimentos desde 1905, como os relógios atômicos em aviões, exercícios de navegação se aproximando em sentidos opostos e os efeitos paradoxais da dilatação do tempo. Essas situações ilustram como a física moderna rompeu com o senso comum e desafia a lógica aristotélica tradicional. A rejeição do referencial privilegiado promove uma visão igualitária dos pontos de vista, refletindo uma postura filosófica pluralista e aberta à complexidade da realidade. A Relatividade Restrita, como foi desenvolvida por Einstein e reinterpretada revela-se mais do que um modelo de sistemas: ela é um convite a repensar as bases do conhecimento, do ser e do tempo. Ao integrar ciência e filosofia, mostra-se possível construir uma nova metafísica, aberta à crítica, como queria Kant, e capaz de dialogar com os avanços da física moderna e com as exigências de um pensamento crítico, libertador e criativo.

A Relatividade Restrita nos transportou para o cerne de uma das maiores revoluções científicas e filosóficas da história: a Teoria da Relatividade de Einstein. Longe de ser apenas um debate técnico sobre velocidades e equações, a transcrição revela como essa teoria, nascida da mente de um físico usando lápis e papel, desafiou e redefiniu conceitos metafísicos arraigados, provocando um renascimento do pensamento sobre a natureza do tempo, do espaço e da própria realidade.

As principais rupturas introduzidas pela relatividade foram a abolição da ideia de tempo e espaço absolutos e ruptura com éter, substância jamais detectada que engendrava toda a física do século XIX e predecessores, e eram os pilares da física galileana e newtoniana. Antes de 1905, o universo era visto como um palco fixo e imutável, onde eventos ocorriam em um tempo universal e em um espaço independente dos observadores. A simplicidade aparente da soma de velocidades na mecânica clássica refletia essa intuição. Contudo, ao aproximar-se da velocidade da luz, essa simplicidade desmorona. A dilatação temporal e o aumento da massa se tornam efeitos reais, e a noção de simultaneidade absoluta é desmantelada.

Dois eventos que acontecem ao mesmo tempo para um observador podem não ser simultâneos para outro em movimento relativo. Essa constatação, embora inicialmente contra intuitiva, não invalida a causalidade, pois a ordem dos eventos conectados por uma relação causal é preservada dentro de um "cone de luz", onde a informação não excede a velocidade da luz. A realidade, portanto, deixa de ser monolítica e universalmente igual para todos, tornando-se uma tapeçaria de múltiplas realidades coexistentes, cada uma válida dentro do seu próprio referencial.

Essa transformação na física impulsionou uma profunda reavaliação da metafísica. O positivismo lógico do século XX havia tentado marginalizar o pensamento metafísico, considerando suas indagações sem sentido empírico. No entanto, a própria relatividade, ao questionar as categorias fundamentais de substância, tempo e espaço, demonstrou a necessidade de um retorno às perguntas ontológicas mais profundas. Como bem aponta a discussão, a capacidade de Einstein de visualizar o que outros não viram, mesmo com o mesmo arcabouço científico disponível, ressalta o poder da imaginação e da física teórica como um verdadeiro "exercício metafísico". A ciência, como destacado, não pode caminhar sozinha; ela ganha sentido ao se integrar a outras áreas do saber, especialmente aquelas que buscam as questões mais fundamentais da existência humana (Campbell, 2006).

As implicações da relatividade transcendem o campo teórico e tocam em questões éticas e sociais. A equação $E=mc^2$, que revela a equivalência entre massa e energia, exemplifica o poder transformador do conhecimento científico, levando tanto ao avanço tecnológico quanto a dilemas morais, como o desenvolvimento de armas atômicas capazes de destruir a civilização como a conhecemos. A responsabilidade da ciência em sua relação com a humanidade e o futuro do planeta é inegável.

A relatividade de Einstein não foi apenas uma teoria física; foi um catalisador para uma profunda transformação ontológica. Ao

despir o universo de seus absolutos e revelar a natureza relacional do espaço-tempo e do ser, ela nos convida a repensar nossas intuições mais profundas. A dicotomia entre a física clássica e a moderna não é apenas uma mudança de paradigmas científicos, mas um espelho em movimento que nos leva de um realismo substancialista a um estruturalismo dinâmico, onde o ser é definido por sua inserção em uma malha de relações e observações. Esse constante desafio às nossas certezas nos lembra que, embora tenhamos percorrido um longo caminho, ainda estamos na "aurora da ciência", com muito a ser descoberto e compreendido sobre o vasto e complexo universo infinito em que habitamos.

Ontologia do Espaço-Tempo entre Galileu e Einstein

A ontologia é a disciplina que investiga os fundamentos do ser, da existência e da realidade. Ao longo da história, os filósofos buscaram identificar quais entidades compõem o mundo e quais categorias fundamentais permitem descrevê-lo. Contudo, não é apenas no campo da filosofia que essas questões emergem (Campbell, 2006). A física, especialmente em momentos de ruptura teórica, toca em temas ontológicos de forma incisiva. O contraste entre a Relatividade Galileana e a Relatividade Restrita de Einstein é um exemplo paradigmático dessa interface. Essas duas visões da física, além de representarem sistemas conceituais distintos, expressam diferentes ontologias do espaço e do tempo. Enquanto a física clássica sustenta uma ontologia substancialista e objetiva, a física relativística propõe uma ontologia relacional e dependente do observador. Essa transição representa não apenas um avanço empírico ou técnico, mas uma reformulação do próprio modo de conceber a realidade — em perfeita sintonia com as problematizações ontológicas da tradição filosófica.

A ontologia busca entender o que existe e de que maneira existe. Essa tarefa exige identificar categorias básicas como substância, propriedade, relação, evento, entre outras. Uma das

maiores dificuldades dessa investigação, como apontado por Platão, Aristóteles, Kant, Frege, Quine e outros, é que o próprio verbo “existir” comporta ambiguidades. A frase “Pégaso não existe”, por exemplo, parece atribuir uma propriedade negativa a algo que, por definição, não é (Campbell, 2006).

Essa complexidade está na raiz da proposta de Quine de substituir o verbo “existir” por quantificações formais: dizer que algo existe é dizer que há um valor que satisfaz determinada variável. Essa ideia — “ser é ser o valor de uma variável” — ganha relevância quando olhamos para teorias físicas. Afinal, o que são as entidades descritas pela física? Partículas, campos, espaço, tempo, eventos, interações — qual o estatuto ontológico de cada uma dessas categorias? (Campbell, 2006).

A física de Galileu, expandida por Newton, partiu de pressupostos ontológicos claros, ainda que não sempre explicitados: o espaço e o tempo são entidades absolutas, homogêneas e universais. Essa ontologia ofereceu um palco fixo onde os corpos se movem e interagem. O espaço é tridimensional e o tempo flui igualmente para todos os observadores, não importando suas condições de movimento. Ontologicamente, esse modelo pode ser visto como alinhado a uma metafísica substancialista, onde o ser é entendido como persistência e independência. Cada corpo é uma substância que mantém sua identidade ao longo do tempo, e esse tempo é uniforme para o universo inteiro. Não há relatividade na estrutura do ser — apenas nas aparências ou nos sistemas de medida. É uma ontologia que, nas palavras de Aristóteles, confia no “isto-tal”: cada corpo é uma unidade, ocupante exclusivo de um ponto no espaço e num momento do tempo. Isso está em sintonia com a noção de ser enquanto ser como algo definido por sua posição no espaço-tempo absoluto. Mas essa segurança ontológica começa a ruir no século XX (Campbell, 2006).

Com a Relatividade Restrita, Einstein rompeu com a noção de tempo absoluto e espaço separado, propondo o espaço-tempo

como única entidade relacional. Nesse quadro, o tempo, a simultaneidade e as distâncias deixam de ser universais e passam a depender do referencial. Ontologicamente, isso significa que a realidade não é fixa, mas relacional: um evento só adquire sentido em um sistema de referência. Essa perspectiva aproxima a física de ontologias processuais, como as de Russell e Whitehead, em que o mundo é constituído por ocorrências e não por substâncias imutáveis (Campbell, 2006).

A relatividade também sugere uma pluralidade de realidades locais, comparável à ideia de mundos possíveis em filosofia modal. Cada observador constrói sua própria rede de relações espaciotemporais, sem que isso seja mera aparência: o tempo realmente se dilata ou se contrai conforme o movimento relativo. Surge, assim, uma ontologia dos observadores, na qual a realidade se estrutura em função de quem observa. Se a física clássica oferecia a ideia de fundamentos necessários (leis fixas, espaço absoluto, tempo uniforme), a relatividade mostra que até esses elementos são contingentes e dependentes do contexto. O mundo se revela plural e relacional, deslocando a metafísica do necessário para uma ontologia dos possíveis realizados.

Esse quadro impõe novos desafios filosóficos: como conceber o ser se ele depende do observador? Pode haver objetividade em um mundo relacional? Devemos aceitar ontologias variáveis conforme a ciência? Tais questões mostram que a filosofia não é descartada pelo avanço da física, mas é forçada a se reinventar, pois ao tratar de espaço, tempo e existência, o físico inevitavelmente toca o terreno ontológico.

Ontologia Relacional, Mundos Possíveis e a Crítica da Necessidade na Relatividade

A formulação da Relatividade Restrita por Albert Einstein marcou uma ruptura profunda na concepção ontológica herdada da física clássica. Ao abolir o tempo absoluto e o espaço como

entidades independentes, a teoria inaugura a noção de espaço-tempo como uma totalidade relacional, estruturada pela velocidade da luz e pelas relações entre observadores inerciais. Nesse novo quadro, não há mais universalidade no tempo ou na simultaneidade: cada evento só se define em função de um referencial. Ontologicamente, isso implica que a realidade deixa de ser concebida como substância fixa e passa a ser compreendida como rede de relações. A ontologia dos eventos, defendida por filósofos como Russell e Whitehead, encontra aqui uma ressonância: o mundo é tecido por ocorrências localizadas, não por essências permanentes.

A relatividade também aproxima a física de uma leitura modal da realidade. Cada referencial gera uma configuração própria do universo, com suas medidas e relações, equivalendo a uma pluralidade de realidades locais. Trata-se de algo mais robusto que um mero ponto de vista: o tempo realmente se dilata para um astronauta em movimento, e essa vivência não é ilusória, mas constitutiva de sua realidade-relacional. Essa ideia ecoa, em certo sentido, a concepção de mundos possíveis desenvolvida por David Lewis, segundo a qual o mundo atual é apenas um dentre muitos possíveis — diferenciados, no caso da física, por acessibilidade causal e estruturalidade de referenciais (Campbell, 2006).

Se a física clássica oferecia um horizonte de seres necessários — leis eternas, espaço absoluto, tempo uniforme —, a física moderna relativiza esses fundamentos. O ser torna-se contingente, plural e dependente de relações. Desse modo, a Relatividade pode ser interpretada como um deslocamento da metafísica do necessário para uma ontologia dos possíveis realizados: cada referencial concretiza uma versão distinta do real. Essa pluralidade não nega a realidade, mas a complexifica, obrigando-nos a reconhecer que ela é estruturalmente múltipla.

As implicações filosóficas desse quadro são significativas. Em primeiro lugar, coloca-se a questão de como pensar o ser quando sua definição depende do observador. Em segundo, surge o desafio

do conhecimento objetivo: seria possível alcançar objetividade num universo relacional? Por fim, interroga-se se a própria ontologia deve admitir categorias variáveis conforme as descobertas científicas. Essas questões demonstram que o avanço da ciência não elimina a filosofia, mas a convoca a se renovar. O filósofo não pode mais ignorar a física se quiser falar seriamente sobre o ser, e o físico, ao teorizar sobre espaço e tempo, inevitavelmente pisa no terreno da ontologia.

A Relatividade não apenas transformou a física, mas reabriu o debate metafísico em novas bases. Ela nos obriga a repensar o real como relacional, plural e contingente, lançando as categorias tradicionais da filosofia em diálogo inevitável com os modelos científicos. O espaço-tempo, nesse sentido, não é apenas uma construção teórica, mas um convite à reconstrução ontológica do mundo.

Considerações Finais

No limiar do século XX, a ciência enfrentava uma crise profunda e a emergência da mecânica quântica, impulsionada por descobertas experimentais incompatíveis com as teorias newtonianas e eletromagnéticas vigentes, não apenas revolucionou a física, mas também desafiou as noções mais fundamentais sobre a realidade, a observação e o conhecimento científico. Nesse contexto, o antirrealismo ganhou destaque como uma posição filosófica central na interpretação da nova teoria, revelando-se como um elemento crucial na compreensão da história da ciência e na configuração do conhecimento contemporâneo. A aurora da mecânica quântica — marcada por eventos como a formulação da hipótese quântica por Max Planck em 1900, a explicação do efeito fotoelétrico por Albert Einstein em 1905, e o modelo atômico de Bohr em 1913 — introduziu conceitos radicalmente novos: quantização da energia, dualidade onda-partícula, indeterminação e

o papel do observador na definição de fenômenos físicos. Essas ideias rompiam com a visão clássica de um universo determinista, contínuo e independente da observação. A partir de então, a questão sobre o que a ciência realmente descreve — a realidade em si ou apenas nossas observações e previsões — tornou-se inadiável.

Foi nesse cenário que o antirrealismo científico emergiu como uma resposta influente, contrapondo-se ao realismo científico — que sustenta que as teorias científicas descrevem entidades e processos que existem independentemente da mente humana —, o antirrealismo, em suas diversas formas (instrumentalismo, convenção, ficcionalismo), argumenta que as teorias são, sobretudo, ferramentas úteis para prever fenômenos e organizar dados, sem a obrigação de retratar uma realidade objetiva e inacessível. Na mecânica quântica, essa posição ganhou força com a interpretação de Copenhague, liderada por Niels Bohr e Werner Heisenberg. Segundo essa visão, não faz sentido falar de propriedades definidas de partículas (como posição ou momento) antes da medição. O formalismo quântico não descreveria um mundo subjacente de objetos com trajetórias definidas, mas sim as probabilidades de resultados observáveis. Assim, a realidade não é "revelada" pela ciência, mas parcialmente constituída pela interação entre sujeito e objeto. A história da ciência, ao examinar esse período de transição, mostra como o antirrealismo não foi apenas uma consequência filosófica tardia, mas um componente ativo no desenvolvimento da própria teoria. A recusa em postular entidades ocultas (como trajetórias definidas no átomo) permitiu aos físicos avançarem com modelos matematicamente consistentes, mesmo diante da ausência de uma intuição clássica. O sucesso preditivo da mecânica quântica, apesar de sua estranheza ontológica, reforçou a ideia de que a ciência pode progredir sem compromisso com uma metafísica realista. Hoje, o legado dessa aurora continua profundamente presente no conhecimento contemporâneo. O antirrealismo influencia debates em filosofia da ciência, epistemologia e até em

áreas como inteligência artificial e cosmologia, onde modelos altamente abstratos são usados para descrever realidades inobserváveis. Além disso, a mecânica quântica, com suas implicações tecnológicas (como computação quântica e criptografia), tornou-se parte do tecido do conhecimento científico e cultural, exigindo uma reavaliação contínua do que significa "conhecer" o mundo. O alvorecer da mecânica quântica não apenas transformou o mundo, por transformar nossa visão sobre a realidade, mas colocou em xeque a própria ideia de realismo científico. O antirrealismo, longe de ser uma postura cética ou negacionista, revelou-se como uma abordagem epistemologicamente sofisticada, capaz de lidar com a complexidade e os limites da descrição científica. Ao integrar essa perspectiva na história da ciência, reconhecemos que o avanço do conhecimento nem sempre depende de retratar uma realidade objetiva, mas, muitas vezes, de construir modelos eficazes que nos permitam agir, prever e inovar no mundo — mesmo quando esse mundo escapa à nossa intuição mais imediata.

A aurora da mecânica quântica, entre as primeiras décadas do século XX, marcou não apenas uma revolução científica, mas também uma ruptura ontológica e epistemológica de grande alcance. Desde os experimentos de radiação do corpo negro e o efeito fotoelétrico até as formulações de Heisenberg, Schrödinger e Bohr, tornou-se evidente que os modelos clássicos já não conseguiam dar conta dos fenômenos atômicos e subatômicos. Nesse contexto, emergiu uma tensão fundamental entre duas visões: o realismo científico, que entende as entidades teóricas como descrições fiéis de uma realidade independente, e o antirrealismo, que as concebe como construções instrumentais para organizar e prever fenômenos observáveis.

O antirrealismo encontrou terreno fértil nesse momento histórico. A interpretação de Copenhague, liderada por Bohr e Heisenberg, recusava a atribuição de realidade objetiva às partículas

quando não observadas, sustentando que a função de onda descrevia apenas probabilidades de resultados experimentais. Esse posicionamento representava uma quebra com a tradição newtoniana de leis universais e deterministas, propondo, em seu lugar, uma ontologia de possibilidades condicionadas pelo ato da medição. Não se tratava apenas de uma limitação metodológica, mas de uma redefinição do próprio conceito de realidade: o mundo atômico não podia ser pensado nos mesmos termos do mundo macroscópico.

A história da ciência demonstra, nesse sentido, que o antirrealismo não foi um desvio secundário, mas parte constitutiva da formação da mecânica quântica. Debates famosos, como os embates entre Einstein e Bohr, revelam profundidade na disputa. Enquanto Einstein insistia em que “Deus não joga dados”, defendendo a existência de uma realidade subjacente ainda não compreendida, Bohr argumentava que o papel da física não era revelar a essência última do ser, mas apenas descrever coerentemente os resultados de nossas interações com a natureza. O antirrealismo, portanto, tornou-se uma posição epistêmica legítima, ainda que contestada, na aurora da nova ciência. A ciência atual — marcada por desenvolvimentos como a física de partículas, a teoria das cordas, a cosmologia inflacionária e a própria computação quântica — ainda carrega heranças desse dilema. Muitos modelos funcionam de modo altamente preditivo sem que haja consenso ontológico sobre o que eles descrevem. A distinção entre entidades “reais” e “instrumentais” continua em aberto, e, mais do que uma fragilidade, constitui parte da força criativa do empreendimento científico. Ao problematizar a relação entre teoria e realidade, o antirrealismo obriga-nos a pensar a ciência não como espelho neutro do mundo, mas como construção humana, histórica e contingente. Isso não significa relativismo absoluto, mas o reconhecimento de que as categorias com que descrevemos a natureza são mediadas por práticas experimentais, linguagens

matemáticas e consensos comunitários. Nesse sentido, a história da mecânica quântica não é apenas um capítulo do passado, mas um elemento ativo na compreensão de como o conhecimento científico se desenvolve hoje.

Escrever sobre o antirrealismo e a história da ciência na aurora da mecânica quântica significa compreender que a ciência contemporânea se constrói sobre um equilíbrio instável entre realismo e instrumentalismo. Esse equilíbrio, longe de ser um obstáculo, é justamente o que mantém abertas as portas da investigação, permitindo que novas teorias e paradigmas possam emergir. A mecânica quântica, nascida sob o signo da incerteza ontológica, ensina-nos que o conhecimento científico é sempre dinâmico, crítico e inacabado.

A ontologia do espaço-tempo revela um diálogo profundo entre filosofia e física. A Relatividade Galileana representa uma metafísica do absoluto, das substâncias persistentes e das estruturas invariantes. A Relatividade Restrita, por sua vez, propõe uma metafísica do relacional, da variabilidade e da codependência dos entes.

Esse contraste é mais que um exemplo histórico: é um laboratório conceitual para refletirmos sobre o que significa ser. A transição entre esses modelos desafia o filósofo a repensar categorias como substância, tempo, espaço e realidade. Ao mesmo tempo, ela mostra que o progresso científico é também um progresso ontológico — uma mudança na maneira como entendemos a própria estrutura do real. Einstein, ao unificar espaço e tempo, também unificou, de certa forma, o ser e o observar. E talvez esta seja a maior lição ontológica do século XX: não há ser sem estrutura, e não há estrutura sem relação.

Referências

Bohr, N. (1934). *Atomic theory and the description of nature* (pp. 52–91). Cambridge University Press.

Campbell, K. (2006). Ontologia. Tradução de Desidério Murcho. Encyclopedia of Philosophy, ed. Donald M. Borchert (Macmillan Reference, 2006), Vol. VII, pp. 21–27. Acesso em 16/08/2025 em: <https://criticanarede.com/ontologia.html>

Einstein, A. (2001). Relativity: The special and the general theory (R. W. Lawson, Trans.). Routledge. (Original work published 1916)

Einstein, A. (1905). On the electrodynamics of moving bodies. Annalen der Physik, 17, 891–921.

Einstein, A. (2003) Physics & reality. *Daedalus* (2003) 132 (4): 22–25

Kant, I. (1994). *Crítica da razão pura* (2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Kant, I. (2006). *Prolegômenos a toda metafísica futura que pretenda apresentar-se como ciência*. Editora Nova Cultural.

Loux, M. J. (2006). História recente da metafísica. Tradução de Desidério Murcho. Michelson, Michael J. Loux, Encyclopedia of Philosophy, ed. Donald M. Borchert (Macmillan Reference, 2006), Vol. VI, pp. 197–200.

Melo, Maxwell Diógenes Bandeira de; Pôrto Jr., Gilson; (Orgs.). REALISMO E ANTIRREALISMO: vertentes em relatividade e física quântica. Palmas, TO: Observatório Edições, 2025. 173 p. ISBN 978 65-987788-4-2.

MARKETING VERDE E VALORES CULTURAIS: Uma Análise do Impacto na Formação de Comportamentos de Compra Pró-ambientais entre os Hispânicos nos Estados Unidos

Sindy Chapa
Santiago Reyes

Introdução

O objetivo deste estudo é examinar criticamente as estratégias de implementação de campanhas de Marketing Relacionado a uma Causa (CRM) em diversos contextos culturais e organizacionais. Especificamente, ele busca explorar como as iniciativas de CRM são projetadas, comunicadas e percebidas pelos consumidores, e identificar os principais fatores que influenciam sua eficácia para melhorar o valor da marca, a interação do consumidor e o impacto social. Por meio da síntese da literatura existente e da análise das práticas contemporâneas de CRM, o estudo busca

fornecer informações práticas para profissionais de marketing, organizações sem fins lucrativos e acadêmicos interessados na interseção entre marketing, responsabilidade social corporativa e comportamento do consumidor.

Este estudo aprofunda a relação multifacetada entre a consciência ambiental, as atitudes do consumidor em relação aos produtos ecológicos e a implementação estratégica de campanhas de marketing relacionadas a uma causa (CRM). Ele examina especificamente como esses fatores convergem para moldar as intenções de compra, particularmente quando os produtos são posicionados como ofertas de alto valor dentro de estruturas de marketing verde. Ao integrar o CRM nas narrativas de sustentabilidade, as marcas podem melhorar o valor percebido do produto e, a , promover a interação emocional, especialmente quando as campanhas se alinham com as prioridades éticas e sociais dos consumidores.

Além disso, o estudo explora como as orientações culturais coletivistas, especialmente nas comunidades hispânicas, atuam como variáveis moderadoras na eficácia das iniciativas de CRM. A hipótese é que valores culturais como lealdade ao grupo, interconexão familiar e um forte senso de responsabilidade social amplificam a receptividade às mensagens impulsionadas pelo meio ambiente, influenciando assim os resultados comportamentais. Essas dinâmicas são analisadas por meio da Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991), que fornece uma estrutura sólida para compreender como as atitudes, as normas subjetivas e o controle comportamental percebido influenciam a intenção e a ação.

Para captar as nuances geracionais na capacidade de resposta ambiental, o estudo também se baseia na Teoria da Difusão da Inovação (Rogers, 2003), destacando como as gerações mais jovens podem ser pioneiras na adoção de produtos e práticas ecológicas, enquanto as gerações mais velhas podem precisar de mensagens mais específicas para mudar hábitos de consumo

arraigados. Além disso, a teoria de gênero (West e Zimmerman, 1987) é usada para investigar como a identidade de gênero e os papéis socializados influenciam as atitudes em relação à sustentabilidade e ao marketing verde, revelando possíveis disparidades nos processos de participação e tomada de decisão.

Metodologia e discussão

Os dados foram coletados de uma amostra representativa a nível nacional de 2.500 consumidores americanos através do painel online da Dynata. Foram utilizadas escalas validadas, como a escala CRM de Hyllegard et al. (2010), a escala de Preocupação Ambiental de Matthes e Wonneberger (2014) e uma escala de seis itens sobre atitudes em relação a produtos ecológicos adaptada de Taufique (2014) e Haws et al. (2010). A intenção de compra também foi medida utilizando itens de Haws et al. (2010). O estudo inclui coortes de idade, gênero e valores culturais orientados para a etnia para examinar a variação demográfica e cultural. Os dados foram analisados utilizando Modelos de Equações Estruturais (SEM) para verificar as relações propostas e o ajuste do modelo.

Espera-se que as descobertas contribuam para a teoria da comunicação e a prática do marketing, ilustrando como as atitudes, a cultura e a demografia se cruzam para moldar o comportamento pró-ambiental do consumidor. Entre as limitações está o uso de um painel online. No entanto, esta pesquisa oferece informações oportunas para acadêmicos e profissionais que elaboram estratégias de comunicação de marketing inclusivas e culturalmente ressonantes, particularmente dentro do crescente mercado hispânico dos Estados Unidos.

Referências

Ajzen, I. (1991). A teoria do comportamento planejado. *Comportamento Organizacional e Processos de Decisão Humana*, 50(2), 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)

- Haws, K. L., Winterich, K. P., & Naylor, R. W. (2010). Valores do consumidor ecológico: como os valores pessoais influenciam atitudes e comportamentos ecológicos? *Jornal de Psicologia do Consumidor*, 20(3), 319–332. <https://doi.org/10.1016/j.jcps.2010.01.002>
- Hyllegard, K. H., Ogle, J. P., Yan, R. N., & Attmann, J. (2010). A influência do gênero, causa social, apoio beneficente e apelo da mensagem nas respostas ao marketing relacionado a causas. *Journal of Marketing Management*, 26(9–10), 805–827. <https://doi.org/10.1080/02672570903285621>
- Matthes, J., & Wonneberger, A. (2014). O consumidor ecológico cético revisitado: testando a relação entre o consumismo ecológico e o ceticismo em relação à publicidade. *Journal of Advertising*, 43(2), 115–127. <https://doi.org/10.1080/00913367.2013.834804>
- Rogers, E. M. (2003). *Difusão de inovações* (5ª ed.). Free Press.
- Taufique, K. M. R. (2014). Um estudo sobre a percepção do consumidor sobre a rotulagem ecológica em Bangladesh. *Revista Internacional de Estudos de Marketing*, 6(1), 122–135. <https://doi.org/10.5539/ijms.v6n1p122>
- West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Fazendo gênero. *Gênero e Sociedade*, 1(2), 125–151. <https://doi.org/10.1177/0891243287001002002>

PRODUÇÃO DE VISIBILIDADE DIGITAL: considerações sobre possíveis abordagens

Luiz Felipe Vidigal Araujo

Introdução

O campo da comunicação é relativamente recente na história das ciências sociais. Foi somente no século XX que o fenômeno comunicacional começou a interessar os cientistas, que assim estabeleceram muito do que hoje chamamos de Teorias da Comunicação (Braga, 2016, p. 126). Diante desse contexto, este artigo se orienta pela seguinte questão-problema: como a produção de visibilidade digital pode ser investigada metodologicamente de modo a articular pesquisa acadêmica e extensão universitária, contribuindo para a compreensão crítica e para ampliar-se até o tecido social por meio dos processos comunicacionais?

“O fenômeno da comunicação, em sua abrangência, se encontra retalhado entre conhecimentos dispersos, não articuláveis, uma vez que se encontram distribuídos entre disciplinas diferentes” (Braga, 2016, p. 126). Essa interdisciplinariedade se dá, justamente,

pelo fato de a comunicação permear toda a realidade. Todas as ciências sociais têm alguma relação com a comunicação. Todavia, nenhuma delas estuda o *fenômeno comunicacional* em si, como a nossa disciplina. “O conhecimento comunicacional não se organiza ainda como ciência normal – dado que não dispõe de tais macroteorias fundadoras” (Braga, 2016, p. 127). Os primeiros questionamentos vieram, realmente, de outras disciplinas. Mas o ponto é, o avanço do conhecimento do fenômeno comunicacional depende de nós, já que as demais disciplinas vão somente até o limite dos seus interesses próprios (Braga, 2016, p. 127).

Hoje, o campo da comunicação já é reconhecido e respeitado na academia. Ele estuda tudo aquilo que diz respeito ao fenômeno comunicacional. Não basta ter um *aspecto* comunicacional, como no caso das mídias; o objeto de estudo tem que ser o *fenômeno em si*. Com isso em mente, este trabalho assume o esforço exploratório de compreender a produção de visibilidade digital não apenas como objeto teórico, mas também como campo de ação extensionista. Busca-se, assim, aproximar a pesquisa acadêmica da sociedade, explorando caminhos metodológicos que articulem teoria e prática em projetos de investigação e extensão em comunicação. Ao mesmo tempo, reconhece-se que este trabalho se situa em estágio exploratório, buscando mais levantar hipóteses e mapear caminhos metodológicos do que oferecer resultados conclusivos. Essa posição é relevante porque reforça a necessidade da reflexão crítica como etapa necessária para amadurecer futuros projetos de pesquisa e extensão.

Reflexão metodológica

Para se fazer uma boa pesquisa, é necessário refletir sobre a metodologia que será empregada. Primeiramente, o objeto de pesquisa será estudado dentro do campo da comunicação. Isso não quer dizer que outros campos não podem cooperar com a pesquisa,

já que nossos objetos podem se beneficiar muito de tais contribuições. Todavia o nosso campo "já dispõe de um 'acervo' de métodos, procedimentos, reflexões, sistematizações, estruturações constituídos na sua caminhada histórica que não podem ser negligenciados pelo pesquisador que inicia uma nova investigação" (Lopes, 1990, conforme citado em Bonin, 2008, p. 122) e que focam no fenômeno comunicacional em questão no objeto de pesquisa.

Cada pesquisa tem as suas peculiaridades que exigem diferentes "aproximações conforme suas perguntas e objetos" (Braga, 2011, p. 2). Isso fica ainda mais complexo considerando que, apesar de já existirem algumas "estruturações constituídas" no campo comunicacional, não existe ainda uma "sedimentação consensual de referências teórico-metodológicas enraizadas na tradição" o que leva ao risco de improvisação (Braga, 2011, p. 3). Isso torna a base teórica e técnicas gerais de aproximação do objeto de pesquisa ainda mais importante, justamente para trazer rigor científico para o trabalho (Braga, 2011, p. 3). "Temos o objetivo de produzir conhecimento, embora esse fazer científico, hoje, no espaço das ciências humanas, não se pretenda puro, nem objetivo, nem neutro" (Braga, 2011, p. 3).

Diferente de uma perspectiva sobre metodologia como um conjunto de regras de encaminhamento apriorísticas; ou como mero relato posterior de componentes adjetivos à substância do tema; ou ainda como simples adesão a um quadro teórico estabelecido; eu gostaria de enfatizar tais questões como ações concretas e refletidas durante todo o desenvolvimento da pesquisa, desde as primeiras hipóteses até os resultados finais. (Braga, 2011, p. 7)

Devido à complexidade do nosso campo e sua interlocução com teorias e conceitos de diferentes disciplinas, temos que ver a metodologia não como um aspecto a ser meramente cumprido na pesquisa, mas como algo fundamental na exploração empírica. O pesquisador está constantemente envolvido na tomada de decisões

e isso, no fim, que vai ser o diferencial da pesquisa: “o abandono da injunção determinante do ‘a fazer’ impõe maior atenção e cuidados quanto ao ‘em fazendo’” (Braga, 2011, p. 8).

Primeiramente, é necessário fazer escolhas sobre os paradigmas e modelos epistemológicos que serão utilizados. “As decisões tomadas sobre questões deste tipo devem ser coerentes com as visadas mais específicas da pesquisa e, ao mesmo tempo, repercutem direcionamentos sobre todos os outros processos da investigação” (Braga, 2011, p. 8). Posteriormente, o pesquisador precisa se aprofundar na fundamentação teórico-metodológica. “As teorias que adotamos, normalmente, não apenas envolvem explicações da realidade, mas também fornecem os objetos-tipo que em seu âmbito são constituídos e alguma ordem de questões que lhes são dirigidas” (Braga, 2011, p. 8), o que Braga chama de “questão de horizonte,” por assumir o papel central na reflexão e questionamento da pesquisa. “Não há um ponto de partida definido para as tomadas de decisão na pesquisa – elas começam em qualquer ponto e se desenvolvem em todas as direções” (Braga, 2011, p. 9). Evidentemente, algumas decisões são tomadas mais cedo do que outras, como por exemplo a construção do problema de pesquisa, que depois define o objeto de pesquisa (seu recorte, *corpus*) e então exige uma abordagem para ser estudada. Essas decisões, no entanto, não se esgotam no plano abstrato da teoria. Elas se materializam em práticas concretas que articulam pesquisa e extensão. Esse debate metodológico se concretiza em experiências extensionistas, como oficinas de alfabetização midiática, análise de discursos digitais em escolas e laboratório comunitários de produção audiovisual.

No presente artigo, não apresentamos um estudo empírico específico, mas indicamos possíveis caminhos. Investigações futuras poderão se concentrar, por exemplo, na análise de práticas de produção de visibilidade em redes sociais específicas (Instagram, TikTok, YouTube), ou em experiências de extensão que articulem

crítica midiática e produção colaborativa de conteúdos digitais. Essa delimitação permitirá transformar as reflexões aqui desenvolvidas em protocolos metodológicos testáveis. Tais práticas exemplificam como a metodologia comunicacional é tensionada pela realidade social. Uma parte essencial da metodologia é reconhecer que, embora ela não seja fluída, ela exige ser constantemente revisada e criticada. “Há duas opções básicas ao se considerar a questão metodológica: ou perceber o método como uma atitude teórica diante do objeto de pesquisa, sendo dela derivada a escolha do ferramental de análise; ou visualizá-lo como ferramenta passível de possibilitar a organização da pesquisa” (Barbosa, 2016, p. 195).

A metodologia é parte essencial do trabalho. Cabe ao pesquisador usá-la como aliada ao longo do processo de investigação do objeto de pesquisa para avançar seu conhecimento ao mesmo tempo em que está desenvolvendo a pesquisa em si. “Metodologia não é senão um bom planejamento de como responder perguntas claras, objetivas, pertinentes. Um bom problema conduz sua metodologia.” (França, 2016, p.173). Toda pesquisa surge de um questionamento, algo que despertou a curiosidade no pesquisador. Justamente por isso, não é necessário, tampouco esperado, que alguém pesquise *tudo* sobre um objeto. Pelo contrário. É esperado na metodologia que seja feito um recorte, com um escopo factível do que se consiga pesquisar sobre o objeto em questão. O importante para o desenvolver de uma pesquisa é a sua relevância para o campo. No caso do fenômeno de produção de visibilidade, podemos observá-lo desde os primórdios da sociedade, não apenas em um contexto específico. A pesquisa tem como seu principal objetivo avançar o conhecimento científico. Ao investigar um fenômeno comunicacional, se ele for relevante para o campo, mesmo em contextos futuros a pesquisa continuará pertinente. Assim como hoje ainda usamos bases teóricas de renomados autores do passado, futuramente os pesquisadores precisaram conseguir aplicar as bases teóricas do presente em objetos de

pesquisa do futuro. Isso nos leva a outra discussão, tão importante quanto a metodologia em si: como fazer um trabalho que seja replicável?

Reprodutibilidade do trabalho científico

Uma vez estabelecido e compreendido o contexto no qual o trabalho será realizado, o pesquisador tem o árduo trabalho de definir as perguntas específicas para a realização da investigação. Sem elas o objeto de pesquisa fica muito abrangente, o recorte não é claro, e o trabalho está longe de ser replicável. A reprodutibilidade de uma pesquisa científica é essencial para avaliar sua qualidade pois, aplicando o rigor do método científico, a investigação se mostra concreta na construção do conhecimento. Só assim uma pesquisa pode ser considerada válida, caso contrário ela se limita ao tensionamento de teorias, um debate que não leva a construção de algo concreto.

Não é preciso que as descobertas realizadas nas pesquisas empíricas se caracterizem como a vanguarda do conhecimento na área – nossas descobertas raramente o são. Trata-se mesmo de enfrentar a resistência da realidade, cercá-la com nossa problematização e ser capaz de perceber alguma coisa ali que, por mais modesta e singular, antes não era claramente percebida [...]. (Braga, 2011, p. 6)

Em suma, não será o contexto tampouco as teorias que definirão o valor de uma pesquisa. O necessário é compreender o contexto em questão profundamente, com questionamentos pertinentes que levam a um recorte valioso do objeto de pesquisa, que juntamente a fundamentos teóricos nos apontam algo na

realidade do fenômeno comunicacional que pode ser investigada empiricamente e metodologicamente por outros pesquisadores em diferentes contextos e com fundamentos teóricos distintos. Ou seja, é de extrema importância para a reprodutibilidade de um trabalho deixar muito claro a metodologia empregada, fazer uma pesquisa da pesquisa para alinhar o trabalho aos debates existentes (Bonin, 2008, p. 123), detalhar os procedimentos que serão empregados na pesquisa (Braga, 2011, p. 9), deixar muito clara a formulação da problemática (França, 2016, p.154), definir explicitamente os conceitos chave da pesquisa, e dar clareza aos critérios de seleção do objeto de pesquisa, assim como detalhar as técnicas utilizadas para coleta (entrevista, observação, análise de conteúdo, etc.) e os instrumentos utilizados (roteiros, softwares, equipamentos etc.). No entanto, em pesquisas digitais, a replicabilidade enfrenta desafios singulares. O acesso a dados de plataformas está sujeito a mudanças constantes de políticas, algoritmos e termos de uso. Isso significa que uma pesquisa realizada hoje pode não ser exatamente reproduzida amanhã. Por isso, torna-se importante registrar com clareza as condições de coleta e análise no momento da pesquisa, assumindo a replicabilidade como processo situado e contextualizado, em vez de como repetição mecânica de procedimentos.

Na prática extensionista, os limites da ciência e a necessidade de replicabilidade se manifestam quando os pesquisadores enfrentam a realidade de coletivos sociais e precisam adaptar os métodos de análise de visibilidade a contextos diversos. Nessas situações, percebe-se que a metodologia não é apenas uma exigência acadêmica, mas um processo vivo de negociação entre teoria e prática social. Mas esse não é o caso. Como disse Karl Popper, "o que prova que uma teoria é científica é o fato de ela ser falível e aceitar ser refutada" (Popper, 1963, conforme citado em Morin, 1994, p. 38).

Os limites da ciência

A perspectiva do filósofo e sociólogo Edgar Morin é primordial na discussão dos limites do conhecimento científico, não só no campo comunicacional, mas em geral. No seu livro *Ciência com Consciência*, Morin cita frequentemente Karl Popper: “Não basta que uma teoria seja verificável, é preciso que ela possa ser falsificada, isto é, que eventualmente, se possa provar que ela é falsa” (Popper, 1963, conforme citado em Morin, 1994, p. 38). Aqui se dá o conceito de *falseabilidade*. Toda e qualquer teoria nunca poderá ser dita como verdade absoluta porque, a qualquer momento, poderá se observar algo que pode refutá-la. É parte essencial do conhecimento científico a consciência da sua fragilidade. “Ele [Karl Popper] diz que o que é racional na ciência é que ela aceita ser testada e aceita criar situações nas quais uma teoria é questionada, ou seja, aceita a si mesma como ‘biodegradável’” (Popper, 1963, conforme citado em, 1994, p. 39).

A crítica de Morin à ciência evidência justamente o seu valor: reconhecer as próprias limitações. Somos seres humanos, falíveis, limitados e imperfeitos. Naturalmente, nossa ciência precisa ser um reflexo disso. O conhecimento só cresce quando nos juntamos para criarmos coletivamente algo que vá além do individual, é na sua essência cooperativo. Popper diz, “‘A ciência não é um privilégio de uma teoria ou de uma mente, a ciência é a aceitação pelos cientistas de uma regra do jogo absolutamente imperativa.’ No entanto, para obedecer a regra do jogo da verificação e da experimentação, é preciso que haja uma grande atividade de crítica mútua” (Popper, 1963, conforme citado em Morin, 1994, p. 40). O rigor científico de crítica mútua é talvez o maior avanço para a construção de conhecimento. A necessidade de sermos avaliados por pares, e vice-versa, antes de que possamos ser publicados mostra a essência do valor na própria limitação da ciência. A ciência depende da comunidade científica por trás dela. Todavia, Morin também problematiza esse aspecto da ciência,

porque a mesma comunidade que avalia é aquela que decide os consensos entre os pesquisadores (Morin, 1994, p. 42). Ou seja, é um ciclo.

Essa problematização conduz Morin a outra questão central: a objetividade, que “parece ser uma condição de *sine qua non*, evidente e absoluta, de todo o conhecimento científico” (Morin, 1994, p. 40). Morin não nega a objetividade científica no ato de fazer uma pesquisa, já que as teorias são embasadas em dados verificados e/ou falsificados.

“O que se pode contestar, com razão, é que uma *teoria* seja objetiva. Não, uma teoria não é objetiva; uma teoria não é o reflexo da realidade; uma teoria é uma construção da mente, uma construção lógico-matemática que permite responder a certas perguntas que fazemos ao mundo, à realidade. Uma teoria se fundamenta em dados objetivos, mas uma teoria não é objetiva em si mesma” (Morin, 1994, p. 40).

Aqui podemos voltar ao conceito de falseabilidade. Afinal de contas, teorias podem ser contestadas no momento que uma construção, fundamentada em dados verificados, se oponha a ela. Por isso, a ciência é algo perpétuo. Uma vez estabelecida, uma teoria já está aguardando ser desbancada ou questionada por outras construções de conhecimento. Reconhecer a humanidade da ciência é essencial para qualquer pesquisador que queira avançar o conhecimento do campo. Se a verdade pudesse ser alcançada, a ciência sequer seria necessária.

Morin problematiza a objetividade por ela ser criada a partir de “um enorme processo sociológico, cultural histórico e intelectual,”

um consenso dos pesquisadores. (Morin, 1994, p. 41).

Por mais que a ciência se esforce, é impossível separá-la de seu fator limitante humano. “Não existe um fato ‘puro’. Os fatos são impuros. É por isso, finalmente, que a atividade do cientista consiste numa operação de seleção dos fatos.” (Morin, 1994, p. 43). Assim como prega a metodologia, Morin compreende o papel do cientista de observar fenômenos, fazer recortes e selecionar teorias que façam com que a sua pesquisa avance. O que ele critica arduamente é que “existem crenças não experimentais e não testáveis por trás das teorias, isto é, na mente dos sábios e dos pesquisadores. Existem impurezas não só metafísicas mas, sem dúvida, também sociológicas e culturais” (Morin, 1994, p. 44). Isso vai de encontro à condição humana, mais uma vez, e é explicado pelo conceito de *themata*.

Um *thema* (*thema*, singular/ *themata*, plural) é uma concepção fundamental, estável, largamente difundida e que não se pode reduzir diretamente à observação ou ao cálculo analítico do qual não deriva. Isso significa que os *themata* têm uma característica obsessiva, pulsional que estimula a curiosidade e a investigação do pesquisador” (Morin, 1994, p. 44)

Morin traz o exemplo de Einstein, que acreditava que a fonte da verdade estaria na matemática. Ele afirma que “todos somos assim” (Morin, 1994, p. 45) e que “os que são impulsionados por *themata* sentem um tipo de gozo — eu diria quase um coito psicológico — quando acham que o universo responde à intenção que os incita” (Morin, 1994, p. 45). Esse conceito é interessante pois tenta explicar o porquê os cientistas procuram o conhecimento em

primeiro lugar. Conseguir extrair algo da realidade que os rodeia traz uma sensação positiva. É imperativo também considerarmos se existe uma *themata* que permeia o campo comunicacional. Alguma preconceção fundamental que pode ser compartilhada por muitos pesquisadores no campo.

Seguindo com outro conceito ainda relacionado a *themata*, Morin fala sobre paradigma, que "é aquilo que está no princípio da construção das teorias, é o núcleo obscuro que orienta os discursos teóricos neste ou naquele sentido" (Morin, 1994, p. 45). Ele usa o trabalho de Thomas Kuhn em *A estrutura das revoluções científicas* para ilustrar como o conhecimento, "em vez de [seguir] um tipo de racionalidade progressiva e ascensional em marcha na história, [...] a história das ciências, como a história das sociedades, conhece e passa por revoluções" (Kuhn, 1962 conforme citado em Morin, 1994, p. 46). Os paradigmas mudam e, com isso, a concepção do mundo da sociedade e, conseqüentemente, seus cientistas. Ele ilustra essas mudanças com exemplos como com o fim da concepção da centralidade do universo na Terra, que mudou radicalmente a visão de mundo, ou na física quando se descobriu a física quântica (Morin, 1994, p. 46). Morin também passa pelo conceito de Lakatos de programa de pesquisa que são "teorias ligadas, umas às outras, por princípios e postulados comuns. [...] Nesses grupos de teorias, nesses programas, existe um núcleo duro [...] [que] é aquilo que resiste por mais tempo" (Morin, 1994, p. 46). "Então, teoria, *themata*, programa de pesquisa, paradigma etc. são noções que introduzem na cientificidade os elementos aparentemente impuros, mas, repito, necessários ao seu funcionamento" (Morin, 1994, p. 47). Morin reconhece que o aspecto humano da cientificidade que faz com que ela avance dentro das suas limitações. Ele a critica veementemente, mas compreende que, sem isso, o conhecimento não avançaria. O importante para nos pesquisadores é reconhecermos as limitações com as quais lidamos.

O campo da comunicação

Morin faz muitas reflexões extremamente pertinentes para todas as disciplinas. Deixando de lado a ciência como um todo, o campo da comunicação é vítima de todos esses vieses científicos assim como qualquer outro. “As dificuldades começam, portanto, na definição do que seja comunicação e continuam na escolha de seu objeto empírico, na determinação dos seus conceitos basilares, já que é recorrente a visão estreita que qualifica as teorias e os conceitos como inerentes a particularidades de uma ciência e não ao conhecimento científico” (Barbosa, 2016, p. 196). O próprio campo já passa por um desafio de se definir. Muniz Sodré nos oferece uma possível definição no seu livro *A Ciência do comum: notas para o método comunicacional*.

Para Sodré (2014), o campo da comunicação se constitui como um “sistema de inteligibilidade” enquanto “hermenêutica da existência” realizando uma “redescrição” de fenômenos que situam o comum da humanidade. Assim, a ciência do comum, isto é, a comunicação trabalharia em três dimensões ou níveis operativos: o relacional, o vinculativo e o crítico cognitivo ou metacrítico. O primeiro englobaria os estudos em torno das questões midiáticas e que tratam a comunicação a partir do paradigma informacional/tecnológico; o segundo, os estudos sobre comunicação como algo além dos dispositivos midiáticos e incluindo as formas alternativas de comunicação e a sociabilidade estruturada através de um comum (comunicação comunitária, por exemplo); e o terceiro, as análises que procuram discutir a própria comunicação como conceito, além dos métodos e aportes teóricos utilizados.” (Sodré, 2014 conforme citado em Barbosa, p. 197)

Agora, o que é comunicação em si? “A comunicação é um processo de globalidade, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se

dentro dela.” (França, 2016, p.158) A produção de visibilidade se encaixaria, então, com um fenômeno comunicacional por ser uma transmissão de significados a partir de uma imagem. O estudar desse fenômeno no campo comunicacional, então, seguirá não só o contexto do mundo, como foi apontado a relevância quando discutida a metodologia, mas o contexto do campo comunicacional em si. Marialva Barbosa critica o paradigma pós-moderno no qual, segundo ela, estamos inseridos. Ela vê como problemático o “estilhaçamento dos saberes” que fez com que a sociedade fosse percebida como “uma soma de várias subculturas, numa ausência de horizontes holísticos, coletivos, bem como da possibilidade de qualquer tipo de mobilização global” (Barbosa, 2016, p. 199). Isso também é agravado pelo “enfraquecimento de elementos de identificação coletivos (família, nação, ideologias, etc.)” (Barbosa, 2016, p. 199). Além disso, ela também critica a “negatividade como direção preponderante, [...] enfatizando a posição desconstrucionista, através da qual se observa, se compreende e se explica os fenômenos a partir da noção ampliada de texto. Assim, nada existiria fora dos textos, não havendo nem práticas, nem ‘dispositivos’ extratextuais” (Foucault, 1999 conforme citado em Barbosa, 2016, p. 200). Finalmente, ela aponta que a “crítica principal dos que se opõem a essa perspectiva epistemológica diz respeito à supremacia da dimensão simbólica envolvida nas análises, isso porque a ciência teria como pressuposto central o realismo epistemológico, ou seja, a busca pela ‘verdade’.” (Cardoso, 1999 conforme citado em Babosa, 2016, p. 200).

Criticar o paradigma é muito produtivo para entendermos o ângulo pelo qual o objeto de estudo será pesquisado. Todavia, apesar da crítica ser válida, ela também tenta subverter as mudanças que o campo comunicacional trouxe com os avanços de suas teorias. Podemos observar realmente um enfraquecimento de elementos de identificação, uma pulverização de culturas e uma negatividade preponderante (o que pode ser o maior empecilho para uma

discussão produtiva, já que não se deve tomar algo como sendo bom ou ruim). A noção ampliada de texto é extremamente enriquecedora para o estudo da produção de visibilidade. Entender a imagem como um texto nos permite fazer muitos questionamentos e aplicar metodologias distintas que questionam o aspecto comunicacional desse fenômeno. “tal ou tal objeto ou prática não são ‘em si’ comunicacionais, e apenas existem a partir do momento em que os nomeamos e os enxergamos como tal; é resultado de vermos (ou buscarmos enxergar) nesses objetos e práticas uma dimensão comunicativa” (França, 2016, p.156). Já estabelecemos a definição de comunicação, como ela é uma interação, uma ação humana. Todavia, existem outros quesitos importantes na sua definição que não ficam evidenciados, como que a comunicação é uma experiência: “diferentemente de um lago, ou de uma represa, formado por porções homogêneas, a experiência é como um riacho – ela escorre” (França, 2016, p.160). A comunicação em si e seus meios “sequestram nossa experiência” (França, 2016, p.161). Ficamos totalmente envolvidos. Aqui, mais uma vez o paradigma pós-moderno é produtivo por estender a definição de texto. Do mesmo jeito que a leitura é um ato extremamente envolvente, pode-se argumentar que visualizar uma foto é tão envolvente quanto. Ver é um dos sentidos mais forte que temos, e o ato de ver e ser visto exige uma reflexividade: “É na relação com o outro que aprendemos a nos ver como ele nos vê – o que amplia nosso autoconhecimento e alarga o leque de escolhas em nossas tomadas de posição” (França, 2016, p.163). Essa reflexividade, porém, não deve se limitar ao campo conceitual: ela precisa ser exercitada em práticas concretas de extensão universitária. Ainda que este trabalho não apresente um relato sistematizado de ações extensionistas, sua contribuição está em evidenciar a necessidade de aproximar a teoria da prática social. Projetos de extensão futuros podem incluir oficinas de análise crítica de *fake news*, laboratórios de produção audiovisual comunitária ou atividades de alfabetização midiática em escolas. Nessa perspectiva,

a extensão universitária torna-se espaço privilegiado para tensionar essas definições do campo. Ao desenvolver projetos de comunicação comunitária, oficinas de análise crítica de *fake news* ou produções colaborativas de mídia digital, a universidade cria condições para que a teoria seja confrontada pela prática social. Essa articulação não apenas fortalece a pesquisa, mas também devolve à sociedade uma reflexão crítica que amplia a compreensão da comunicação como ciência do comum.

A visibilidade e sua produção

A visibilidade é algo involuntário. Ver e ser visto simplesmente acontece. Somos corpos físicos e a luz que reflete em cada um de nós e é observada por outros faz nossa visibilidade. O fenômeno comunicacional de *produção* de visibilidade implica uma ação consciente, diferentemente da visibilidade que simplesmente é. A *produção* de visibilidade não é algo novo e, muito provavelmente, vai perdurar por muitos anos em nossa sociedade. Vivemos na sociedade do espetáculo e não é de se esperar que imagens deixem de ser pertinentes em nossas relações em nenhum futuro próximo.

Para compreendermos os desafios metodológicos da produção de visibilidade na contemporaneidade, é indispensável situarmos o objeto dentro do contexto das transformações comunicacionais do século XXI. A comunicação, na era digital, não é apenas meio, mas um *ambiente*. A noção de “abundância comunicativa” (Keane, 2020 conforme citado em Mendonça e Aggio, 2021, p. 13) descreve um cenário de sobrecarga de signos, dados, discursos e imagens que circulam incessantemente pelas plataformas digitais. Essa abundância, contudo, não equivale à ampliação do debate público. Segundo Benkler, Faris e Roberts (2018 conforme citado em Mendonça e Aggio, 2021, p. 13), o fenômeno da hiperconectividade tem conduzido a uma

intensificação das bolhas epistêmicas e da tribalização informacional, com grupos que reforçam entre si suas crenças, desconsiderando fontes externas. A produção de visibilidade, nesse ponto de vista, deixa de ser um fenômeno espontâneo para tornar-se um processo orientado por regras algorítmicas. Como alertam Van Dijck, Poell e de Waal (2018 conforme citado em Mendonça e Aggio, 2021, p. 13), os algoritmos não apenas organizam informações, mas determinam quais corpos, discursos e imagens se tornam visíveis ou invisíveis. A visibilidade é, portanto, um recurso escasso e hierarquizado, que depende de performatividade, engajamento e, muitas vezes, da reprodução de padrões mercadológicos. Esse ecossistema híbrido, como define Chadwick (2017 conforme citado em Mendonça e Aggio, 2021, p. 13), mistura lógicas do jornalismo tradicional, das mídias alternativas e das plataformas digitais. Nele, o status de “visível” não decorre apenas da relevância, mas da capacidade de gerar atenção, independentemente do valor informativo ou social do conteúdo.

A análise de Mendonça e Aggio (2021) sobre a transformação da esfera pública revela uma crise estrutural no modelo moderno de circulação de ideias. A esfera pública, que no projeto habermasiano funcionava como espaço de mediação racional entre o Estado e os cidadãos, perde sua centralidade frente à lógica privatista das plataformas digitais. A chamada “plataformização da vida” (Van Dijck, 2018 conforme citado em Mendonça e Aggio, 2021, p. 13) redefine as condições de visibilidade e participação. Se no passado a mídia de massa operava como *gatekeeper*, hoje são os algoritmos que organizam as hierarquias discursivas, baseando-se em critérios de rentabilidade, viralização e retenção do usuário. Esse novo regime comunicacional gera a hipertrofia do privado (Mendonça e Aggio, 2021, p. 9), na qual os interesses coletivos cedem espaço para interesses individuais ou de pequenos grupos. A esfera pública fragmenta-se em microesferas, bolhas e clusters informacionais, onde o senso de coletividade cede

espaço à lógica tribal. Além disso, a abundância comunicativa não trouxe, necessariamente, melhoria epistêmica. Pelo contrário, amplia o fenômeno do culto ao amadorismo (Keen, 2007, conforme citado em Mendonça; Aggio, 2021, p. 15), em que indivíduos sem expertise passam a disputar, e muitas vezes dominar, os espaços de autoridade. Isso impacta diretamente não só a política, mas também os modos como produzimos, consumimos e interpretamos a visibilidade.

Diante desse cenário, o pesquisador de comunicação encontra-se diante de múltiplos desafios metodológicos e éticos. O primeiro deles refere-se à própria definição do objeto: como delimitar o fenômeno de produção de visibilidade num contexto em que as fronteiras entre o público e o privado são porosas, instáveis e mutáveis? A replicabilidade, conceito central no debate metodológico, adquire aqui contornos distintos. Como aponta Bonin (2008), não se trata de repetir procedimentos mecanicamente, mas de construir arranjos metodológicos sensíveis, capazes de dialogar com a fluidez dos objetos comunicacionais. Isso demanda uma postura epistemológica que reconheça a contingência, a parcialidade e os limites do conhecimento, como defende Morin (1994). Por outro lado, surgem dilemas éticos incontornáveis. A pesquisa em ambientes digitais frequentemente exige a análise de dados sensíveis, discursos privados tornados públicos e interações que podem expor sujeitos a riscos simbólicos e materiais. Isso impõe a necessidade de um código ético que vá além dos protocolos tradicionais, contemplando questões como consentimento, anonimato, responsabilidade social e impacto da própria pesquisa sobre os sujeitos observados. Em última instância, o pesquisador precisa adotar uma postura reflexiva e crítica, consciente de que toda produção de conhecimento é, como adverte Morin, uma construção situada, marcada por paradigmas, *themata* e contingências históricas. Reconhecer isso não enfraquece a ciência, pelo contrário, fortalece sua necessidade e potência transformadora.

Aplicada a cientificidade ao objeto de estudo, fica o questionamento até que ponto existe objetividade no estudo da produção de visibilidade? Como disse Morin, uma vez estudado o fenômeno e proposta uma teoria, ela não será um reflexo da realidade: por mais que ela tenha sido fundamentada em dados objetivos, ela não será nada além de “uma construção da mente, uma construção lógico-matemática que permite responder a certas perguntas que fazemos ao mundo, à realidade” (Morin, 1994, p. 40). Como ele evidenciou, a pesquisa será limitada à condição humana. Inevitavelmente, todas as escolhas (desde o que será estudado, como, metodologia) que serão feitas terão um viés humano. Por isso, antes mesmo de começar é necessário indagar se a visibilidade, sequer, pode ser algo produzido.

Considerações finais

Esta foi uma breve reflexão sobre possíveis metodologias para a pesquisa da produção de visibilidade contemporânea digital. É preciso reconhecer o caráter introdutório do trabalho, que busca auxiliar na formulação clara de um objeto de pesquisa que está nos seus primórdios. Ainda não foi feito um recorte claro e justo do objeto de pesquisa, tampouco foi definido em definitivo uma metodologia. Ao longo deste trabalho, buscou-se refletir sobre os desafios metodológicos presentes na investigação do fenômeno da produção de visibilidade no campo da comunicação, especialmente em um contexto atravessado pela plataformização, pela abundância comunicativa e pela crise epistêmica contemporânea, ligado ao paradigma pós-moderno. A partir das discussões sobre os limites do conhecimento científico, ancoradas nos aportes de Karl Popper e Edgar Morin, ficou evidente que toda construção de saber no campo comunicacional está intrinsecamente atravessada por condicionantes históricos, culturais e epistemológicos. A comunicação, enquanto campo de conhecimento, não opera

segundo os mesmos critérios de estabilidade dos modelos tradicionais das ciências humanas. Ela lida com objetos voláteis, fluidos, que se transformam ao mesmo tempo em que são observados. Dessa forma, pensar uma metodologia da produção de visibilidade exige reconhecer não apenas a complexidade do objeto, mas também os limites da própria prática científica que, como nos lembra Morin, é necessariamente inacabada, situada e permeada por incertezas. A noção de replicabilidade, central na lógica científica, adquire contornos específicos quando aplicada aos fenômenos comunicacionais. Não se trata de replicar procedimentos mecânicos, mas de construir percursos metodológicos que sejam sensíveis à natureza relacional, simbólica e mutável da comunicação. Isso demanda, inevitavelmente, uma postura epistemológica que aceita o erro, a refutação e a revisão constante — elementos fundamentais na dinâmica do conhecimento científico.

Além disso, as transformações provocadas pela economia de plataformas, pela plataformização da vida e pela fragmentação da esfera pública trazem implicações diretas para a forma como se produz, se negocia e se disputa visibilidade. Vivemos uma conjuntura em que ser visível se torna um capital simbólico estratégico, profundamente mediado por lógicas algorítmicas, econômicas e culturais. Analisar esse fenômeno implica não apenas descrever práticas comunicacionais, mas também refletir criticamente sobre as condições sociotécnicas que as sustentam. Por fim, este trabalho reforça que a prática da pesquisa em comunicação não pode ser entendida como mera aplicação de modelos pré-estabelecidos. Trata-se, antes, de um exercício constante de reflexão, problematização e tomada de decisões metodológicas que dialoguem com a complexidade dos objetos investigados. Assumir a incompletude, os limites e a provisoriade do conhecimento não enfraquecem a ciência, pelo contrário. É exatamente esse reconhecimento que fortalece seu caráter ético, crítico e transformador, mas tal força só se concretiza plenamente quando a

pesquisa em comunicação se vincula às práticas extensionistas. Em síntese, este trabalho reforça que a pesquisa em comunicação só alcança todo o seu potencial quando vinculada à extensão universitária. A questão-problema aqui formulada – como articular pesquisa e extensão na análise da produção de visibilidade digital – orienta a proposta de compreender a universidade como espaço de investigação crítica e, ao mesmo tempo, de devolução social do conhecimento. Ao articular teoria e prática extensionista, a comunicação cumpre sua função de ciência do comum, contribuindo para a formação cidadã e para o fortalecimento da esfera pública democrática. Reconhece-se, contudo, que esta contribuição permanece introdutória. O próximo passo será transformar essas hipóteses em desenhos metodológicos aplicados, capazes de serem usados em situações extensionistas específicas. Assumir essa limitação não enfraquece o trabalho; pelo contrário, reforça sua vocação como ponto de partida para futuras investigações e práticas acadêmico-sociais.

Referências

Braga, J. L. (2011). A prática da pesquisa em comunicação: Abordagem metodológica como tomada de decisões. *E-Compós*, 14 (1).

Braga, J. L. (2016). Perspectivas para um conhecimento comunicacional. In M. I. Lopes (Org.), *Epistemologia da comunicação no Brasil: Trajetórias autorreflexivas* (pp. 123–141). ECA-USP.

Bonin, J. (2008). Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. *Revista FAMECOS*, 15 (37). <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809/0>

Barbosa, M. (2016). A pluralidade de modelos interpretativos nas ciências humanas e o lugar da comunicação. In C. P. Moura & M. I. V. Lopes (Orgs.), *Pesquisa em comunicação: Metodologia e práticas acadêmicas* (pp. 195–211). EDIPUCRS.

França, V. (2016). O objeto e a pesquisa em comunicação: Uma abordagem relacional. In C. P. Moura & M. I. V. Lopes (Orgs.), *Pesquisa em comunicação: Metodologia e práticas acadêmicas* (pp. 153–174). EDIPUCRS.

Mendonça, R. F., & Aggio, C. (2021). As metamorfoses da esfera pública ou a nova mudança estrutural. In *Anais do 30º Encontro Anual da Compós. Compós.*
<https://proceedings.science/compos/compos-2021/papers/as-metamorfoses-da-esfera-publica-ou-a-nova-mudanca-estrutural>

Morin, E. (1994). O conhecimento do conhecimento científico. In E. Morin, *Ciência com consciência* (pp. 31–75). Publicações Europa-América.

COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL NA GESTÃO CULTURAL: percepção de gestores culturais voluntários no México

Verónica Torres Sandoval

Introdução

O estudo da comunicação interpessoal no âmbito organizacional tem ganhado crescente interesse na última década, não apenas porque permite compreender as múltiplas interações que ocorrem entre os membros das organizações, mas também pelo impacto que tem tanto dentro como fora delas (Beltrán, Gálvez, Klenner, Alarcón e Vera, 2025. De Lucas, Caballero, Diego, 2025. Radue, Mack e Richter, 2025).

Entender a comunicação interpessoal como a troca de mensagens entre duas pessoas requer compreender a interação diádica que ocorre entre elas por meio da comunicação verbal, não verbal e aquela que ocorre quando, indiretamente, trocam informações por meio de recursos tecnológicos. A formalidade ou informalidade dessas trocas depende, ao mesmo tempo, das

relações que existem entre os indivíduos e do contexto em que se comunicam (Scarbrough, 2023). Ao mesmo tempo, a eficácia da comunicação interpessoal está relacionada com a habilidade e flexibilidade com que seus atores se adaptam às diferentes circunstâncias em que interagem.

Considerando que a competência comunicativa integra elementos linguísticos, sociolinguísticos, discursivos, estratégicos, socioculturais e sociais que estão presentes na comunicação interpessoal, de acordo com Pilleux, para Hymes é nos “contextos sociossituacionais em que se realiza a comunicação verbal de uma comunidade” que os indivíduos adquirem competências comunicativas; enquanto que para Fishman

todo ato comunicativo entre duas ou mais pessoas em qualquer situação é regido por regras de interação social, que definem quem fala com quem (interlocutores), qual língua (variedade regional, variedade de idade, sexo ou estrato social), onde (cenário), quando (tempo), sobre o quê (tópico), com quais intenções (propósito) e consequências (resultados) (Pilleux, 2001).

Para Paoli (2011:11), a comunicação “é o ato de relação entre dois ou mais sujeitos por meio do qual se evoca em comum um significado”. Por sua vez, González faz uma distinção entre comunicação interpessoal e comunicação interpessoal competente. Para este autor, a primeira é um “processo pessoal de coordenar significados entre pelo menos duas pessoas em uma situação que permite oportunidades mútuas para falar e ouvir”, enquanto define a segunda como uma “habilidade de agir de forma adequada e eficaz com os outros” (González, 2011:18).

Essa eficácia, no meio organizacional, se estende tanto ao que é dito e escrito quanto ao que é expresso com a linguagem corporal (Adler, Marquardt e Lucas, 2012. Morreale, Osborn e Pearson, 2000). É assim que Spitzberg e Cupach propuseram o “Modelo de comunicação interpessoal competente”, que serve de ponto de partida para esta apresentação, pois deu origem a diferentes pesquisas em ciências administrativas (Purhonen e Vankonen, 2013. Madlock, 2008. Payne, 2005). Neste modelo, a competência comunicativa dos indivíduos depende da capacidade que têm de adotar comportamentos adequados em situações comunicativas específicas.

Dessa forma, os autores identificam três elementos que determinam a competência da comunicação interpessoal: o primeiro é o conhecimento que os indivíduos têm para identificar o comportamento que lhes caberia assumir. O segundo é a habilidade que têm para adotar esse comportamento e o terceiro é a motivação que experimentam para se comunicar com os outros (Spitzberg, 2013 e 2003. Spitzberg e Cupach, 1984). Embora esses elementos ocorram a partir da individualidade, é evidente que, para se concretizarem, eles requerem interação social. A esse respeito, Horila aponta que “nenhum indivíduo pode, em essência, ser competente por si mesmo” e que a competência comunicativa interpessoal só pode ocorrer na medida em que seja relacional (Horila, 2025:170).

Diante da inegável importância do conhecimento altamente especializado e das habilidades que respondem às exigências do crescente ambiente digital organizacional, a capacidade que as pessoas têm de se fazer entender e entender os outros é determinante na construção de relações saudáveis de cooperação e colaboração. Consequentemente, a busca e o cuidado das relações humanas no trabalho constituem um caminho importante para o desenvolvimento e , profissional e organizacional. Como as habilidades de comunicação interpessoal costumam ser classificadas

como suaves ou brandas, sua relevância na vida profissional pode ser subestimada. No entanto, esse tipo de habilidade é um fator-chave para o alcance dos objetivos organizacionais e, mais ainda, para a construção de um tecido social robusto e saudável nos locais de trabalho do século XXI (Arwansyah e Suharyanto, 2025. Atmapratiwi, Setyaningsih e Taufik, 2024. Muthu, Sivakumar e Elamathiyan, 2024. Poláková , Suleimanová, Madzík, Copuš, Molnárová e Polednová, 2023. Dean e East, 2019. Robles, 2012).

Como ocorre em vários campos ocupacionais, a comunicação interpessoal eficaz pode facilitar o desenvolvimento das tarefas diárias e promover um bom ambiente de trabalho. Em diversos estudos, observou-se frequentemente que aqueles que se consideram bons comunicadores tendem a se relacionar melhor com as pessoas ao seu redor, e isso pode ser devido não apenas a um alto grau de autoconfiança, mas também ao fato de serem mais propensos a se envolver em tarefas e funções nas quais podem fortalecer suas habilidades de comunicação com os outros, seja pessoalmente ou diante de grandes grupos.

Entre as habilidades de comunicação que favorecem essas interações sociais, alguns autores referem-se à assertividade, empatia e escuta ativa como habilidades de comunicação interpessoal que requerem experiências adequadas para se desenvolverem; mas também reconhecem outras habilidades igualmente importantes, como expressividade, emotividade, regulação emocional, controle da ansiedade e capacidade de interagir socialmente de maneira positiva; todas suscetíveis de serem adquiridas ao longo da vida (Rubin e Martin, 1994). Isso implica que, embora haja quem nasça com notáveis faculdades para se comunicar eficientemente, as habilidades de comunicação interpessoal podem não apenas ser ensinadas e aprendidas, mas também aperfeiçoadas com o tempo, à luz de experiências que as promovam. Por isso, sua abordagem deliberada a partir da capacitação e do treinamento

costuma ser de grande benefício para as organizações contemporâneas (Muthu et al, 2024. Hynes, 2023. Poláková et al, 2023. Marchand, Carvalho, Câmara, Madazio, Behlau e Cassol, 2022. Wrench, Punyanunt, Thweatt, 2020. Winger, 2016).

No que diz respeito ao cenário em que esta investigação se desenvolve, que é o da gestão cultural, é pertinente salientar que, durante o ano de 2023, as atividades relacionadas com a cultura, a arte e a criatividade no México geraram mais de 1,4 milhões de fontes de emprego. Destas, quase 20% consistiram em trabalhos artesanais, seguidos pelos próprios meios audiovisuais; enquanto o orçamento público destinado ao setor cultural diminuiu 12% em comparação com o ano de 2019. No mesmo ano, o setor cultural contribuiu com 2,7% para o PIB. Nessa contribuição, 2,1% resultaram da participação de empresas privadas, enquanto 0,39% tiveram origem no voluntariado que promove produtos e serviços culturais, seguido por 0,16% proveniente do setor público. Da mesma forma, no México, há mais de 2 milhões de voluntários e 3% deles apoiam atividades culturais e recreativas (Castaño, 2025. INEGI, 2024 e 2021).

Definindo o voluntário como uma “pessoa que, por sua própria disponibilidade, como um ato que nasce de sua vontade e não por obrigação ou interesse, oferece seus serviços e colaboração em atividades de interesse público, comunitário, ambiental, social ou cultural” (Hernán, Valladares e Murillo, 2013:288); “concebemos o voluntário cultural como um promotor da participação cidadã para a transformação social por meio de ferramentas orientadas para o cultivo da criatividade, a divulgação do conhecimento, a difusão da arte, a valorização social e econômica do patrimônio” (Hernán et al, 2013:40).

Nesse horizonte, o voluntariado no setor cultural tem um impacto positivo não apenas do ponto de vista social, mas também monetário e laboral. Sem remuneração econômica, aqueles que participam da arte e da cultura em nosso país fortalecem o tecido

social, mas também o mercado cultural. Como mencionado, entre as múltiplas tarefas realizadas por esses voluntários, a gestão cultural é a que interessa para esta pesquisa. De acordo com Matthey, a gestão cultural é

aquela que atende oportunamente às necessidades e aspirações reais dos habitantes de um determinado território (físico ou mental), respeitando sua matriz, tradições (patrimônio) e dinâmica cultural, com base em um trabalho interativo e criativo, fundamentado em relações horizontais de comunicação e participação, com planos e projetos articulados entre si, dentro de processos que se desenvolvem com metas de curto, médio e longo prazo (Matthey, 2012:5).

Embora no México a oferta educacional para profissionalizar a gestão cultural tenha aumentado, tanto na prática remunerada quanto na voluntária, coexistem profissionais de diferentes disciplinas e aqueles que se formaram através da experiência como gestores culturais. Nesse sentido, Mariscal considera que a gestão cultural se formalizou de três maneiras:

como compromisso social e ocupação profissional, ao ser reconhecida como uma atividade de importância nas dinâmicas atuais, seja como voluntariado ou como atividade remunerada; como profissão (cuja especialidade é o design, operação e avaliação da ação cultural) que busca o reconhecimento social e sua diferenciação em relação a outros profissionais no âmbito da cultura; e, finalmente, como campo

acadêmico interessado na organização e geração de conhecimento a partir da sistematização das práticas e discursos dos gestores culturais em atividade e da articulação de conceitos e métodos de diferentes disciplinas, tomando como objeto a cultura, tanto para analisá-la quanto para a geração de possíveis estratégias de intervenção (Mariscal, 2015:1).

Com esses antecedentes, os gestores culturais voluntários que participaram desta pesquisa são pessoas que não recebem renda por planejar, dirigir e executar as diversas tarefas necessárias para o desenvolvimento, distribuição e comercialização de produtos e serviços culturais; assim como os membros de suas equipes de trabalho também não recebem salários.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa transversal e mista a partir da aplicação da versão abreviada do instrumento *Communicator Style Measure* (CSM) de Norton (McManus, Kidd e Aldous, 1997), uma pesquisa de dados sociodemográficos e uma breve entrevista semiestruturada a uma amostra de conveniência composta por trinta e sete gestores culturais voluntários que trabalham no México. Da mesma forma, foi aplicada uma pesquisa às equipes de trabalho desses gestores culturais. Este estudo foi realizado durante o segundo semestre de 2024 em eventos culturais realizados em diferentes fóruns da Cidade do México.

O instrumento CSM em sua versão abreviada em espanhol foi escolhido por sua acessibilidade e fácil aplicação, razões pelas quais tem sido utilizado em diferentes organizações e ocupações ao longo dos anos. Com este instrumento - cujo alfa de Cronbach é de 0,79 -

é possível conhecer a percepção que os respondentes têm de si mesmos em três dimensões: comunicação eficaz (CE, em que os participantes avaliam a eficácia de sua comunicação com os outros), comunicação dominante (CD, em que classificam a força com que interagem com os outros) e comunicação não verbal (CNV, para identificar como se comunicam além das palavras). Para cada categoria, há seis itens com respostas do tipo Likert de quatro pontos.

Ampliando um pouco a explicação anterior, na dimensão da comunicação eficaz, os itens estão relacionados com a percepção que os respondentes têm de si mesmos sobre a qualidade da interação que têm com outras pessoas. Por exemplo, os participantes classificaram se se consideram amigáveis, se se sentem relaxados ao falar com os outros e se são capazes de deixar uma boa impressão. Para a comunicação dominante, os itens identificam práticas nas quais os indivíduos se impõem sobre os outros. Tal seria o caso da frequência com que discutem, interrompem ou falam mais do que os outros. Em terceiro lugar, para a comunicação não verbal, são formuladas perguntas relacionadas ao uso que os participantes fazem de seus gestos ou linguagem corporal ao interagir com outras pessoas.

A pesquisa com gestores permitiu obter dados como idade, gênero, escolaridade e experiência em gestão cultural voluntária. A pesquisa com equipes de trabalho foi breve e se concentrou em identificar a percepção que seus membros têm de seus gestores em três aspectos: sua eficiência comunicativa, a qualidade de suas interações sociais e sua capacidade de atingir objetivos.

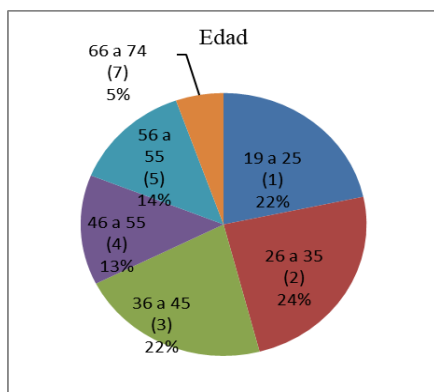
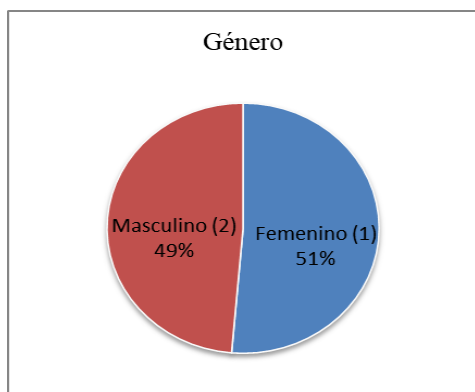
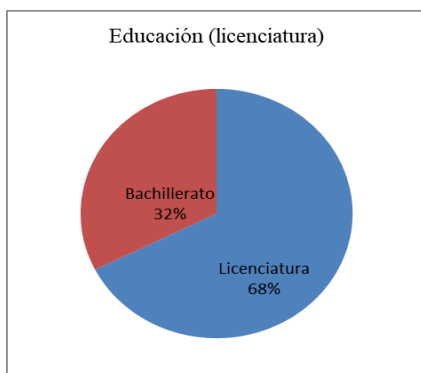
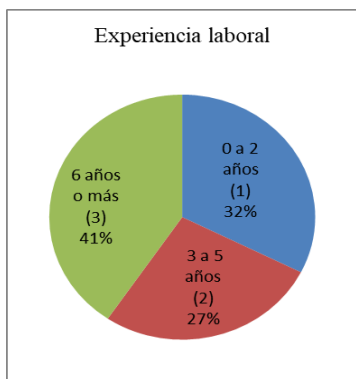
Em sua totalidade, os gestores voluntários que participaram deste estudo são responsáveis por pessoal que também participa voluntariamente de seus projetos. Neste cenário, onde não há incentivos econômicos nem oportunidades de contratação permanente, a boa vontade de todas as partes é essencial para o

desenvolvimento dos projetos que os reuniram; portanto, a eficiência nessas relações de colaboração pode ser determinante para o alcance dos objetivos que, em comum, perseguem.

Assim, este estudo propõe como hipótese que aqueles que consideram ter boas habilidades de comunicação interpessoal têm maior interação social com seus colaboradores, confiam para delegar e consideram que alcançam seus objetivos com maior facilidade. Por outro lado, aqueles que pensam que não possuem habilidades de comunicação interpessoal têm menor interação social, evitam delegar e consideram que é difícil alcançar seus objetivos. É claro que a percepção que os participantes deste estudo têm de si mesmos influencia as relações que constroem com suas equipes de trabalho e, ao mesmo tempo, as respostas que essas equipes dão aos esforços de seus gestores podem reforçar essa percepção diádica, fundamental em todo processo comunicativo (Norton e Miller, 1975).

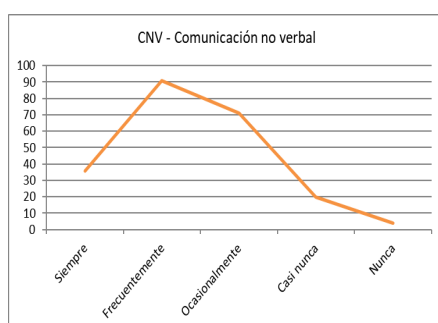
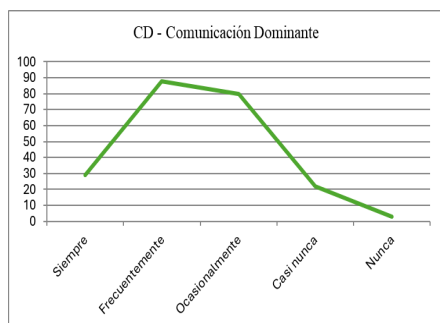
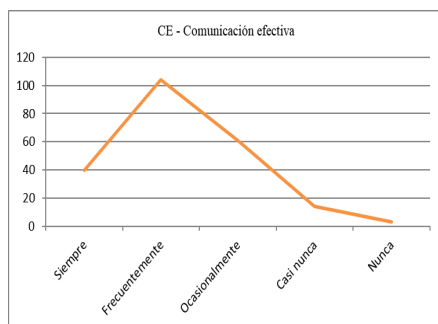
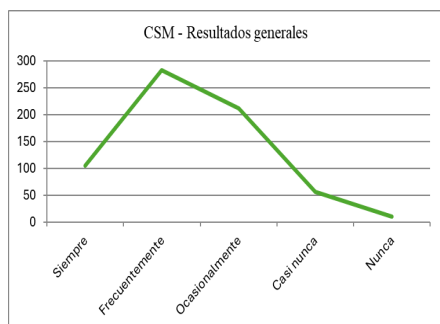
Principais resultados

A seguir, resumem-se os resultados da pesquisa sobre dados sociodemográficos dirigida a gestores:



Os resultados obtidos com a aplicação do instrumento CSM foram consistentes com os relatados em outros estudos, tanto em geral quanto para as três dimensões abordadas. Além disso, foram encontradas correlações negativas moderadas entre a idade e a percepção de habilidades entre os gestores. Ou seja, os mais jovens consideraram-se melhores comunicadores do que os mais velhos de maneira consistente em geral e nas três dimensões do instrumento. O gênero não mostrou correlação com os resultados, assim como a experiência em tarefas de gestão também não mostrou uma correlação significativa. Por outro lado, foram encontradas correlações positivas moderadas entre o nível de estudos e a

percepção das habilidades de comunicação, particularmente na dimensão da eficácia.



Quanto à pesquisa aplicada às equipes de trabalho, ela consistiu em cinco perguntas dicotômicas que permitiram determinar a eficácia de seus gestores como comunicadores, o grau de interação que têm com eles — e a percepção que têm dessa interação —, o nível de delegação de responsabilidades de seu gestor e a eficácia que os gestores têm para atingir os objetivos programados. Os resultados evidenciaram uma discrepância entre a percepção que os gerentes que os dirigem têm de si mesmos em relação às suas habilidades de comunicação interpessoal.

Em 60% dos casos, essa discrepância foi moderada: os gerentes que se avaliaram muito bem como comunicadores foram percebidos como medianamente hábeis por suas equipes de trabalho; mas 15% dos gerentes foram avaliados de forma muito negativa por suas equipes, tendo se avaliado com notas médias em comunicação. Em 20% dos casos, a percepção dos gerentes coincidiu com a avaliação dos gerentes, enquanto 5% das equipes avaliaram de forma muito positiva os gerentes que se avaliaram com notas médias a baixas no CSM. 80% das equipes consideraram que seus gerentes não delegam suficientemente e interpretam isso como falta de confiança em seus colaboradores. 40% expressaram insatisfação com o nível de interação que seus gerentes têm com eles, relatando que seus gerentes têm baixa interação quando, como equipes, eles desejariam maior contato. Sobre o mesmo assunto, 15% das equipes expressaram que seus gerentes exageram na frequência ou intensidade com que procuram interagir com eles. No entanto, 90% das equipes de trabalho consideraram que seus gerentes conseguem atingir frequentemente os objetivos de seus projetos.

Conclusões

Embora o estudo realizado tenha encontrado elementos que apoiam as hipóteses formuladas e os resultados sejam semelhantes aos encontrados em outros estudos, é necessário levar em conta que, por se tratar de uma amostra de conveniência, esses resultados devem ser interpretados com cautela. Da mesma forma, é recomendável contrastar as informações obtidas por meio do CSM com um instrumento que integre questionamentos adequados às condições em que os participantes se comunicam, particularmente no que diz respeito ao uso de ferramentas tecnológicas.

É claro que, ao recorrer a um instrumento de autoavaliação, a comparação com a opinião das equipes de trabalho é útil, mas

merece a concepção de um instrumento rigoroso que permita obter resultados confiáveis a partir da perspectiva diádica. Outro aspecto que, em nossos tempos, é importante considerar quando se fala de habilidades de comunicação interpessoal é o uso de linguagem inclusiva, que não foi abordado neste estudo.

Da mesma forma, considera-se conveniente continuar com o estudo das habilidades sociais no setor escolhido, pois há pouca informação sobre as condições em que se desenvolve a gestão cultural, sobretudo a partir do voluntariado. Ao mesmo tempo, observa-se que os participantes deste estudo demonstraram interesse no desenvolvimento de suas habilidades sociais e a maioria procurou se capacitar, por conta própria, para fortalecer suas habilidades de comunicação interpessoal.

Levando em conta que os participantes deste estudo realizam suas tarefas de forma voluntária e que, como foi apontado na primeira seção deste texto, o voluntariado que em nosso país atua na área cultural é um motor não apenas da cultura e da arte, mas também da economia nacional; é indispensável que em nosso país sejam implementadas políticas públicas que fortaleçam esse setor que, por si só, cria recursos e oportunidades que lhes permitem se desenvolver melhor em suas tarefas. Mas a participação do setor público na gestão cultural do voluntariado não é necessária apenas por meio da obtenção de recursos que dignifiquem esse trabalho, mas também por meio do apoio das instituições governamentais e educacionais, promovendo de forma adequada e oportuna os produtos e serviços que esses voluntários oferecem, sem, no entanto, interferir em sua agência e autonomia. No entanto, qualquer esforço nesse sentido será sempre insuficiente se não forem concebidas e desenvolvidas políticas culturais inclusivas que deem um verdadeiro impulso à gestão cultural a longo prazo.

No que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades essenciais para a gestão de equipes e grupos de trabalho, o apoio à

capacitação e ao treinamento voltados para o fortalecimento das habilidades de comunicação interpessoal desse grupo de gestores, por parte das instâncias governamentais responsáveis pela atividade cultural, poderia ter impactos positivos tanto no desempenho dos grupos que eles dirigem quanto na qualidade e durabilidade das redes de colaboração que constroem, no bem-estar emocional de todos os envolvidos e, acima de tudo, no fortalecimento e na ainda necessária e urgente profissionalização da própria gestão cultural neste país.

Por outro lado, para aqueles que as possuem, as habilidades interpessoais fornecem ferramentas para prevenir e resolver problemas organizacionais muito delicados. Entre elas, a prevenção de riscos psicossociais nos locais de trabalho — incluindo aqueles decorrentes do desgaste ocupacional — e, conseqüentemente, capacitam-nos a criar condições de convivência que têm o potencial de garantir e sustentar o tratamento digno e gentil que deve prevalecer em todas as relações humanas. Ao mesmo tempo, a conscientização do domínio que os indivíduos têm sobre suas habilidades interpessoais lhes dá a oportunidade de identificar áreas de crescimento que podem levá-los a ampliar suas perspectivas de desenvolvimento profissional e mobilidade social. Mas, acima de tudo, boas habilidades de comunicação interpessoal a partir da gestão cultural são uma ferramenta que permite continuar construindo comunidades ativas, saudáveis, produtivas, duradouras e, por que não, felizes.

Referências

- Adler, R. Marquardt, J. Lucas, K. (2012). *Communicating at Work: Strategies for Success in Business and Professions*. EEUU: McGraw-Hill.
- Arwansyah, O. Suharyanto, A. (2025). Increasing the Effectiveness of Interpersonal Communication through Understanding and

Strengthening Self-Concept. *Athena: Journal of Social, Culture and Society*. 3. 514-520. 10.58905/athena.v3i2.372.

Atmapratiwi, H. Setyaningsih, S. Taufik, T. (2024). Improving Interpersonal Communication through Strengthening Personality, Emotional Intelligence, Organizational Culture, and Trust (Using the Path Analysis and SITOREM Analysis Approach in Civil Servant Teachers). *International Journal Of Humanities Education and Social Sciences*, 4(2). <https://doi.org/10.55227/ijhess.v4i2.1332>

Beltrán, J. Gálvez, J. Klenner, M. Alarcón, A. Vera, N. (2025). Desarrollo de la competencia comunicativa intercultural. Desafíos y aportes para la formación de profesionales de la salud. *Acta bioethica*, 31(1), 49-56. <https://dx.doi.org/10.4067/S1726-569X2025000100049>

Castaño, P. (2025). Apostar por las industrias creativas y culturales, esencial para el crecimiento de México. Fundar, Centro de Análisis e Investigación. <https://fundar.org.mx/apostar-por-las-industrias-creativas-y-culturales-esencial-para-el-crecimiento-de-mexico/>

De Lucas, M. Caballero, D. Diego, A. (2025). Futuros profesores y competencia comunicativa. Una revisión sistemática de la literatura. *Teoría de la educación*, 37 (2) 187-214.

Dean, S. East, J. (2019). Soft Skills Needed for the 21st-Century Workforce. *International Journal of Applied Management and Technology*, 18 (1) 17–32. DOI:10.5590/IJAMT.2019.18.1.02

González, S. (2010). Habilidades de comunicación hablada. Asertividad, persuasión, alto impacto. EE. UU.: Grupo Nelson.

Hernán, M. Valladares, P. Murillo, W. (2013). Manual de gestión cultural para voluntarios. Programa Conjunto “Creatividad e Identidad Cultural para el Desarrollo Local” del programa de Voluntarios de las Naciones Unidas (VNU) del Programa de Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD). <https://observatoriocultural.udgvirtual.udg.mx/repositorio/bitstream/handle/123456789/86/Hern%C3%A1n%20Mej%C3%ADa%20-%20Manual%20de%20gesti%C3%B3n%20cultural%20para%20voluntarios.pdf>

Horila, T. (2025). Shared Communication Competence: Moving Beyond the Individual in Interprofessional Communication. En: Fox, S., McAllum, K., Mikkola, L. (Eds.). (2025). *Interprofessional Communication in Health and Social Care Theoretical Perspectives on Practical Realities*. Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-70106-1_10

Hynes, G. (2023). *Interpersonal Communication in the Diverse Workplace. Get Along, Get It Done, Get Ahead*. Routledge.

Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI). (2021). Estadísticas a propósito del día internacional de los voluntarios. https://www.inegi.org.mx/contenidos/saladeprensa/aproposito/2022/EAP_Volunt22.pdf

Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI). (2024). Cuenta Satélite de la Cultura de México (CSCM), 2023. <https://www.inegi.org.mx/contenidos/saladeprensa/boletines/2024/CSCM/CSCM2023.pdf>

Madlock, P. (2008). The Link Between Leadership Style, Communicator Competence, and Employee Satisfaction. *Journal of Business Communication*, 45, 61–78.

Marchand, D. Carvalho, L. Câmara, S. Madazio, G. Behlau, M. Cassol, M. (2023). Impacts of self-reported communication perception and shyness on the public speaking assessment of university students. *CoDAS*, 35(1). <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20212021225en>

Mariscal, J. (2015). La triple construcción de la gestión cultural en Latinoamérica. *Telos, Revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales*, 17 (1) 96-112.

Matthey, G. (2011). Gestión Cultural Pertinente - Versión 2.0 Un necesario desafío para el siglo XXI. Ponencia en el *Primer Congreso Nacional de Gestión Cultural. "Escenarios, tensiones y desafíos de la Gestión Cultural en Chile"*. Escuela de Gestores y Animadores Culturales, EGAC.

<https://observatoriocultural.udgvirtual.udg.mx/repositorio/bitstream/handle/123456789/399/gesti%C3%B3n-cultural-pertinente.pdf>

McManus, I.C., Kidd, J.M. and Aldous, I.R. (1997), Self-perception of communicative ability: Evaluation of a questionnaire completed by medical students and general practitioners. *British Journal of Health Psychology*, 2: 301-315. [https://doi-org.pbidi.unam.mx:2443/10.1111/j.2044-8287.1997.tb00544.x](https://doi.org.pbidi.unam.mx:2443/10.1111/j.2044-8287.1997.tb00544.x)

Morreale, S. Osborn, M. Pearson, J. (2000). Why Communication is Important: A Rationale for the Centrality of the Study of Communication. *Journal of the Association for Communication Administration* 29(2000), 1-25.

Muthu, D. Sivakumar, K. Elamathiyan, D. (2024). The Value Of Soft Skills In Today's Work Environment. *Educational Administration: Theory and Practice*, 30(6)4148-4151.

Norton, R. Miller, L. (1975). Dyadic Perception of Communication Style. *Communication Research*, 2(1), 50-67. <https://doi.org/10.1177/009365027500200103>

Paoli, J. (2011). Comunicación e información. Perspectivas teóricas. México: Trillas.

Payne, H. J. (2005). Reconceptualizing social skills in organizations: Exploring the relationship between communication competence, job performance and supervisory roles. *Journal of Leadership and Organizational Studies*, 11(2), 63-77.

Pilleux, Mauricio. (2001). Competencia comunicativa y análisis del discurso. *Estudios filológicos*, (36), 143-152. <https://www.redalyc.org/pdf/1734/173413831010.pdf>

Poláková M. Suleimanová J. Madzík P. Copuš L. Molnárová I. Polednová J. (2023). Soft skills and their importance in the labour market under the conditions of Industry 5.0. *Heliyon*. 27;9(8):1-20. Doi: 10.1016/j.heliyon.2023.e18670

Purhonen, P. Valkonen, T. (2013) Measuring Interpersonal Communication Competence in SME Internationalization. *Journal of Intercultural Communication*, ISSN 1404-1634, issue 33, November 2013.

Radue, M. Mack, J. Richter, C. (2025). A context-led approach to media systems research. En Richter, C. Radue, M. Horz-Ishak, C. Litvinenko, A. Badr, H. Fiedler, A. (Eds.). *Cosmopolitan Communication Studies. Toward Deep Internationalization* (pp. 115-130). Transcript Media Studies.

Robles, M. (2012). Executive Perceptions of the Top 10 Soft Skills Needed in Today's Workplace. *Business Communication Quarterly*, 75(4) 453–465.

Rubin, R. Martin, M. (1994) Development of a measure of interpersonal communication competence. *Communication Research Reports*, 11:1, 33-44, DOI:10.1080/08824099409359938

Scarbrough, S. (2023). Psychology of human relations. Open Oregon Educational Resources.

<https://openoregon.pressbooks.pub/psychologyofhumanrelations/>

Spitzberg, B. (2003) Methods of interpersonal skill assessment. En Green J. y Burleson, B. *Handbook of communication and social interaction skills*. Mahwah: Erlbaum, 93-134.

Spitzberg, B. (2013). (Re)introducing Communication Competence to the Health Professions. *Journal of Public Health Research* 2 (23): 126–135. <https://doi.org/10.4081/jphr.2013.e23>

Spitzberg, B. Cupach, W. (1984). *Interpersonal communication competence*. EEUU: SAGE.

Winger, S. (2016). *Salisbury University Conversation Skills Rating Scale (CSRS) Interpersonal Communication Assessment Report*. Salisbury University.

Wrench, J. Punyanunt, N. Thweatt, K. (2020). *Interpersonal Communication: A Mindful Approach to Relationships*. Open SUNY Textbooks.

EMPATIA E COMUNICAÇÃO EFICAZ NA RELAÇÃO ENFERMEIRO–PACIENTE: experiências no Hospital Municipal Dr. Antônio Carlos de França Neto e Unidade Básica de Saúde Dona Enite

Edivânia de Souza Santos
Alejandro Machado Sosa
Gabriel Machado Santos
Francisco Gilson Rebouças Pôrto Júnior

Introdução

A comunicação nas instituições de saúde, sejam públicas ou privadas, desempenha papel central na garantia da qualidade do cuidado. O enfermeiro, frequentemente responsável pelo primeiro contato com o paciente — ou, em terminologia atual, com o cliente — precisa ser claro, preciso e assertivo em suas informações. Essa competência comunicativa distingue o profissional de excelência daquele cuja atuação pode comprometer a segurança e a eficácia do atendimento.

No município de Taguatinga, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população deverá atingir aproximadamente 14.199 habitantes em 2025, sendo atendida por um único hospital, o Hospital Municipal Dr. Antônio

Carlos de França Neto. Já na Unidade de Saúde Dona Enite, em Aurora do Tocantins, com população estimada em 3.342 habitantes, a comunicação entre profissionais e pacientes também se mostra fundamental para assegurar a qualidade da assistência, especialmente diante da limitação de recursos e da ausência de cobertura médica em alguns períodos.

A comunicação entre enfermeiro e paciente transcende a mera transmissão de informações técnicas. Trata-se de um processo relacional que envolve acolhimento, escuta ativa e construção de sentido compartilhado, sendo essencial para compreender as necessidades individuais do paciente e promover a humanização do cuidado. Contudo, ainda é recorrente, em muitos contextos no Brasil, a redução da comunicação a um procedimento técnico. Silva, Ferreira e Broca (2006, citados em Silva et al., 2016) destacam que a comunicação terapêutica é um instrumento indispensável para a humanização do cuidado, favorecendo recuperação mais rápida e ampliando a segurança na assistência. De maneira convergente, Negreiros et al. (2010), em estudo observacional, demonstraram que o uso de jargões técnicos compromete significativamente a comunicação terapêutica em ambientes hospitalares, evidenciando a necessidade de uma linguagem simples, acessível e empática.

Dessa forma, articular empatia e eficiência comunicativa deve ser compreendido como uma competência central da prática de enfermagem. No entanto, observa-se que, no cotidiano assistencial, essas estratégias nem sempre são aplicadas de maneira adequada, o que pode comprometer a relação enfermeiro-paciente e a continuidade do cuidado. Nesse sentido, torna-se relevante investigar: como se manifestam as práticas de comunicação na interação entre enfermeiros e pacientes no Hospital Municipal Dr. Antônio Carlos de França Neto e na Unidade Básica de Saúde Dona Enite, localizados no sudeste do Tocantins?

Fundamentação teórica

A literatura brasileira indica que inserir módulos de comunicação terapêutica — que envolvam escuta reflexiva, validação emocional e uso de voz clara — nos currículos de enfermagem é urgente. A proposta de Coelho et al. (2021), com o desenvolvimento de um aplicativo, pode ser replicada como recurso didático capaz de treinar estudantes em simulações empáticas. Além disso, supervisões reflexivas com vídeos e discussão de casos, inspiradas nos grupos de Balint, podem fortalecer essas habilidades para além do ensino técnico.

No campo institucional, protocolos que estimulem o uso de linguagem clara, reuniões voltadas à comunicação e feedback de pacientes e familiares contribuem para reforçar a cultura da empatia. A adaptação de estratégias internacionais, como o *teach-back*, deve ser sustentada por linguagem adequada ao contexto brasileiro — por exemplo, evitar jargões e promover resumos curtos e afetivos, como observam Damasceno et al. (2012).

Wanda de Aguiar Horta, referência nacional em teoria de enfermagem, propôs a Teoria das Necessidades Humanas Básicas, entendendo a enfermagem como “ciência e arte de assistir o ser humano”, com forte ênfase no educar e no acolher. Sua abordagem legitima a empatia como componente epistemológico central da prática, e não como um acessório meramente sentimental (Horta, 1979).

No cenário internacional, a Teoria Interpessoal de Hildegard Peplau enfatiza que a relação entre enfermeiro e paciente é fundamental para o processo terapêutico, devendo ser construída com base na comunicação eficaz, empatia, respeito e confiança. Essa teoria descreve quatro fases principais da relação terapêutica:

Orientação – o paciente reconhece uma necessidade e procura ajuda; o enfermeiro auxilia na identificação do problema.

Identificação – o paciente começa a responder à ajuda e se engaja na relação terapêutica.

Exploração – o paciente utiliza os serviços oferecidos, explorando possibilidades de mudança.

Resolução – o paciente se liberta da dependência do enfermeiro e a relação termina gradualmente (Peplau, 1997).

O enfermeiro desempenha papel essencial não apenas como cuidador, mas também como educador em saúde. Por meio da comunicação efetiva, orienta e estimula o paciente a desenvolver autonomia e responsabilidade pelo próprio cuidado, favorecendo o autocuidado, a prevenção de doenças e a promoção da saúde em nível individual e coletivo (Peplau, 1997; Stefanelli & Carvalho, 2005).

A educação em saúde envolve vínculos entre profissionais e população, buscando valorizar a autonomia do indivíduo e promover conhecimento sobre o autocuidado. O objetivo central é capacitar pessoas e comunidades para decisões conscientes, prevenção de doenças e adoção de práticas que melhorem a qualidade de vida (Oliveira et al., 2006).

A comunicação eficaz entre enfermeiro e paciente estabelece vínculos de confiança, compreensão mútua e segurança, além de favorecer a adesão ao tratamento e fortalecer a relação terapêutica, aspectos fundamentais para um cuidado humanizado e de qualidade (Stefanelli & Carvalho, 2005). Por outro lado, falhas comunicacionais comprometem a continuidade e a segurança do cuidado. Estudos apontam que erros durante a passagem de plantão são fatores críticos de risco para eventos adversos (Joint Commission, citado em Smith, 2025). Nesse contexto, a adoção do método **SBAR** (Situação, Histórico, Avaliação e Recomendação) tem demonstrado melhorar a clareza das informações, reduzindo omissões e falhas interpretativas (Riesenberg, Leitzsch, & Little, 2009).

Além disso, a comunicação assertiva — na qual o profissional manifesta preocupações sobre possíveis erros — fortalece a segurança clínica e pode prevenir danos (Autor, 2023). Intervenções educativas voltadas à comunicação interpessoal e interprofissional evidenciam melhorias na cooperação entre equipes e melhores

resultados clínicos (Weller, Boyd, & Cumin, 2014; Batistini et al., 2017).

Stefanelli e Carvalho (2005) defendem que a comunicação terapêutica é competência essencial, permitindo ao enfermeiro favorecer a autonomia e a cidadania do paciente por meio da escuta empática, do uso do silêncio, do toque, do olhar e de expressões verbais acolhedoras. Essa visão é corroborada por Oliveira et al. (2006), que destacam o caráter sensorial, cultural e afetivo do ato comunicativo.

Estudos empíricos reforçam essa perspectiva: Negreiros et al. (2010) observaram que o uso de jargões e a ausência de estratégias terapêuticas prejudicam a relação de ajuda; Damasceno et al. (2012) identificaram que técnicas simples e empáticas — como perguntar, demonstrar interesse e resumir — são eficazes, mas a validação emocional ainda é pouco explorada; Oliveira et al. (2005) mostraram que, em UTI, recursos como silêncio, escuta reflexiva e humor terapêutico fortalecem vínculos e qualidade do cuidado; Andrade et al. (2015) destacaram que, em pediatria, a comunicação terapêutica com crianças hospitalizadas é instrumento de cuidado, baseado na escuta e na linguagem acessível.

Mais recentemente, Coelho et al. (2021) confirmaram que o uso de aplicativos educacionais melhora o preparo dos estudantes de enfermagem para aplicar escuta ativa, empatia e estratégias humanizadoras na prática clínica.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa e descritiva, baseado na vivência prática dos enfermeiros, ambos autores deste artigo, em momentos distintos, em dois serviços de saúde localizados na região sudeste do Tocantins: o Hospital Municipal Dr. Antônio Carlos de França Neto, em Taguatinga – TO, e a Unidade Básica de Saúde Dona Enite, no município de Aurora do Tocantins – TO.

Estudos qualitativos são apropriados para compreender fenômenos complexos do cotidiano, privilegiando a descrição detalhada de experiências humanas e sociais (Creswell & Poth, 2018; Minayo, 2014). A abordagem descritiva, por sua vez, possibilita a exposição organizada de situações práticas, sem a necessidade de manipulação de variáveis, sendo adequada para relatos de experiência em contextos profissionais (Sampieri et al., 2013).

A escolha desses cenários justifica-se pela relevância dos serviços como pontos de referência para a população local, cada um com suas especificidades: o hospital, por atender demandas de média complexidade com classificação de risco, e a unidade básica, por concentrar a totalidade da assistência à saúde da população de um município de pequeno porte, incluindo o atendimento de urgência em regime de plantão noturno.

A observação no Hospital Municipal Dr. Antônio Carlos de França Neto ocorreu entre julho e agosto de 2025, enquanto na Unidade Dona Enite os registros datam de fevereiro e março de 2019. Em ambos os contextos, os enfermeiros autores realizaram o relato de forma sistemática, documentando situações práticas vivenciadas no cotidiano assistencial, com ênfase nos processos de comunicação entre enfermeiros e pacientes, bem como nas interações da equipe multiprofissional.

Os dados foram registrados em diário de campo e posteriormente organizados em categorias temáticas, de acordo com a relevância para os objetivos do estudo (Minayo, 2014; Bardin, 2016).

A análise de conteúdo temática permitiu identificar padrões recorrentes e categorias emergentes, facilitando a interpretação das experiências humanas complexas (Bardin, 2016). Essa abordagem possibilitou a construção de categorias que refletem tanto as dificuldades estruturais quanto as estratégias adotadas pelos enfermeiros para garantir a qualidade do cuidado, bem como a

compreensão de como a empatia e a comunicação influenciam diretamente o atendimento ao paciente.

Resultados e Discussão

Relato do Hospital Municipal Dr. Antônio Carlos de França Neto

O Hospital Municipal de Taguatinga conta com um quadro de 19 enfermeiros, dos quais quatro são efetivos – sendo um cedido pelo Estado – e 15 contratados. Esse cenário revela não apenas a diversidade de vínculos profissionais, mas também a necessidade de práticas comunicativas eficazes, considerando a sobrecarga de trabalho e as diferentes experiências e formações que compõem a equipe.

Ao chegar à instituição, o cliente dirige-se inicialmente à recepção. Nesse setor, seus dados são inseridos no sistema (ou acessados, caso já tenha sido atendido anteriormente) e, em seguida, encaminhados para a Classificação de Risco. O chamado para esse setor ocorre de forma visual, por meio de painel eletrônico, e sonora, garantindo acessibilidade. É nesse momento que o cliente tem o primeiro contato direto com o (a) enfermeiro (a), responsável por realizar o acolhimento, ouvir atentamente a queixa principal, registrar no sistema e aferir os sinais vitais (SSVV). A escuta qualificada, associada à correta interpretação das queixas, é fundamental para a definição da cor da classificação de risco e, consequentemente, para o direcionamento adequado do atendimento.

A atuação do enfermeiro (a) nesse processo exige uma percepção sensível e uma formação holística, que considere não apenas a condição clínica imediata, mas também a realidade social, cultural e epidemiológica da comunidade atendida. Tal compreensão amplia a capacidade de identificar doenças sazonais, compreender expressões locais e interpretar manifestações de saúde em seus múltiplos contextos.

Nesse sentido, não há profissional mais apto a conduzir esse primeiro contato do que o (a) enfermeiro (a). A empatia torna-se elemento indispensável, pois vai além da técnica: trata-se da capacidade de acompanhar o cliente em sua vulnerabilidade, traduzindo suas falas, medos e expressões para uma linguagem clínica compreensível. Um exemplo disso ocorreu em situação de acidente ofídico, em que um cliente relatou ter sido “mordido por cobra” e mencionou o termo regional “cobra maia” para se referir à cascavel. Para quem não conhece o linguajar local, a informação poderia passar despercebida, comprometendo a escolha correta do soro a ser administrado e a adequada notificação compulsória do caso. Esse episódio ilustra a relevância da empatia e da comunicação eficaz, capazes de transcender barreiras linguísticas e culturais, assegurando a qualidade do cuidado.

A partir desse acolhimento inicial, o médico tem acesso, em seu computador, ao nome do cliente, à classificação de risco, aos sinais vitais e ao registro detalhado produzido pelo enfermeiro (a). De posse dessas informações, pode convocar o cliente de forma mais assertiva e direcionar a conduta clínica, demonstrando como a comunicação estabelecida no primeiro contato influencia diretamente a continuidade do atendimento.

Tabela 1 – Algumas situações vivenciadas pelos enfermeiros na prática assistencial

Situação	Descrição	Contexto/Justificativa
1. Busca ativa de paciente	O enfermeiro(a) se desloca para buscar o paciente na via pública após ligação recebida, geralmente pela recepção, muitas vezes com informações incompletas, mas exigindo celeridade.	Atuação imediata diante de solicitações externas, mesmo sem dados suficientes, para garantir segurança e assistência.

Situação	Descrição	Contexto/Justificativa
2. Realização de curativos	Execução de curativos de rotina, especialmente quando as Unidades Básicas de Saúde estão fechadas (noite, finais de semana e feriados).	Continuidade do cuidado, suprimindo demandas que não podem ser atendidas no horário regular das UBS.
3. Atendimento em urgências e emergências	Prestação de cuidados diretos em situações críticas de urgência e emergência.	Atuação essencial e imediata do enfermeiro para preservação da vida.

Fonte: Autores (2025).

A Tabela 1 apresenta algumas situações recorrentes enfrentadas pelos enfermeiros na prática assistencial. Observa-se que a atuação desses profissionais vai muito além da execução de procedimentos técnicos, envolvendo também responsabilidades emergenciais e, muitas vezes, imprevistas.

Na primeira situação, evidencia-se a busca ativa de pacientes na via pública, geralmente a partir de ligações com informações incompletas. Tal contexto exige não apenas celeridade, mas também capacidade de julgamento clínico e tomada de decisão rápida, o que reforça a importância da comunicação eficaz para garantir segurança e qualidade no atendimento.

A segunda situação destaca a realização de curativos, especialmente durante períodos em que as Unidades Básicas de Saúde se encontram fechadas, como à noite, em finais de semana e feriados. Essa prática reflete o papel do enfermeiro na continuidade do cuidado, suprimindo lacunas do sistema de saúde e evitando que demandas simples evoluam para quadros mais graves.

Por fim, a terceira situação trata do atendimento a urgências e emergências. Nesse contexto, a presença do enfermeiro é essencial

para assegurar intervenções imediatas e potencialmente salvadoras de vidas. A atuação em tais circunstâncias exige preparo técnico, equilíbrio emocional e habilidades comunicacionais, uma vez que, em momentos críticos, a empatia e a clareza na transmissão de informações são determinantes para a qualidade da assistência prestada.

Em conjunto, essas situações revelam como a prática de enfermagem está intrinsecamente ligada a desafios que extrapolam a dimensão técnica, exigindo do profissional sensibilidade, empatia e uma comunicação efetiva para lidar com a complexidade do cuidado em saúde.

Relato da Unidade de Saúde Dona Enite

Na Unidade de Saúde Dona Enite, localizada no município de Aurora do Tocantins — que possui uma população estimada em 3.342 habitantes — foram observadas falhas recorrentes na comunicação entre os profissionais da equipe multidisciplinar, bem como entre a equipe de saúde e os pacientes. Essas deficiências comunicacionais afetavam diretamente a qualidade da assistência prestada, comprometendo a segurança do paciente e contribuindo para um ambiente de trabalho tenso, desorganizado e mais suscetível a erros.

Por se tratar de um município de pequeno porte e sem hospital local, a assistência à população concentrava-se em uma única unidade de saúde. Durante o dia, o espaço funcionava como Unidade de Saúde da Família (USF), e à noite era adaptado para atendimentos de urgência e emergência, em regime de plantão. Apesar dessa flexibilidade estrutural, as limitações do serviço noturno eram significativas, sobretudo devido à ausência de cobertura médica regular.

Na maioria dos turnos noturnos, apenas profissionais da enfermagem permaneciam na unidade, assumindo a responsabilidade integral pelo atendimento aos pacientes. Essa

realidade se tornava ainda mais delicada diante de situações clínicas que exigiam avaliação médica. Nessas 4 circunstâncias, os enfermeiros eram frequentemente pressionados a realizar procedimentos que extrapolavam suas atribuições legais, expondo tanto a categoria profissional quanto os pacientes a riscos adicionais.

Quando os casos configuravam situações de média e alta complexidade, ultrapassando a capacidade resolutive da unidade, os pacientes eram encaminhados para hospitais de referência nos municípios vizinhos de Taguatinga–TO e Arraias–TO. Ainda assim, a demora no acesso a esses serviços de maior complexidade gerava angústia para a população local e sobrecarga emocional para os profissionais de enfermagem, que precisavam mediar situações críticas sem o suporte imediato de um médico.

Esse cenário evidencia não apenas falhas na estrutura física e organizacional do sistema de saúde local, mas também ressalta a centralidade da comunicação eficaz para o trabalho em equipe. A ausência de protocolos bem definidos, a sobrecarga de responsabilidades atribuídas aos profissionais de enfermagem e a falta de articulação com a rede de apoio comprometem a qualidade do cuidado e ampliam o risco ético-legal. Além disso, tais condições intensificam o estresse ocupacional, afetando tanto o bem-estar dos trabalhadores quanto a segurança do paciente.

Conclusão

O relato de experiência evidenciou que a prática de enfermagem nos serviços estudados vai muito além da execução de procedimentos técnicos, exigindo sensibilidade, empatia e comunicação eficaz para assegurar a qualidade do cuidado.

Um aspecto relevante identificado foi a necessidade de conscientizar a população sobre a utilização adequada dos serviços de saúde, especialmente no que se refere à procura pelo hospital apenas após o atendimento prévio na Unidade Básica de Saúde (UBS) ou em situações de urgência e emergência. A busca indevida

por atendimentos hospitalares gera sobrecarga excessiva de trabalho, favorece o desgaste físico e emocional da equipe de saúde e contribui para a precarização da assistência. Ao mesmo tempo, observa-se que a gestão tende a valorizar indicadores de produtividade em detrimento do escopo real do atendimento hospitalar, o que agrava a distorção do uso dos serviços.

No Hospital Municipal Dr. Antônio Carlos de França Neto, destacou-se o papel central do enfermeiro no acolhimento e na classificação de risco, reforçando a importância da escuta qualificada e da correta interpretação das queixas, inclusive diante de barreiras linguísticas e culturais. Já na Unidade Básica de Saúde Dona Enite, a ausência de cobertura médica nos plantões noturnos impôs sobrecarga significativa à equipe de enfermagem, que frequentemente precisou assumir responsabilidades além de suas atribuições legais. Essa situação evidencia a necessidade de protocolos claros, suporte organizacional e estratégias comunicativas eficazes que garantam a segurança do paciente e reduzam o estresse ocupacional dos profissionais.

De forma abrangente, a experiência demonstrou que empatia e comunicação são pilares no cuidado em saúde, pois permitem compreender integralmente as necessidades dos pacientes, fortalecer vínculos e favorecer a articulação eficiente entre os membros da equipe multiprofissional. Esses achados reforçam a relevância de se reconhecer o enfermeiro como agente de cuidado e mediador entre o paciente e a rede de serviços de saúde, especialmente em contextos de recursos limitados e em municípios de pequeno porte.

Recomenda-se a realização de capacitações em empatia e comunicação humanizada, tanto para profissionais de saúde quanto para gestores, visando ampliar a qualidade da assistência e reduzir a sobrecarga nas equipes. Além disso, novos estudos comparativos em diferentes contextos poderão contribuir para aprofundar a compreensão sobre o impacto da comunicação e da empatia na

prática de enfermagem, fortalecendo evidências para aprimoramento das políticas públicas em saúde.

Portanto, este estudo contribui para a reflexão sobre a necessidade de fortalecer práticas comunicativas e humanizadas, reconhecendo que a qualidade do atendimento depende não apenas da competência técnica, mas também da capacidade dos profissionais de compreender e responder às necessidades singulares de cada paciente.

Referências

- Andrade, K. C. da S., Ferraz, F. F., Antão Marques, D. K., Lira Rufino de Lucena, A., & de Freitas Macêdo Costa, K. N. (2015). Comunicação terapêutica: instrumento básico do cuidado em crianças hospitalizadas. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, 9(11), 9784–9792. <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v9i11a10769p9784-9792-2015>
- Batistini, H. C., Bianchini, C., Oliveira, I. C., Grazziano, E. S., & Machado, R. C. (2017). The importance of health professionals communication for patient safety: narrative review. *Nurse Care Open Access Journal*, 4(2), 382–383. <https://doi.org/10.15406/ncoaj.2017.04.00102>
- Coelho, M. de M. F., Miranda, K. C. L., Melo, R. C. de O., Gomes, L. F. de S., Monteiro, A. R. M., & Moreira, T. M. M. (2021). Utilização de aplicativo sobre a comunicação terapêutica na graduação em Enfermagem: estudo clínico randomizado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 29, e3456. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4461.3456>
- Damasceno, M. M. C., Zanetti, M. L., Carvalho, E. C., Teixeira, C. R. S., Araújo, M. F. M., & Alencar, A. M. P. G. (2012). A comunicação terapêutica entre profissionais e pacientes na atenção em diabetes mellitus. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 20(4), 685–692. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000400008>

Ferreira, M. de A. (2006). A comunicação no cuidado: uma questão fundamental na enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(3), 327–330.

Horta, W. de A. (1979). *Processo de Enfermagem*. EPU/EDUSP.

Negreiros, P. de L., Fernandes, M. de O., Macedo-Costa, K. N. de F., & Silva, G. R. F. da (2010). Comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes de uma unidade hospitalar. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12(1), 120–132. <https://doi.org/10.5216/ree.v12i1.9529>

Oliveira, P. S. de, Nóbrega, M. M. L. da, Silva, A. T. M. da C. da, & Ferreira-Filha, M. de O. (2005). Comunicação terapêutica em enfermagem revelada nos depoimentos de pacientes internados em centro de terapia intensiva. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 7(1). <https://doi.org/10.5216/ree.v7i1.861>

Oliveira, M. E. de, Mourão, C. M. de L., & outros. (2009). Comunicação em práticas de enfermagem: revisão da literatura. *Enfermagem Global*, 8(1), 1–7.

Riesenberg, L. A., Leitzsch, J., & Little, B. W. (2009). Systematic review of handoff mnemonics literature. *American Journal of Medical Quality*, 24(3), 196–204. <https://doi.org/10.1177/1062860609332512>

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa* (6ª ed.). São Paulo: McGraw-Hill.

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (4ª ed.). São Paulo: Edições 70.

Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2018). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). São Paulo: Hucitec.

Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research & evaluation methods* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Chen, H.-W., Wu, J.-C., Kang, Y.-N., Chiu, Y.-J., & Hu, S. H. (2023). Assertive communication training for nurses to speak up in cases of medical errors: A systematic review and meta-analysis. *Nurse*

Education Today, 126, 105831.
<https://doi.org/10.1016/j.nedt.2023.105831> [PubMed](#)
Joint Commission. (2024, August 22). Reducing handoff communication failures and inequities in healthcare. *The Joint Commission Journal on Quality and Patient Safety*. [jointcommission.org](https://www.jointcommission.org)
Steve Alder. (2025, April 2). Effects of poor communication in healthcare – 2025 update. *HIPAA Journal*. [The HIPAA Journal](#)
(Review study) Poor communication contributes to 24% of patient safety incidents and is the sole cause in 10% of incidents. *Annals of Internal Medicine* review via summary. [Respiratory Therapy](#)

A

Ação extensionista – p. 14–18, 62, 104

América Latina – p. 9–12, 40–45, 132

contextos comunicacionais – p. 43–45

integração acadêmica – p. 138–142

Análise de discurso – p. 76–78, 120

Aproximação universidade-sociedade – p. 18–20, 68

B

Boas práticas de extensão – p. 60–66

C

Capital simbólico – p. 83–85

Ciência cidadã – p. 90–94

Cidadania comunicativa – p. 33–35, 97

Comunicação – p. 21–25, 70–76, 112–118

científica – p. 72, 112–113

comunitária – p. 44–46, 105

organizacional – p. 117–118

pública – p. 24–25, 108

Comunicação e educação – p. 47–50, 83–84

Comunicação intercultural – p. 54–55

Comunicação popular – p. 57–59

Comunicação e desenvolvimento regional – p. 92–95

Comunicação e cidadania – p. 33–35, 76

D

Dados abertos – p. 100–101

Democratização da informação – p. 72–74

Desinformação e fake news – p. 118–120

Desenvolvimento sustentável – p. 95–97

Difusão científica – p. 70–73

E

Educação midiática – p. 49–51

Epistemologias latino-americanas – p. 9–11, 42–43

Ética na comunicação – p. 119–120

Extensão universitária – p. 13–20, 58–62, 104

práticas extensionistas – p. 60–62

planejamento e avaliação – p. 104–106

F

Formação cidadã – p. 30–33

Formação crítica – p. 28–30

Formação de comunicadores – p. 26–28

G

Gestão de projetos de extensão – p. 100–104

H

Humanidades digitais – p. 98–99

I

Identidade latino-americana – p. 10–12, 44

Inclusão social – p. 33, 62

Inovação em comunicação – p. 94–97

Interdisciplinaridade – p. 15–17, 77–79

J

Jornalismo científico – p. 110–112

Jornalismo comunitário – p. 44, 106

M

Mídia alternativa – p. 59–61

Mídias digitais – p. 50–53

Mídias sociais – p. 52–53

O

Observatórios de comunicação – p. 100–102

Organização universitária – p. 18–20

P

Pesquisa aplicada – p. 64–68

Pesquisa em comunicação – p. 21–25, 70–74

Pesquisa extensionista – p. 66–68

Políticas de comunicação – p. 108–110

Práticas colaborativas – p. 85–88

Produção de conhecimento – p. 63–65

Produção cultural – p. 80–82

R

Redes acadêmicas – p. 137–140

Redes colaborativas – p. 85–87

Redes de comunicação – p. 135–138

S

Saberes locais – p. 82–83

Saberes populares – p. 84–85

Sociedade da informação – p. 70–72

Sustentabilidade comunicacional – p. 95–97

T

Tecnologias de informação e comunicação (TICs) – p. 49–53

Teoria da comunicação – p. 21–23

Territorialidade – p. 45–47

Transferência de conhecimento – p. 63–65

U

Universidade pública – p. 11–15, 19–20, 60

Universidade e sociedade – p. 18–20

V

Vinculação social da ciência – p. 90–94

Visibilidade científica – p. 72–73

Vozes subalternas e representatividade – p. 43–44, 84

Adriano Alves Silva

Doutorando em Ciência, Tecnologia e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui Mestrado em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), certificado em Harvard (Leaders of Learning), MBA em Comunicação Empresarial e Marketing (ITOP), pós-graduação em Tecnologias Educacionais Inovadoras (UniCatólica), e em Arteterapia. Além disso, é bacharel em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda, licenciado em Artes Visuais e está graduando em Psicologia. Adriano tem experiência docente, tendo sido professor no Centro Universitário UNITOP (2013-2015), na Faculdade Católica do Tocantins (2015-2021), onde coordenou o Programa de Extensão do curso de Arquitetura e Urbanismo, o Núcleo de Arte e Cultura, e participou do NADIME - Núcleo de Apoio Didático e Metodológico do Ensino. Também lecionou no Centro Universitário Luterano de Palmas (2013-2017) no curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, e no Instituto de Ensino e Pesquisa Objetivo Palmas (2013-2014). Atualmente, leciona módulos em pós-graduações da Escola Superior da Magistratura Tocantinense (ESMAT) e no Instituto IDASP.

Alberto Efendy Maldonado Gomez de la Torre

Professor Titular Sênior Visitante/ Pesquisador permanente (PPGeM-UFRN) 2025-. Catedrático-Titular: Cátedra Michèle e Armand Mattelart- CIESPAL (2016-2025). Professor- Titular (Catedrático)/investigador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação-UNISINOS: 1999-2025-(Excelência acadêmica- Internacional CAPES 7), Pós-doutorado UAB- Barcelona (2004-2005). Doutor (PhD) em Ciências da Comunicação (USP) 1999. Prêmio Honra ao Mérito em Investigação da Cátedra UNESCO-

UMESP-SP- 2006 (conjunto da obra sobre América Latina). Prêmio CAPES/Tese-/Orientador- Ciências Sociais Aplicadas-2011. Prêmio Menção Honrosa, COMPÓS/Tese, 2019. Prêmio Educação RS- 2020 (SINPRO). Prêmio Maturidade Acadêmica da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação INTERCOM- 2022. Licenciado em Comunicação Social, UCE- 1991. Coordenador Geral da Rede-AMLAT.

Alejandro Machado Sosa

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA). Especialista em Urgência e Emergência pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Atua como enfermeiro nos municípios de Taguatinga e Ponte Alta do Bom Jesus, no estado do Tocantins.

Ana Kamila Silva Azevedo

É Mestre em Gestão da Informação e do Conhecimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2019). Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Potiguar (2004) e em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004) e especialização em Jornalismo e Crítica Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). É editora do site Cinéfila por Natureza. Tem experiência na área de Comunicação Social, com ênfase em Assessoria de Imprensa, Marketing, Relações Públicas, Cerimonial, Organização de Eventos, Gestão de Informações e Revisão de Textos. Atualmente, é Produtora Cultural na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sendo responsável pela elaboração e colaboração no planejamento e divulgação dos eventos culturais, artísticos e administrativos, bem como de ensino, extensão e pesquisa. Atualmente é Doutoranda no

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN, na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Angie Lorena Machado Rueda

Graduada em Comunicação Social-Jornalismo, Universidade de Tolima. Participa do Grupo de Investigación Ibanasca (Universidade de Tolima).

Caroline Carvalho Silva

Bolsista Capes DS. Jornalista e mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom/UFT).

Edivânia de Souza Santos

Graduada em Enfermagem pela Faculdade FAPAL. Especialista em Enfermagem em Terapia Intensiva – UTI pela Faculdade Laboro.

Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior (Gilson Pôrto Jr.)

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Graduado em Jornalismo, Pedagogia, História e Letras. Realizou estudos de pós-doutoramento nas universidades de Coimbra (Portugal), Cádiz (Espanha), Brasília (UnB) e Unesp. Professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão, da Universidade Federal Fluminense (PGCTIn-UFF), no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS-UFT) e no Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu-UFBA). Coordenador do Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje).

Gabriel Machado Santos

Possui especialização em Contabilidade (2024) e em Gestão Pública (2024) pela Faculdade Internacional Signorelli, além de ser mestre

em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT, 2022). É também especialista em Economia (2020) pela Faculdade Internacional Signorelli e em Gestão Estratégica em Inovação e Política Científica e Tecnológica pela UFT (2018). Graduado em Ciências Econômicas pela UFT (2018) e em Ciências Contábeis pela Faculdade ITOP (2015). Atuou como coordenador do curso de Ciências Contábeis no campus Dianópolis da Unitins (2022-2025) e como coordenador do Núcleo de Inovação e Soluções Contábeis (2022-2025).

Ingrid Pereira de Assis

Professora efetiva do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM), também da UFT. Doutora em Jornalismo pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com doutorado sanduíche pela Universidade de Aveiro (Portugal), e membro do grupo de pesquisa GIPTele, da UFSC.

José Castro Oscar

Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Tecnologias e Desenvolvimento Social para o NOA -CIITED-CONICET-UNJu- / Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais, Universidade Nacional de Jujuy.

José Lauro Martins

Graduação em Filosofia, mestre e doutor em Ciência da Educação. Desenvolveu os estudos de Pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn), da Universidade Federal Fluminense. É professor associado da Universidade Federal do Tocantins. Atua no curso de jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde

(PPGECS/UFT). É membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão "Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino" (Opaje). É pesquisador em Inovação pedagógica e gestão da aprendizagem.

Julia Rodrigues Vidal

Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Especialista em Auditoria e Controladoria Financeira pela Faculdade Famart. Possui pós-graduação em Docência do Ensino Superior, Educação Financeira, Auditoria e Controladoria Financeira, e Contabilidade Pública e Lei de Responsabilidade Fiscal, todas pela Faculdade Famart.

Leonardo Pinheiro da Silva

Profissional vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV/DGPE), atuando desde agosto de 2025 como Analista de Negócios Corporativo Sênior na Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Porto Nacional, com foco no acompanhamento de indicadores educacionais e apoio à gestão estratégica para melhoria contínua do ensino. Atuou como Agente Local de Inovação (ALI) por 36 meses no ecossistema de Araguaína / Chambary Valley, onde desenvolveu ações de governança, suporte a empreendedores e fortalecimento do ecossistema local de inovação. Doutorando em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn/UFF), mestre em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação (PROFNIT/UFT), especialista em Gestão de Negócios (BBI of Chicago), graduado em Logística (UFT) e atualmente cursa Gestão da Produção Industrial (IFTO).

Luiz Felipe Vidigal Araujo

Atualmente é mestrando do PPGCOM da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) São Paulo. Possui graduação em Comunicação pela New York University (2019) e MBA em Gestão

Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (2023). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Fotografia. Integrante do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq, Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo (PPGCOM ESPM).

Massiel Reyes Leconte

Doutora em Comunicação pela Universidade APEC da República Dominicana. Mestre em Comunicação pela Educa Business School.

Maxwell Diógenes Bandeira de Melo

Doutor em Física. Líder do grupo de pesquisa Física Aplicada onde trabalha com QFT e simulação simétrica de motores de indução trifásicos. Nos últimos anos dedica-se também ao campo de estudo do Antirrealismo na Metafísica. É coordenador do programa de Pós-Graduação Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT), mestrado stricto-sensu profissional em rede, ponto focal UFT, sendo docente credenciado para o biênio 2025-2026 no PROFNIT. Ministra disciplinas como Sinais e Sistemas no Curso de Engenharia Elétrica da UFT e Transferência de Tecnologia no ponto focal UFT do PROFNIT, em Palmas, Tocantins, Brasil.

Santiago Reyes

Mestrando da Universidade Estadual da Flórida (FSU) Atua no Centro de Comunicação de Marketing Hispânico · Universidade Estadual da Flórida.

Sindy Chapa

Doutora. Professora associada da Escola de Comunicação da FSU e diretora do Centro de Comunicação de Marketing Hispânico (HMC) da escola. Com mais de 10 anos de experiência em ensino, Chapa lecionou cursos de marketing nos EUA, México e Chile. Anteriormente, trabalhou como Professora Assistente e Diretora

Associada do Centro de Estudos de Mídia e Mercados Latinos na Escola de Jornalismo e Comunicação de Massa da Universidade Estadual do Texas (TSU) desde 2008.

Sinomar Soares de Carvalho Silva

Doutor em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn) na Universidade Federal Fluminense. Possui mestrado em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins, Especialização em Ensino de Comunicação/Jornalismo: Temas contemporâneos (UFT) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo também pela Universidade Federal do Tocantins (2009).

Verónica Torres Sandoval

Doutora. Professora na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Atua na Divisão de Pesquisa da Faculdade de Contabilidade e Administração.

PESQUISA E EXTENSÃO EM COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

ORGANIZADORES:

Gilson Pôrto Jr.

Sinomar Soares de Carvalho Silva

José Lauro Martins

Leonardo Pinheiro da Silva

Adriano Alves Silva


FELAFACS
Federación Latinoamericana de
Facultades de Comunicación Social


Observatório
Edições



9

786598

858292

